

**Ariadne Maria de Mendonça Chaves**

**BÁRBARA ELIODORA, UM BORDADO NACIONAL**

**PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS**  
**Teoria Literária e Crítica da Cultura**

Fevereiro de 2014

**Ariadne Maria de Mendonça Chaves**

**BÁRBARA ELIODORA, UM BORDADO NACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Teoria Literária e Crítica da Cultura

Linha de Pesquisa: Literatura e Memória Cultural

Orientadora: Profa. Dra. Eliana da Conceição Tolentino

**PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS**  
**Teoria Literária e Crítica da Cultura**

Fevereiro de 2014

## BÁRBARA ELIODORA, UM BORDADO NACIONAL

### Banca Examinadora

*Eliana da Conceição Tolentino*

---

Profa. Dra. Eliana da Conceição Tolentino – UFSJ – Orientadora

*Kelen Benfenatti Paiva*

---

Profa. Dra. Kelen Benfenatti Paiva – IF Sudeste-MG – Titular

*Maria Ângela de Araújo Resende*

---

Profa. Dra. Maria Ângela de Araújo Resende – UFSJ – Titular

*Cláudio Márcio do Carmo*

---

Prof. Dr. Cláudio Márcio do Carmo  
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras

**Fevereiro de 2014**

A minha GRANDE família.

## AGRADECIMENTOS

A Deus.

A minha querida família, entre tantos nomes e rostos, pela “força”, pela compreensão por tantas “ausências” dedicadas ao estudo, mesmo estando por perto, e incompreensão nas horas em que eu realmente precisava descansar. Sem a mesma, esse “itinerário” teria sido muito complicado.

À professora Eliana, minha orientadora acadêmica desde a iniciação científica: pela direção que deu à trajetória dessa pesquisa, pelo incentivo a minha formação profissional, sempre me direcionando a acervos, e pela atenção encantadora, mesmo em meio a tantas intempéries, como as da coordenação do Mestrado, na qual estive à frente durante quase toda a pesquisa.

Ao corpo docente do Programa de Mestrado em Letras da UFSJ, e, em especial, às professoras Adelaine LaGuardia e Maria Ângela de Araújo Resende, porque me inspiraram bastante com suas disciplinas, possibilitando uma abertura maior do meu olhar crítico.

As minhas colegas mais próximas no mestrado; “Rosi”, “Fa”, Roberta, Luciana e “Vandi”; por diversos momentos partilhados, como seminários, cursos, viagens acadêmicas, entre outros.

À Cida Chaves e à Deise Mara Baliero, pela leitura desta dissertação.

À colega Júlia Reyes, pelo livro *A dança da serpente*, interessante leitura que ampliou as possibilidades de discussão memorialística acerca de meu objeto de estudo.

À policial Isamara Rafeu Tadeu, graduada em Letras, na UFSJ, pela boa vontade, sem nos conhecermos, de me ceder fotografias das figuras de Tiradentes, das fardas sua e de seu pai.

Ao monsenhor padre Sebastião Raimundo de Paiva (*in memoriam*), por me viabilizar o acesso a dados sobre Bárbara Eliodora, constantes em um dos *Livros de Tombo* da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, do período de 1969.

Ao Carlos, pelo apoio na organização final desse trabalho.

Por fim, à CAPES, pelo subsídio concedido a essa pesquisa através do programa REUNI.

## RESUMO

### BÁRBARA ELIODORA, UM BORDADO NACIONAL

Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira foi uma mulher destacada no período setecentista mineiro, em especial na memória da Inconfidência de Minas Gerais. Percebe-se que além de ter sido musa de poemas árcades como “Bárbara Bella”, escrito por seu esposo, o inconfidente Alvarenga Peixoto, as alusões à sua beleza, ao seu papel de boa esposa e mãe apontam a constituição de sua figura feminina.

Todavia, Bárbara Eliodora é recordada em meio a imagens divergentes entre si, por exemplo: inculta e poeta, louca e sã. E a ausência de exatidão acerca de informações, como data de seu nascimento e local se encontram seus restos mortais, endossam as representações. Isso apontou a necessidade de se estudar essa figura e sua representação na memória cultural.

Ainda, essa mulher aparece cristalizada como heroína da Inconfidência Mineira, embora não tenha participado, de forma efetiva, da mesma. A imagem de seu heroísmo se relaciona às outras que constituem sua figura, como as de bela mulher, esposa, mãe, poeta e louca. À Bárbara Eliodora, em especial como heroína, foram dedicadas diversas homenagens, como: poemas, um busto, um cenotáfio, etc. Seu nome também se encontra intitulado ruas, museus e até uma cidade. Por isso, discuto a multiplicidade do discurso que emana do acervo que montei sobre Bárbara Eliodora e ao pensar a sociedade, tomando Fausto Colombo (1993), como imbuída em um processo memorialista, relaciono esta pesquisa ao âmbito arquivístico.

Em 1969, houve uma festividade comemorando o sesquicentenário de seu falecimento, na qual se tornou perceptível que seu heroísmo é rememorado de forma cívica e que ela é relacionada (in)diretamente a Tiradentes, patrono da nação brasileira. Desse modo, a lembrança sobre Bárbara Eliodora transcende o espaço mineiro, pois a Conjuração de Minas foi lida como conspiração nacional em uma época de efervescente nacionalismo no Brasil.

Nos últimos anos, os debates sobre nação têm fomentado reflexões acerca do que pode ser entendido por nacional. Neste contexto, optei por destacar dentre outros estudos, os de Homi Bhabha (1998), Benedict Anderson (2005), Eric Hobsbawm (1990) e José Murilo de Carvalho (1990, 1998). A lembrança da Inconfidência enquanto nacional insere este trabalho acadêmico no estudo memorialístico e então recorro a autores como Michael Pollack (1989, 1992), Maurice Halbwachs (1990) e Jacques Le Goff (1990).

Sobre essa memória, simultaneamente presente e passado, coloco como o “lembrar” Bárbara Eliodora caracteriza a (des)construção de sua figura, pois ela é (des)tecida na

memória da Inconfidência Mineira, e conseqüentemente, na da nação, como mulher e heroína. Desse modo, além de teorias sobre o herói, como as de Sidney Hook (1962), Joseph Campbell (1997) e Paulo Miceli (1994), utilizo algumas sobre o feminino, como as de Simone de Beauvoir (1967, 1970) e Michelle Perrot (1995).

Assim, esse trabalho buscou ler significantes acerca da figura feminina de Bárbara Eliodora e de sua imagem representada através de uma pluralidade de referências encontradas sobre ela. Essas alusões são discutidas como “bordados” que parecem interligar Bárbara Eliodora à formação de um nacionalismo brasileiro.

**Palavras-chave:** Bárbara Eliodora, bordados, feminino, heroína, Inconfidência Mineira, memória, nação.

## ABSTRACT

### BARBARA ELIODORA, A NATIONAL EMBROIDERY

Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira was emphasized as an outstanding woman in the seventeenth-century period, in Minas Gerais, especially in the memory of Minas Conspiracy. It is noticed that in addition to having been muse of Arcadians poems like “Barbara Bella”, written by her husband, the conspirator Alvarenga Peixoto, the allusions to her beauty, to her role of good wife and mother endorse her establishment as a female.

However, Bárbara Eliodora is remembered amid divergent images from each other, for example: uncultured and poet, crazy and sane. And the lack of accuracy on information, such as date of her birth and place where are her remains, endorse the dubiousness of the representations. This pointed to the need to study this figure and its representation in cultural memory.

Still, this woman appears crystallized as heroine of Minas Conspiracy, although she didn't participate, effectively, of the same. The image of her heroism relates to those which forming her figure, like the beautiful woman, wife, mother, poet and crazy. To Bárbara Eliodora, especially as heroin, were dedicated several tributes, such as poems, a bust, a cenotaph, etc. Her name is also titling streets, museums and even a city. Therefore, I discuss the multiplicity of discourse emanating from the collection that straddled Barbara Eliodora and thinking society, taking Fausto Colombo (1993), as imbued in a memoirist process, this research relate to the archival context.

In 1969, there was a festival celebrating the sesquicentennial of her death, which became noticeable that her heroism is recollected in a civic form and that she was compared (in) directly to Tiradentes, patron of the Brazilian nation. Therefore, the memory of Bárbara Eliodora transcends the space of Minas Gerais, because the Minas Conspiracy was read as a national conspiracy in a time of development of nationalism in Brazil.

In recent years, debates over the nation have fostered thinking about what can be understood by national. In this context, I chose to highlight among other studies, Homi Bhabha (1998), Benedict Anderson (2005), Eric Hobsbawm (1990) and José Murilo de Carvalho (1990, 1998). The memory of Conspiracy as national inserts this academic work in the memoir study and then turn to authors like Michael Pollack (1989, 1992) , Maurice Halbwachs (1990) and Jacques Le Goff (1990) .



About this memory, simultaneously present and past, understand how the “remember” Barbara Eliodora features (des) construction of your figure, as she is (un)woven in memory of Minas Conspiracy, and consequently in the Brazilian nation, as woman and heroin. Thus, in addition to theories about the hero, as Sidney Hook (1962), Joseph Campbell (1997) and Paul Miceli (1994), I use some of the female studies, as from Simone de Beauvoir (1967, 1970) and Michelle Perrot (1995).

Thus, this study sought to read significant about female figure of Bárbara Eliodora and her image represented by a plurality of references found on it. These allusions are discussed as “embroideries” that seem to connect Bárbara Eliodora to the formation of Brazilian nationalism.

**Key words:** Bárbara Eliodora, embroidered, women, heroine, Minas Conspiracy, memory, nation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Repúblicas Francesa e Brasileira	p.30
Figura 2: Tiradentes nas fardas (antes e depois)	p.46
Figura 3: Pintura a óleo, de artista desconhecido	p.65
Figura 4: Bárbara Eliodora, por Carlos Ayres	p.65
Figura 5: Convite do Sesquicentenário (capa)	p.86
Figura 6: Reportagem -“Despojos de Heliodora”	p.88
Figura 7: Reportagem - “A chama de Heliodora”	p.89
Figura 8: Cenotáfio na Catedral do Pilar	p.90
Figura 9: Busto de Bárbara Eliodora	p.92
Figura 10: Sesquicentenário em Juiz de Fora	p.93
Figura 11: Ah se eu soubesse amor a tua trama	p.111
Figura 12: Estátua Vida	p.117
Figura 13: Venus de Willendorf	p.118
Figura 14: Escudo de armas nacionais ao “filho”	p.131
Figura 15: Opúsculo (capa)	p.135

## ABREVIATURAS E SIGLAS

ADIM	<i>Autos de Devassa da Inconfidência Mineira.</i>
SLMG	<i>Suplemento Literário do Minas Gerais.</i>
AIE	Aparelhos Ideológicos de Estado.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	p.14
<b>CAPÍTULO 1</b> <b>(Imagi)Nação</b>	
1.1 Sentimento de pertença e nação	p.21
1.2 A mulher e o herói	p.26
1.2.1 O feminino e a tessitura republicana	p.27
1.2.2 O herói, por uma linha mítica	p.31
1.3 Um Brasil (in)confidentemente imaginado e um herói nacional	p.37
<b>CAPÍTULO 2</b> <b>Bárbara Eliodora: entre a história e estórias</b>	
2.1 Bárbara Eliodora- O histórico é interpretável	p.49
2.1.1 Nome e nascimento: imprecisões	p.49
2.1.2 Uma mulher e um inconfidente	p.53
2.1.3 Loucura e morte de Bárbara Eliodora	p.55
2.1.4 A história, um viés parcial	p.57
2.2 Bárbara Eliodora e muitas estórias	p.60
2.2.1 A bela	p.61
2.2.2 A poetisa	p.67
2.2.3 Mulher de “vanguarda”?	p.72
2.2.4 Estórias da loucura	p.74
2.2.5 Morte entre fios	p.75
2.3 Entre a história e estórias, a “Bárbara” e a memória	p.76
2.3.1 (Re)Leituras de um bordado	p.81
<b>CAPÍTULO 3</b> <b>Memória feminina e inconfidente no Brasil</b>	
3.1 <i>In memoriam</i> , o sesquicentenário de morte	p.85
3.1.1 Trama <i>post mortem</i> : arquivos e um discurso de memória	p.96
3.2 A “Heroína da Inconfidência Mineira”, uma construção	p.100
3.2.1 O heroísmo: um diálogo	p.102
3.2.2 Um trabalho bem feito: reflexões sobre um feminino	p.109
3.3 Bárbara Eliodora: nós em um enredo nacional	p.122
3.3.1 Uma memória tecida nacionalmente	p.122
3.3.2 Pontos abertos à discussão	p.126
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	p.140
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ELETRÔNICAS</b>	p.145

... a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Michael Pollak,  
*Memória e Identidade Social*

Um grande Ah! ... aberto e pesado de espanto  
Varre Minas Gerais por toda a parte...  
Um silêncio repleto de silêncio  
(...)  
Passado a fuxicar as almas,  
Fantasmas de altares, de naves douradas  
E dos palácios de Mariana e Vila Rica...  
Isto é Ouro Preto  
E o nome lindo de São José d'El Rei mudado num odontológico Tiradentes...  
Respeitemos os mártires  
(...)  
Eu queria contar as histórias de Minas  
pros brasileiros do Brasil...  
(...)  
Bárbara Heliadora desganhada louca  
Dizendo versos desce a rua Pará...

Mário de Andrade,  
Noturno de Belo Horizonte

## INTRODUÇÃO

“Gravar e arquivar o nosso passado parece-nos hoje algo de muito necessário, tão indispensável como catalogar cada momento da nossa própria experiência” (COLOMBO, 1993, p.19). Fausto Colombo (1993) discute, em *Os arquivos imperfeitos*, a obsessão arquivística que se reflete na facilidade que a tecnologia proporciona. Ao se pensar a manutenção de lembranças, individuais ou coletivas, compreende-se como o registro e o arquivamento das mesmas são atividades cotidianas que se voltam para um objetivo utópico de se perpetuar o instante. Tão útil quanto realizar essa ação mnemônica, que se volta para o futuro, é ler o que se organizou no passado.

Muitas vezes, a memória, em especial a que é lida nos arquivos, demonstra o construto de um sentimento de pertença a uma nação. Isso acontece porque ela se constrói na coletividade por um processo entre esquecimento e lembrança, o qual associa figurativamente ao ato de bordar. O bordar, metáfora deste trabalho, é um termo ao qual alguns historiadores, como José Murilo de Carvalho e João Pinto Furtado, recorrem para mencionar o processo memorialístico na constituição de um meio historiográfico. Em *Pontos e bordados: escritos de história e política*, Carvalho (2005) escreve como uma nação se forma. Seu texto parece um tecido metalinguístico com imagens nacionais. Furtado (2002), em *O manto de Penélope: história, mito e memória da Inconfidência Mineira de 1788-9*, faz uma releitura da Conjuração Mineira e destaca que a recordação da mesma está bordada de forma mítica.

No Brasil, percebe-se a releitura da Conjuração Mineira por um viés nacionalista, ressaltando Tiradentes como herói do país. Visto que a construção heroica desse alferes é muito consolidada, procuro desenvolver sua figura através de leituras e estudos encontrados sobre a mesma. Ressalto a necessidade de se falar do alferes Joaquim José da Silva Xavier devido ao fato de ele ter sido um herói construído na lembrança de uma Inconfidência Mineira, na qual se destaca a figura de Bárbara Eliodora, e de parecer uma construção na qual a dela se embasou.

Assim, na lembrança, que se constrói em acervos esparsos da nação brasileira, além de referências ao alferes inconfidente, destacam-se outras, relacionadas a uma mulher: Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira. Casada com o poeta Alvarenga Peixoto, um dos que participaram da Conjuração, a memória que se construiu sobre ela não é apenas a de esposa de um inconfidente ou de musa árcade, mas a de Heroína da Inconfidência Mineira. E sob esse título, Bárbara Eliodora permanece lembrada em diversas homenagens (i)materiais, entre elas, uma lápide simbólica que se encontra no Panteão da Inconfidência, em Ouro Preto.

Esse estudo se direcionou pela pesquisa de Iniciação Científica que desenvolvi durante a graduação no Curso de Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Como bolsista do PIBIC/FAPEMIG (2007-2008) com o projeto “Bárbara Bela: In (confidências) na constituição da figura feminina de Bárbara Eliodora”, sob orientação da professora Eliana da Conceição Tolentino, levantei significantes sobre Bárbara Eliodora, principalmente em textos publicados no *Suplemento Literário do Minas Gerais*. No trabalho, observei nesse periódico a existência de imagens que a ela se relacionavam, como as de: bela, poeta e louca.

Essas imagens estão construídas e desconstruídas, sendo defendidas ou refutadas sob polos ambivalentes, os quais fazem de Bárbara Eliodora, por exemplo: poetisa/analfabeta, louca/sã. Por conseguinte, sua figura se insere em um espaço de produção de sentido, o que aponta para a necessidade de lê-la e discuti-la em uma pesquisa mais ampla, em nível de Mestrado. A relevância de se estudar Bárbara Eliodora pareceu evidente porque ela é rememorada como “personagem” marcante da Inconfidência Mineira, a mulher que se distinguiu em um movimento majoritariamente masculino e que possuía em evidência um homem, José Joaquim da Silva Xavier.

A Inconfidência Mineira e Tiradentes são assuntos que geraram e geram um número expressivo de publicações acadêmicas, principalmente no que se refere à questão nacional, estudada em distintos campos do saber, como a História e os Estudos Culturais. Contudo, não encontrei referências específicas a respeito de Bárbara Eliodora em pesquisas universitárias. Há, quando muito, um breve comentário, pouco desenvolvido, o que torna esse trabalho um desafio ao pesquisador e, paradoxalmente, um incentivo, em decorrência do ineditismo do objeto e do *corpus*. Embora focalize o feminino e a nação, ao considerar a linha Literatura e Memória Cultural, na área de Teoria Literária e Crítica da Cultura, do Programa de Mestrado em Letras da UFSJ (PROMEL), optei por uma abordagem teórica através do viés memorialístico, principalmente, porque a lembrança sobre Bárbara Eliodora se encontra entre a história e/ou “estórias”.

Existem bastantes discussões sobre o uso das grafias “história” e “estória”. Afinal, qual seria a diferença entre elas? De fato, essas palavras já foram consideradas distintas, sendo a primeira utilizada como referência à área em que se estuda o registro de acontecimentos verídicos e a segunda, remetida à narração daqueles imaginários, fictícios e também aos construídos. Atualmente, não se aprova o uso do termo “estória”, que já era pouco defendido, e usa-se “história” para ambos os significados, tendo a distinção feita através do contexto.

Embora não tenha a intenção diferenciar esses termos, faço um jogo textual com as duas grafias, aproveitando informações obtidas nas fontes, provenientes de uma época em que ainda havia o uso de ambas escritas, tendo cada qual o seu significado. Em alguns materiais que utilizei, como publicações do *Suplemento Literário*, o termo estória aparece como um termo pejorativo para algo considerado fantasioso e, por isso, contraposto à história oficial. De forma que, tornou-se necessário refletir sobre essa relação entre fatos possivelmente verídicos e outros considerados como construídos, a qual aparece desenvolvida nesses materiais. Interessa, nessa pesquisa, demonstrar o contraste desses dois tipos de leituras referentes à mulher Bárbara Eliodora: a que seria verdadeira e a elaborada.

Todavia, cabe ressaltar que muitos fatos considerados verdadeiros também podem ser compreendidos enquanto construções, como desenvolve Jacques Le Goff (1990), principalmente ao tratar da relação “documento/monumento”. Assim, reflito sobre postulações de Le Goff (1990), que desenvolve a relação entre *História e memória*, pois em alguns textos do *Suplemento Literário* há uma discussão na qual uns se defendem enquanto historiadores e criticam outros como estoriadores e vice-versa. Por essa perspectiva, ao focalizar a questão da memória, foi possível valer-me dos termos história e estória, lendo esse último como um bordado memorialístico do primeiro, além das diferentes imagens atribuídas a Bárbara Eliodora enquanto bordados de um feminino para a nação, sob a esteira da releitura nacionalista da Conjuração Mineira no país.

O primeiro capítulo se constitui de uma (a)bordagem teórica, em que discuto como a formação nacional não se restringe a aspectos como língua ou etnia, o que explica Eric Hobsbawm (1991), em *Nações e nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade*. Embaso-me, também, em Homi Bhabha (1998) que, em *O local da cultura*, focaliza a constituição discursiva do nacionalismo em meio a uma “linguagem de metáforas”. Logo, leio a nação enquanto *Comunidade imaginada*, como afirma Benedict Anderson (2005), a qual indivíduos se sentem pertencentes por meio de simbologias e memórias produzidas no imaginário coletivo.

Na complexidade de se definir nação, optei por abordá-la como um construto que caracteriza determinado grupo de indivíduos enquanto país e sob o sistema de república, por exemplo, o Brasil. Focalizo, então, representações nacionais que perpassam a figura de Bárbara Eliodora como o feminino e o herói. E nesse ponto, utilizo *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*, livro no qual José Murilo de Carvalho (1990) desenvolve significantes acerca da caracterização nacionalista, como a alegoria feminina e o “herói”



Tiradentes. Por fim, aponto referências sobre o inconfidente eleito herói e patrono da nação, porque as mesmas podem ser lidas enquanto bordados nacionais em uma memória sobre o Brasil.

No segundo capítulo faço a (a)bordagem do *corpus*, na qual aponto a construção memorialística de Bárbara Eliodora nas imagens a ela atribuídas. Apresento, primeiramente, os fatos “históricos” sobre sua vida, como o nascimento e o casamento e, posteriormente, a parte “memorialística”, como sua questionável lembrança enquanto poeta. Foi necessário constituir o *corpus* dessa pesquisa, por isso procurei informações em espaços públicos, como ruas e praças, por exemplo, e encontrei dados como placas comemorativas, museus, periódicos, folhetos, acervos paroquiais, entre outros. As referências que encontrei demonstraram ser documentos que se constituíam monumentos, o que pude observar através da leitura de *História e memória*, de Jacques LeGoff (1990).

Consultei muitos dados que coletei durante a Iniciação Científica, como textos do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, que foi microfilmado, digitalizado e está disponível na *Internet* no endereço eletrônico da Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais. No mesmo, há publicações sobre Conjuração Mineira, Tiradentes, e, obviamente, Bárbara Eliodora. A partir da leitura das mesmas, pode-se afirmar que a vida de Bárbara Eliodora está escrita entre histórias e estórias, o que apontou para a necessidade de se estender a procura do *corpus* para além do periódico.

Destaco dois livros que mencionam, de forma romanceada, Bárbara Eliodora: *A Vida heroica de Bárbara Eliodora* (1964), de Aureliano Leite, e *A dança da serpente* (1990), de Sebastião Martins. Além disso, utilizo, mesmo que a ela não se relacionem diretamente, duas fontes oitocentistas digitalizadas: *Poesias de Antonio Diniz da Cruz e Silva*, de Antonio Diniz da Cruz e Silva (1807), com acesso *on line* pela Biblioteca Nacional de Portugal, e *Obras poéticas de Inácio José de Alvarenga Peixoto*, de Joaquim Norberto de Souza Silva (1865), disponível via *Internet* na Biblioteca Brasileira da Universidade de São Paulo. Optei por adotar as duas últimas fontes devido à possibilidade de se buscar uma memória sobre Bárbara Eliodora em um período oitocentista.

Embora grande parte do *corpus* da pesquisa, principalmente a maioria das publicações do *Suplemento Literário*, date de 1969, ano do sesquicentenário de falecimento de Bárbara Eliodora, utilizo fontes de diferentes épocas porque não me preocupei em delimitar a escolha de um período. A intenção foi fazer um levantamento abrangente sobre sua figura em diferentes materiais, pois a memória não se restringe a uma época ou a um local. Ressalto,

ainda, que o uso de muitas fontes provenientes de São João del-Rei não se deve a um recorte, mas à facilidade de se encontrar dados, uma vez que foi um dos locais em que Bárbara Eliodora viveu.

Neste trabalho, que parte do estudo de Fontes Primárias, aparecem falas não canônicas na composição do *corpus*. Políticos, letrados, jornalistas e alguns interessados pela memória dessa “inconfidente” são “autores” não, ou pouco, conhecidos que escrevem exaltando Bárbara Eliodora. Muitas dessas publicações demonstram ser escritas tendenciosas, como *Autos de devassa da Inconfidência Mineira* (1976), ou que provocam dúvidas e expõem incompletudes em relatos históricos, como “Documentos genealógicos de Bárbara Eleodora e Tiradentes”, do são-joanense Luis de Melo Alvarenga (1954). Embora o segundo capítulo seja bastante descritivo, busquei ler teoricamente, tanto a parte considerada verídica acerca da vida de Bárbara Eliodora, quanto aquela em que se observam construções sobre ela, como a de bela e a de louca.

Evidentemente, muitas fontes são questionáveis, pois não objetivei a busca por um registro verdadeiro sobre Bárbara Eliodora, mas por leituras que caracterizassem sua construção. Acentuo um texto reconhecido, o *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles (2005), o qual tive o cuidado de separar de outras fontes, devido a sua especificidade. Do mesmo modo, considero na composição desse *corpus* o uso escritas provenientes de “autores” distintos, como do farmacêutico são-joanense Luis de Melo Alvarenga (1954) e da pesquisadora acadêmica Eliane Vasconcellos (2012). O intuito foi mostrar que a imagem de Bárbara Eliodora percorre diferentes âmbitos e em tal espaço de produção de sentido se destaca uma imagem maior: a de Heroína da Inconfidência Mineira. E por esse referido título, histórico e/ou memorialístico, Bárbara Eliodora se cristalizou no imaginário coletivo e seu nome se espalhou por ruas, praças, escolas e patronatos de academias de letras etc.

No terceiro capítulo observo a construção memorialística sobre Bárbara Eliodora enquanto heroína, especialmente, a partir de uma festividade em maio de 1969, pela passagem dos cento e cinquenta anos de sua morte. Sobre essa comemoração, há homenagens detalhadas, muitas das quais se encontram na cidade de São João del-Rei, em fontes como o *Jornal do Poste*. Escolhi textos desse periódico são-joanense, e não de outros da localidade, que poderiam conter alusões a Bárbara Eliodora, devido à facilidade de acesso ao mesmo, que está arquivado na Universidade Federal de São João del-Rei, sendo preparado para digitalização e futura disponibilização via *Internet*.

Nesse jornal, percebe-se uma ênfase em se homenagear Bárbara Eliodora enquanto heroína da Inconfidência Mineira, embora não se possa afirmar que tenha participado ativamente da Conjuração. Isso estimulou a procura de outros dados para uma maior elaboração do *corpus*, pois se fazia necessário compreender a caracterização de sua figura heroica. Dentre o material que procurei e organizei destaco: um opúsculo referente ao sesquicentenário do seu falecimento, fotografias de um busto e de um cenotáfio, bem como informações obtidas em um *Livro de Tombo* do arquivo eclesiástico da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei.

Ao pensar que a sociedade está imbuída em um processo memorialista, recorro às postulações de Fausto Colombo (1993), até porque essa pesquisa se relaciona com o âmbito arquivístico, visto que as homenagens (i)materiais a Bárbara Eliodora dedicadas constituem um acervo a ser lido nos dias atuais. Ainda reflito sobre colocações de Michel Foucault (1997), que em *Arqueologia do saber* assinala a desfragmentação do arquivo enquanto um discurso significativo, e de Jacques Derrida (2001), que em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* aponta o silêncio dos arquivos como uma fala dependente da interação do arquivista responsável pela leitura do material guardado.

A constituição do heroísmo de Bárbara Eliodora se embasa em imagens como a de bela e a de boa mãe, por exemplo, e por isso a pesquisa se volta para o estudo de crítica feminista, visto que é notório em sua imagem como se (re)produz socialmente o conceito de gênero. Destaco, entre outras leituras, *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (1970), que discute sobre a mulher como uma construção sociocultural. Todavia, saliento a dificuldade em selecionar uma teoria adequada para tal leitura, pois muitas teóricas feministas investigam a situação daquelas que escrevem e mesmo que se lembre de Bárbara Eliodora como poetisa, o estudo é sobre suas diversas construções. Não focalizo uma escritora, mas uma mulher escrita. Escrita principalmente por homens.

Por fim, observo que o heroísmo de Bárbara Eliodora se relaciona ao de Tiradentes, e, portanto, pode ser lido sob uma alcunha cívica, principalmente ao se considerar a releitura da Conjuração na constituição de um sentimento nacionalista no Brasil. Notoriamente, a questão do gênero atravessa toda a dissertação e não apenas o terceiro capítulo, tendo que ser pensada em meio a outros pontos como nação e heroísmo. Logo, falar sobre uma mulher enquanto representação nacional no Brasil torna-se um desafio a ser bordado, ou melhor, escrito.

A (a)bordagem proposta é ampla, de modo que não pretendi, em momento algum, delimitar todas as referências a Bárbara Eliodora ou apontar uma conclusão objetiva acerca do

papel das mesmas. Contudo, ambicionei por em discussão os “bordados” memorialísticos sobre essa “inconfidente”, cuja lembrança está construída e corresponde, de certa forma, à formação de um sentimento nacional no Brasil. Assim, pergunto: Quem é essa “Bárbara Bela do norte estrela” que não apenas inspirou o poeta árcade Alvarenga Peixoto, mas perdura no imaginário brasileiro há mais de dois séculos, desde a Conjuração Mineira?

## CAPÍTULO 1 – (IMAGI)NAÇÃO

### 1.1 Sentimento de pertença e nação

o factor <sup>1</sup> nacional é o mais universalmente legitimado entre os valores da vida política do nosso tempo.  
(Benedict Anderson)

Benedict Anderson (2005) desenvolve um estudo relevante acerca da nação, explicando-a pelo sentimento que a forma e a representa: a nacionalidade. Em *Comunidades imaginadas*, afirma que o construto nacional é bastante significativo, pois se elabora na mentalidade de indivíduos através da internalização de um desejo de compartilharem uma vivência em comum. Segundo Anderson, pensar o nacionalismo seria como imaginar uma comunidade cujos membros não se conhecem, mas se reconhecem como pertencentes a um determinado espaço geográfico e temporal que os liga, os delimita, e, de certo modo, os caracteriza.

Diversos são os referenciais nacionalistas, principalmente ao se entender os países enquanto um exemplo significativo do sentimento de pertença a uma nação. Verificam-se cores usadas enquanto distintivos nacionais, como o verde e amarelo brasileiro ou o azul e vermelho estadunidense. Além de manifestações folclóricas e de culinárias peculiares, destacam-se esportes como o futebol brasileiro ou o norte-americano e danças típicas, como o tango argentino. Também, são característicos os hinos, os quais são tocados em eventos importantes e/ou que envolvam mais de uma nação, como Olimpíadas e Copas do Mundo.

Por vezes, os atributos que determinam a nacionalidade atingem interesses e aspirações comuns a muitos indivíduos, como a religião islâmica, em especial nos países árabes, que influencia até vestimenta. Então, seja em monarquias, que mantêm seu cerimonial, seja em repúblicas, que festejam suas principais datas, como desfiles de Independência, ou em regimes ditatoriais, com a rigidez de seu sistema político, o sentimento nacional está presente. Contudo, muitas caracterizações não retratam de forma coerente a nação, o fazem de modo incompleto ou como se a “maquiassem”, o que se observa quando algumas capitais são associadas a seus países, como Buenos Aires, à Argentina, e Paris, à França.

O sentimento nacional também se encontra em grupos menores, inclusive, presentes em uma mesma comunidade. No Brasil, por exemplo, variantes de vocábulos que se

---

<sup>1</sup> Optei por manter a grafia original dos documentos que compõem o *corpus* dessa pesquisa, exceto as escritas em outra língua, sobre as quais se fez necessário uma tradução.

relacionam ao nacionalismo são usadas de forma diversificada, em setores como o esportivo, ao denominar a Nação Rubro Negra <sup>2</sup>, ou o social, ao intitular o Prêmio Construindo a Nação<sup>3</sup>, do Instituto da Cidadania. Logo, a amplitude significativa em que se inscreve a nação, de modo geral, resulta paradoxalmente em esvaziamento semântico e consequente vulgarização da mesma, o que incita o questionamento desse construto ou de um sentimento de pertença a ele.

Por sua natureza controversa e complexa, a nação é discutida por diversos pensadores, como: Benedict Anderson (op. cit.), Ernest Renan (1997), Eric Hobsbawm (1991) e Homi Bhabha (1998). É relevante mencionar que embora se questione muito o nacionalismo, o mesmo, segundo Anderson, não originou estudiosos que se voltassem exclusivamente para esse assunto. Assim, “este ‘vazio’ facilmente dá origem a uma certa condescendência por parte dos intelectuais políglotas e cosmopolitas” (ANDERSON, 2005, p.24), que abordam o estudo do nacional ao transitarem transdisciplinarmente por áreas do conhecimento.

Um dos textos teóricos primordiais nessa discussão, embora se afaste temporalmente dos demais utilizados, é o do historiador e filólogo Ernest Renan (1997): “Que é uma nação?”. Nessa conferência que proferiu na Sorbonne em 1882, Renan desconstrói aspectos comumente associados à definição do que é ser nacional e justifica porque não determinam o sentimento de nacionalismo. Além de mencionar que territórios e interesses (comerciais, políticos e religiosos etc.) são independentes de nacionalidade, ele assinala que elementos como etnia e língua, por exemplo, não são os únicos a caracterizar uma nação, haja vista a possibilidade de convivência em meio à diversidade racial e/ou à de língua.

Em *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*, o historiador Eric Hobsbawm (1990) faz um levantamento sobre os termos que intitulam seus escritos. No livro, evidencia-se o olhar político de Hobsbawm, delimitado pelo Marxismo, por sua militância socialista e por ser judeu em um contexto de Nazismo. O estudioso assinala que a formação nacional acontece de modo controverso e que muitos aspectos, como os que Renan mencionou, não respondem significativamente à pergunta “o que é uma (ou a) nação?” (p.14). Conforme Hobsbawm, o nacionalismo é um sentimento que faz comunidades se entenderem enquanto “nação” e demonstrarem esse sentimento por meio de diversas expressões.

---

<sup>2</sup> Referência à forma pela qual é conhecida popularmente a torcida de futebol flamenguista, exaltando o número de torcedores e sua relação para com essa “comunidade imaginada”.

<sup>3</sup> Esse prêmio foi instituído no ano 2000 para homenagear ações de escolas, das redes pública e privada, que buscassem identificar problemas e soluções para sua localidade.

Nesse sentido, uma consciência nacional se constitui por um agrupamento distinto de indivíduos que têm a convicção de estar vivendo “em conjunto”. Não há, por exemplo, religião que só um sujeito a pratique ou língua que apenas um indivíduo fale. A nação é plural e carece de ser reconhecida assim. Esse sentimento, que evidencia o que Anderson define como comunidades imaginadas, relaciona-se à “vivência da localidade da cultura”, que o crítico Homi Bhabha (1998) aponta.

Em “DissemiNação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna”, capítulo de *O local da cultura*, Bhabha escreve que o processo nacionalista se desenvolve enquanto narrativa da vivência de uma comunidade, em determinado espaço e tempo. Ao se embasar por sua experiência diaspórica, ele afirma que a nação é um construto descentralizado, marginal, fronteiro e que se recusa a acontecer de forma unitária, embora as vozes dissonantes que a compõem pretendam soar de modo unissonante. Bhabha reconhece que essa “na(rra)ção” não é linear, mas não nega a historicidade e suas implicações e ressalta que a sucessão de momentos históricos se entrelaça à liminaridade cultural, estado de um entre lugar, o qual pode ser associado à margem do nacionalismo.

Em *Nações literárias*, Wander Melo Miranda (2010) discute as colocações de Bhabha e destaca que “uma nação não existe sem passado: é preciso lembrar a herança deixada por seus fundadores” (p.35). Segundo Miranda, o passado nacional está em constante processo de (re)significação, principalmente, por ser precedido por um vazio anterior a ele. Essa lacuna inicial, lida como o “menos na origem”, caracteriza-se pela carência de uma definição concreta, que não a preenche ou complementa, mas se torna um espaço suplementar de significação, trabalhado “na linguagem de metáforas” (BHABHA, 1998, p.199).

Miranda, ao ler a formação nacional por um viés interdisciplinar, destaca alguns componentes que podem se englobar no processo de caracterização nacional, como a música e a literatura. Ele afirma, retomando Benedict Anderson (2005), que o construto nacionalista se desenvolveu através de um paradigma que seria “mistura de elementos franceses e americanos - disponível para ser plagiado” (p.18). A partir desse ato de copiar, Miranda assegura que o sentimento de nacionalidade se constrói, em especial, nas “nações americanas à imagem da utopia europeia do Novo Mundo” (p.19). Desse modo, há necessidade de uma compreensão histórica sobre o desenvolvimento da nação, embora não se possa apontar uma origem para a mesma, pois nas palavras de Miranda, é “uma invenção impossível de ser patenteada” (p.18-19).

O sentido político da experiência nacional se torna significativo através do estudo de levantes coloniais do século XVIII que objetivaram independências. Esse desejo de emancipação teve por base a Revolução Industrial Inglesa e a Revolução Francesa, as quais Eric Hobsbawm (2008) determina, em *A era das revoluções*, como “dupla revolução”. De acordo com o historiador, ambas favoreceram o progresso mundial em diversos setores, como o econômico, pela Inglesa, e o político, pela Francesa. A última se relaciona à construção nacionalista, e embora influenciada, de certa forma, pela Revolução Industrial, constituiu-se sob as bases da Americana.

Guerra da Independência dos Estados Unidos da América, ou Revolução Americana, foi a denominação a diversos conflitos que se desencadearam nas treze colônias norte-americanas contra o domínio inglês, em 1776. Um forte contexto de Liberalismo político e econômico, somado a dificuldades financeiras resultantes da Guerra dos Sete Anos e da Revolução Industrial, determinou as raízes desse movimento revolucionário. A Constituição de 1787, na qual se elaboraram os “Direitos inalienáveis e universais” do cidadão estadunidense, foi uma das principais conquistas dessa guerra e influenciou outros levantes separatistas na Europa, como a Revolução Francesa, cuja constituição embasou-se naquela feita pelos (e para os) americanos.

A revolução que ocorreu na França, entre 1789 e 1799, englobou uma série de acontecimentos e alterou o panorama sociopolítico desse país, um dos mais populosos e poderosos do continente europeu. Muitos fatos revoltaram e incitaram os franceses a deporem o monarca, dentre eles, uma crise agrícola decorrente de geadas que reduziram o plantio e encareceram a produção. A fome fez com que as camadas populares migrassem para os centros urbanos, sendo exploradas nas fábricas ou aumentando a taxa de desempregos, o que ocasionou uma condição de miséria.

A intelectualidade da época, marcada pelo pensamento iluminista, criticou a gravidade da situação relacionando as causas à estrutura feudal, e apontou como necessária a queda do poder absolutista e a ascensão da burguesia. Ainda, a nobreza insatisfeita com a monarquia por não aumentar seus privilégios tributários uniu-se aos burgueses contra o rei, contradizendo, paradoxalmente, a constituição do próprio sistema em que viviam. E na tentativa de se construir uma república, a união de diferentes camadas sociais em busca desse objetivo comum e o fato da França ter sido um polo irradiador de ideias, principalmente iluministas, fizeram com que esse movimento revolucionário ensombrasse os demais, sendo associado ao nacionalismo.



A Revolução Francesa transcendeu o âmbito de uma memória individual, ou restrita ao local, para o de uma coletiva, sendo rememorada em outros contextos libertários, por exemplo, a Inconfidência Mineira, no Brasil. Também, aspectos do simbolismo nacional francês, como a mulher enquanto alegoria da nação, são lembrados na coletividade e utilizados por outros movimentos de cunho nacionalista, em especial, aqueles que se desenvolveram sob uma ideologia republicana. De forma que, o movimento revolucionário francês se tornou uma memória ao transmitir a lembrança de sentimentos que se associavam aos desejos de: liberdade, nação e, particularmente, República.

Em “Memória e identidade social”, o sociólogo Michael Pollak (1992) argumenta que o processo memorialístico se entrelaça à constituição de identidades individuais ou coletivas, as quais se correlacionam de modo a produzir o meio social. Logo, pode-se (re)negociar a questão identitária, sobretudo no âmbito nacionalista, pois, segundo Pollak, ao se referir a fatos experimentados que se vivenciam em sociedade, são mantidas lembranças recordáveis em detrimento de outras, recalçáveis. Assim, há uma unificação de lembranças na coletividade, sendo “perfeitamente possível que (...) ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar de uma memória quase herdada” (POLLAK, p.201), no caso, a da nação.

Ao fazer sua reflexão, Pollack se embasa em Maurice Halbwachs (1990), o qual, segundo ele, define a memória “como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLACK, 1992, p.202). Em *A memória coletiva*, Halbwachs explica que reminiscências individuais se entrelaçam e constituem uma recordação maior, como se suplementassem umas às outras no interior de uma comunidade. E, “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos” (HALBWACHS, p.26), pois o que recordamos, antes de ser gerado em nós, o foi no grupo em que convivemos.

A memória, a qual Pollak (1992) define como “constituente do sentimento de identidade, tanto individual, quanto coletiva” (p.204), pode-se relacionar ao nacionalismo. E isso é plausível porque as rememorações de um viver comunitário são construídas e, conseqüentemente, elaboram uma memória coletiva, que, no entender de Halbwachs, seria o modo essencial de se compreender a nação. Halbwachs afirma que são “tantas maneiras de representar o espaço quantos sejam os grupos” (p.159) e “cada sociedade recorta o espaço a seu modo” (p.160), o que demarca diferenças entre nacionalidades e culturas, bem como

aspectos que nelas se (des)valorizam. Nessa perspectiva, referentes são usados para suplementar o vazio original da nação, sendo “estratégias complexas de identificação cultural e de interpelação discursiva” (BHABHA, 1998, p.199) e dentre esses ícones (religiosos, culturais etc.), que implicam o cultivo dos sentimentos de um viver coletivo, destacam-se a mulher e o herói.

## 1.2 A mulher e o herói

A construção nacional se caracteriza pelo linguajar de uma voz que pretende ser unissonante. Isso se desenvolve, muitas vezes, através da leitura do passado de uma coletividade e da busca dados que a representem, como símbolo e alegoria. Pensar em símbolo é refletir sobre interpretação, pois quando um elemento simboliza algo, está colocando uma ideia em lugar de outra, a qual se remete. Isso pode ocorrer naturalmente, como o sol ao apontar a conotação de dia, ou pode ser construído, como a cruz, ao representar a Religião Cristã, por ser um elemento de destaque nesse meio.

O nacionalismo envolveu uma simbologia que buscou ilustrar e delimitar certa comunidade enquanto nação. Há símbolos que a exprimem internacionalmente, como a Torre *Eiffel*, que indica Paris, e, conseqüentemente, França, ou nacionalmente, como a cor branca, que no Japão é associada ao luto e no Egito, ao *status*. Logo, o sentimento nacional é descrito por símbolos que um grupo de indivíduos percebe enquanto algo que os envolve, e que para outro, os distingue como coletividade. E nesse bordado se constata o heroísmo.

Mas não somente ao herói cabe a tarefa de espelhar o sentimento nacional de (e para) determinada comunidade, outra figura que se destaca nessa função é a da mulher, em especial no papel de heroína. Tão ou até mais nacional que o herói é o feminino, sobre o qual se pode refletir de forma simbólica, e, inclusive, alegórica. Na compreensão do termo alegoria faz-se necessário uma abordagem benjaminiana, especialmente em dois textos de Walter Benjamin: *Origem do drama barroco alemão* (2011) e “A Paris do Segundo Império em Baudelaire” (1985).

Benjamin (2011) reflete sobre a dramaturgia barroca e, ao associá-la à escrita do drama trágico, assinala que não somente o símbolo pode ser pensado enquanto manifestação artística, mas a alegoria. Ele distingue ambos os termos, e, sem desmerecer a expressividade simbólica, adiciona ao campo da significação outro item, o alegórico, que define como mais abrangente por atingir o âmbito da linguagem. Benjamin desenvolve que o símbolo possui um

entendimento explícito, diferentemente da alegoria que requer um esforço interpretativo, pois é uma expressão que, como a escrita e as palavras, comunica, e, portanto transmite significados. Assim, o campo alegórico está “destinado a ser o fundo sombrio contra o qual se destacaria o mundo luminoso do símbolo” (p.171).

Na segunda parte dessa obra, “Alegoria e drama trágico”, Walter Benjamin (op. cit.) desenvolve um raciocínio sobre o alegórico e o define não apenas como “uma retórica ilustrativa através da imagem, mas expressão, como a linguagem, e também a escrita” (p.173). Ele compara a alegoria a ruínas, que não mostram a realidade em si, mas a representam por vestígios que expressam de forma fragmentária uma verdade. Benjamin, portanto, assinala que o conteúdo alegórico é “incapaz de irradiar a partir de si próprio qualquer significado ou sentido, o seu significado é aquele que o alegorista lhe atribuir” (p.196).

Tradutor de Charles Baudelaire, ele assinala que a questão alegórica transcende o âmbito do barroco, o que se manifesta em “A Paris do Segundo Império em Baudelaire”. Nesse estudo, Benjamin (1985) menciona o poeta francês como uma alegoria para se entender a modernidade, pois Baudelaire está em conflito com seu tempo, entre situações, como doenças e credores, que marcadas por uma *flânerie* demonstram “miserabilidade” até em seu fazer poético. O *flâneur* baudelairiano percorre a Paris moderna e, observando o “quadro cuja legenda define-se como ‘modernidade’” (p.98), reflete de forma alegórica sobre sua condição e a dos demais indivíduos, podendo, ele, ser lido enquanto alegoria.

### **1.2.1 O feminino e a tessitura republicana**

No Brasil, o cultivo de um sentimento nacionalista se relaciona à República, conforme José Murilo de Carvalho (1990). Em *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*, Carvalho destaca o uso alegórico do feminino para o sistema republicano, pois era a imagem que poderia ser contraposta de modo ideal à figura masculina do rei, referência central da monarquia. Assim, a República “nasce” mulher, isso é o que Carvalho, embasado por Comte e sua doutrina positivista, explica.

Auguste Comte elaborou em sua doutrina, o Positivismo, sobre a necessidade de o homem progredir não focalizado em valores espirituais, mas em humanos, que se embasassem pela ciência. Ele defende que a sociedade poderia se desenvolver através de aspectos científicos e tecnológicos, os quais seriam como princípios de uma “Religião da

Humanidade”. Na percepção positiva, o meio religioso se diferencia do teológico e de seu sentido humanitário, sendo de cunho progressista e envolto a uma simbologia de culto adaptada, principalmente, da religião cristã. Nesse construto comtiano, a mulher se destaca por um direito divinizado, positivamente, na tarefa de provedora e protetora da humanidade.

A mulher se tornou uma expressão forte para a República sob o modelo positivista, pois, no papel de esposa e mãe transforma-se na “guardiã do lar” (CARVALHO, 1990, p.39), e, conseqüentemente, dos valores desejados para esse lar. José Murilo de Carvalho (op. cit.) desenvolve, no capítulo “República-mulher: entre Maria e Marianne”, como o feminino passou a ser utilizado enquanto alegoria nacional a partir da Revolução Francesa. Ele explica que o movimento revolucionário francês se inspirou na Roma Antiga, “onde a mulher já representava a liberdade” (p.75) e que a partir da proclamação da República na França, ela se torna imagem da nação.

Enquanto representação nacional, a mulher se caracteriza, especialmente, como guerreira e usando um barrete frígio, o qual carrega a alcunha simbólica de liberdade. Os escravos romanos libertos usavam um capuz como esse para notificar que estavam livres, mas ao ser usado na cor vermelha durante a Revolução Francesa, esse gorro se tornou uma característica republicana. Um exemplo dessa “mulher república” é o famoso quadro *Liberdade guiando o povo*, do pintor romântico Eugène Delacroix (1830), no qual se retrata a revolução que levou indivíduos de diferentes classes às ruas da França para lutarem contra o Absolutismo.

Na tela, que se encontra no Museu do Louvre, em Paris, a Liberdade é uma mulher popular, com seios à mostra, e um barrete frígio, vermelho. Ela carrega um fuzil e a bandeira tricolor francesa, e, com espírito de liderança, pula uma barricada. Nessa obra caracteristicamente política e repleta de referências republicanas, como a bandeira e o barrete, a figura da mulher se destaca no combate por uma nação francesa sob o sistema de República. “Sem dúvida ela canta a Marselhesa” (CARVALHO, 1990, p.76), o hino nacional da França. Esse hino, que um oficial do exército francês compôs em 1792, como canto de batalha, obteve bastante reconhecimento no período da Revolução, pois clamava pela liberdade e convocava os franceses a lutarem por ela.

De acordo com Carvalho (1990), a personificação feminina da nação francesa se chamava Marianne e foi combatida pela monarquia local através do culto à imagem cristã de Maria. Entretanto, os republicanos positivistas fizeram uma leitura proveitosa dessa contenda sócio-religiosa e inseriram nesse contexto Clotilde de Vaux. Abandonada pelo esposo, essa

escritora francesa, começou a se relacionar com Comte, passou a colaborar com a doutrina positiva e se tornou o ponto central dessa “religião”, para Comte, a própria humanidade, divinizada. No papel de “Virgem-Mãe”, Vaux que não era virgem assume uma maternidade “espiritual”, visto que também não era mãe. A utilização de sua figura na adaptação de Maria à Marianne unificou as posturas da população e do Estado, como explica Carvalho (1990), fazendo dela uma alegoria personificada dos ideais do novo regime francês.

Portadora de “dons” considerados femininos, como a maternidade, a “mulher república” usa um barrete frígio com sua significação dentro do contexto de construção nacionalista francês, e se torna, nas palavras de Carvalho, a “mátria” (p.22). A República Francesa, de sexo feminino e nome próprio, foi divulgada além da pintura de Delacroix, como no selo regular francês Marianne, que em diferentes edições cristaliza essa alegoria. Não só a francesa Marianne ocupa o imaginário nacional, há outras mulheres, até mesmo não nomeadas, como a República Portuguesa. Uma representação relevante é a da República Espanhola, cuja iconografia recorrente, em ilustrações, alude àquela “Liberdade guiando o povo”, pois deixa um seio à mostra e porta uma bandeira tricolor, porém nas cores espanholas.

À “sombra” de Marianne, a imagem feminina republicana, assim nacional, ultrapassa o espaço europeu, e, dentre outras, destaca-se a Estátua da Liberdade, na América do Norte. A *Liberdade iluminando o mundo* (1886), que se encontra na nova-iorquina Ilha da Liberdade, foi uma doação do governo francês ao norte-americano que celebrava o centenário da Independência das Treze Colônias. Declarada patrimônio mundial pela Organização das Nações Unidas, a reprodução dessa iconografia pode ser vista em moedas, notas de dinheiro e selos. Ainda, essa representação transcende seu espaço e espalha um ideal de liberdade, francês ou americano, em países como o Brasil.

No Brasil podem ser apontadas estátuas que caracterizam essa liberdade, em locais como: Rio de Janeiro (RJ), Maceió (AL) e Barra Velha (SC). Na cidade do Rio, na Praça Miami de Vila Kennedy, há uma das maquetes que o escultor francês Frédéric Auguste Bartholdi utilizou ao fazer a obra presenteada aos americanos. A escultura foi uma aquisição do comendador José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco, para comemorar os dez anos da República brasileira, em 1899. Outra, feita pela Fundação Val d’Osne em 1904, está no Museu da Imagem e Som de Alagoas. E o monumento catarinense se encontra em Barra Velha, na BR-101, à frente da loja de departamentos Havan, que o construiu, em 2011, como tática de *marketing*, para atrair consumidores.

A estátua que os Estados Unidos receberam da França, ao ser associada ao contexto separatista, e conseqüentemente nacionalista, caracteriza a propagação de um modelo francês do feminino no nacionalismo. Também no Brasil, além dessa propagação de ideais libertários franco-americanos, há um desejo de se ter no âmbito nacionalista uma figura de mulher, o que se entende por outras alusões feitas à República Francesa, como a charge que Carvalho reproduziu em seu livro (1990, p.120).



“A República Francesa”  
Revista Illustrada, 21/6/1890.

Figura1: Repúblicas Francesa e Brasileira.

Este desenho crítico, publicado na *Revista Illustrada*, em 1890, assemelha-se à recepção de uma francesa por uma brasileira em seu território, ambas carregam bandeiras de suas respectivas nações. Torna-se nítida a influência europeia, não apenas na dedicatória, um agradecimento à França, referida como “alma irmã”, mas no olhar de admiração que a brasileira dirige à sua “irmã”, representada como mais madura e altiva, em quem se abraça.

Contudo, essas “almas” não eram tão idênticas, e embora a nação brasileira se sustentasse na “irmã” francesa, havia um diferencial entre a república a se construir no Brasil e o seu modelo, pois na França a monarquia se centralizava na figura masculina e no Brasil, na feminina. Explica Carvalho (1990), que a tarefa dos positivistas para instalar a mulher enquanto símbolo de um novo regime, brasileiro, foi depreciar a imagem da Princesa Isabel, colocando-a como reprimida pelo esposo Gaston de Orleans, o conde D’Eu, que carregava em sua nacionalidade francesa uma referência à metrópole europeia. Outro fator, que dificultou a adaptação dessa simbologia na República do Brasil, foi que não houve participação popular na transição do sistema, ou até mesmo uma luta contra a monarquia, e muito menos, um envolvimento feminino. E, nesse sentido, destaca-se outra imagem que os republicanos trabalharam: a do herói nacional.

### **1.2.2 O herói, por uma linha mítica**

A força da imagem heroica é perceptível em diversos âmbitos, a efeito de ilustração, podem-se mencionar exemplos que migraram do imaginário coletivo para a oralidade e a escrita. E o herói foi divulgado em gibis, desenhos, livros, filmes e músicas, e adaptado para vídeo games, em que indivíduos, enquanto jogadores, podem se colocar no lugar dele. Na mídia, têm bastante destaque os heróis do meio infantil, como os dos contos de fada, sempre aptos intelectual e fisicamente a salvar suas donzelas. Há outros que não precisam ser príncipes, como o ogro *Shrek*, e talvez nem precisem, exclusivamente, salvar princesas, mas talvez uma comunidade, como *Peter Pan* da Terra do Nunca, local onde crianças jamais se tornariam adultas.

E, em prol de uma coletividade, muitos heróis são apresentados ao meio infanto-juvenil, como o grupo de americanos *Power Rangers* ou o solitário *Jaspion*, de origem japonesa. Podem-se mencionar os mortais e populares *Robin Hood*, que rouba para os pobres, e o mascarado *Zorro*, o cavaleiro em socorro dos oprimidos. Há alguns deles cuja causa e tempo requerem o uso de aparatos tecnológicos, como o cibernético *RoboCop*, o policial do

futuro, e o homem-morcego *Batman*, que luta clandestinamente contra o crime. Diferentemente, pode-se indicar o extraterrestre Super-Homem, disfarçadamente na defesa da população, bem como os mutantes Homem-Aranha e *X-man*, que combatem não criminosos, mas seres alterados geneticamente como eles, os quais ameaçam a segurança do planeta por serem maléficos.

Todavia, o heroísmo se alastra através do âmbito literário, registrando figuras épicas, como o guerreiro Odisseu/ Ulisses, de *Homero*, mitológicas, como Teseu e o invencível Hércules, e trágicas, como Édipo. Em uma conotação divergente, cabe apontar pícaros, como o louco fidalgo espanhol Dom Quixote, e, sob outra significação, pode-se expor heróis da literatura religiosa, como os bíblicos. Desses últimos, há, entre outros, Moisés, responsável pela libertação e saída do povo hebreu do Egito, bem como Sansão, que possuía extraordinária força.

Esses exemplos de heróis, sejam para determinada classe ou faixa etária, sejam para um grupo maior que englobe diversas classes e idades, caracterizam aqueles que, humanos ou imaginários, disfarçados ou não, com poderes especiais, de armamento ou até sem poderes, lutaram contra uma pessoa, um grupo, um sistema ou uma ideologia e venceram. Contudo, não importa, aqui, um estudo acerca dos diferentes heróis ou ideologias através das quais foram criados e resignificam, mas o questionamento acerca da essência do que representa o herói nas comunidades, de certa forma, nacionais.

Similar a outras construções, o herói da nação é aquele que se destaca na lembrança de um agrupamento de indivíduos considerado nacional, porque realizou algum feito a favor do mesmo. Esse heroísmo provém, muitas vezes, de atividades normais e esperadas dentro do contexto em que ele estava. Todavia, a memória desses indivíduos está construída na história da nação, ao ser lida sob uma aura heroica, através da qual são tornados públicos aspectos físicos, como força, e psicológicos, como sacrifício, coragem e abnegação, desse herói, cuja lembrança foi elaborada de forma mítica.

Obviamente, nessa pesquisa, focaliza-se a figura heroico-nacional construída acerca de pessoas que existiram em um determinado contexto e época, e não de construções imaginárias e/ou de cunho ideológico, como a representação do Super-Homem dentro da cultura norte-americana. Todavia, ambos os contextos de construção do herói estão repletos de significação e importância dentro do meio nacional.

Em *Aspectos do Mito*, o filósofo e historiador Mircea Eliade (1989) afirma que existem dificuldades em se definir o termo mito, pois “é uma realidade cultural extremamente



complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares” (p.12). Entretanto, ele elucida que a definição “menos imperfeita” (p.12) é a de que seria “a narração de uma ‘criação’” (p.13), uma narrativa “sagrada” sobre o início de algo, seja um local e seus habitantes, seja algum tipo de comportamento dos mesmos.

Eliade explica que alguns elementos dessas narrativas, como “Seres Sobrenaturais” (p.13) e/ ou próprio enredo, não podem caracterizá-las como falsas ou meras abstrações. Diferentemente de lendas, deve-se entender o mito como verdadeiro em razão de ele suplementar um vazio de significante para algo, por exemplo: origem e final dos tempos ou início de uma nova era, surgimento ou fim do homem e de determinada coletividade ou de elementos da natureza (água, sol, estrelas, animais etc.). De maneira que, a narrativa mítica busca responder questões cotidianas, como a ocorrência seja de um arco-íris após uma chuva, seja da chuva. Ou explicar porque o homem morre. Aliás, ele nasce por quê? Nesse sentido, observam-se as religiões e seus ritos com respectivas funções e interpretações para vida e morte, e, inclusive, para a vida após a morte.

Ao contexto mítico coube (e cabe, de certo modo) o papel de ser outra versão, talvez mais agradável, para o que a ciência pode ou não explicar e quando não se tem acesso a, ou não se aceita, algum de seus esclarecimentos. De forma que, essa trama é inerente aos indivíduos e, portanto, existe em conjunturas distintas. Inegavelmente, um europeu do século XVI e um indígena americano da mesma época iriam explicar uma doença de modo dessemelhante. Mircea Eliade, embora desenvolva a questão mítica com paradigmas de civilizações antigas, afirma que o mito “está (...)‘vivo’, no sentido de que fornece modelos para o comportamento humano e, por isso mesmo, confere significado e valor à existência” (p.10).

Segundo o estudioso, muitos “comportamentos míticos” (p.152), senão os mitos, perpassaram tempos e estão presentes na atualidade sob diversos contextos. Eliade cita a Reforma Protestante, que “inaugurou o regresso à Bíblia e ambicionava reviver a experiência da Igreja primitiva, e até das primeiras comunidades cristãs” (p.152) e a “Revolução Francesa, que tomou como paradigma os Romanos e os Espartanos” (p.153). À vista disso, podem ser apontados traços míticos atuais, como no meio religioso, quando um cristão tem um ponto de vista diferente de um budista e um judeu de um muçulmano, ou no ambiente sócio-profissional, como Eliade expõe, a “obsessão do ‘sucesso’, tão característica da sociedade moderna, e que traduz o desejo obscuro de transcender os limites da condição humana” (p.154).

Ao explorar sobre mitos da atualidade, Eliade destaca “a mitificação das personalidades através dos *mass-media*, a sua transformação em imagem exemplar” (p.153), influenciando vestuários, cortes de cabelo, atitudes e até posicionamentos políticos. Esses famosos se tornam representações dos meios que os destacam e figuras ideologicamente portadoras de “mensagens” para a comunidade que os reconhece em destaque. São como heróis, desenvolve Eliade, figuras construídas na narrativa mítica e que resultam de um reconhecimento coletivo. Segundo Joseph Campbell (1991), que desenvolve um estudo voltado para a área de religião e mitologia comparadas, a personagem heroica se incorpora à teia de mitos, os quais são essenciais à vivência dos indivíduos.

Em um de seus livros, *O poder do mito* (1991), Campbell escreve que os enredos míticos estão repletos de significantes e que buscam explicar experiências humanas de forma figurativa, como se fossem uma leitura espiritualizada. Assim como Eliade, ele afirma que se deve interpretar a mitologia de forma pedagógica, pois a mesma indica mensagens que provocam emoções semelhantes em um grupo de indivíduos, o que acontece, por exemplo, através do casamento. Casar-se é realizar, como assinala esse estudioso, um comportamento mítico, não apenas pelo ritual do matrimônio, diferente em muitas “culturas”, mas pela proposta de vida que o ato representa, em diferentes meios e épocas.

A mitologia, por se inserir entre o simbólico e o alegórico, facilita a compreensão e o reconhecimento do herói, aquele que geralmente se destaca em alguma circunstância e se torna um paradigma a se seguir em uma coletividade. Nem sempre a figura heroica é lembrada por um ato físico, às vezes, ela se destaca por atitudes espiritualizadas, como o desenvolvimento de alguma forma de pensar e agir. Nesse caso, o estudioso destaca Buda como o herói que se separou do mundo ao evoluir interiormente e deixar uma mensagem social, a qual se transformou em religião. Aliás, Campbell afirma que a maior parte dos cultos religiosos se elaborou a partir de uma figura de destaque, como o Cristianismo. Ele esclarece que Cristo foi a grande imagem heroica da sociedade por sua mensagem inovadora em relação ao Judaísmo e sacrifício de vida física em prol da salvação de almas.

Mas o heroísmo perpassa outros meios, como político, artístico e literário, nos quais se destacam, o mitólogo coloca, os nomes George Washington e Leonardo da Vinci. Tanto o político norte-americano, que participou ativamente do processo de independência das Treze Colônias e foi o primeiro presidente dos Estados Unidos, quanto o pintor italiano renascentista com talentos como invenção, foram, para Campbell, homens que se

desenvolveram à frente de seu tempo. Ambos realizaram feitos para a sociedade e deixaram um exemplo a seguir, por isso foram cristalizados como heróis.

Ao mencionar que as condições do meio são cruciais para se formar uma imagem heroica, Campbell ressalta figuras como o cantor John Lennon ou o personagem literário Dom Quixote. Conforme esse estudioso, Lennon promoveu uma revolução no cenário musical, pois seu trabalho se adequou perfeitamente a sua temporalidade. Em contrapartida, no âmbito literário, tem-se Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, que, “louco”, procurava gigantes em meio a moinhos de vento. Essa urdidura irônica deixa à mostra a utópica luta de um homem que contrapunha suas idealizações ao mundo moderno. E, paradoxalmente, sua recusa ao tempo faz dele um herói, ainda que pícaro.

Em *O herói de mil faces*, Joseph Campbell (1997) explica que um protagonista de alguma religião ou de um conto de fadas segue um percurso arquetípico, sendo um único herói aparente sob mil faces. Entre tantas variações heroicas, ele destaca como maiores aquelas cujo “ato” e “mensagem” foram direcionados a um número extenso de indivíduos, o que acontece com grandes líderes religiosos como Cristo e Buda. No entanto, há heróis construídos em âmbitos menores, como os dos contos de fadas, cuja “pequena” vitória abrange a ficção, e os que se voltam, em alguma situação, para determinada comunidade, assim Moisés para os hebreus. Nessa perspectiva, devem ser pensados os heróis nacionais, figuras apropriadas em um processo ideológico de construção nacionalista.

Sidney Hook (1962), em *O Herói na História*, escreve que a sociedade é construída em função de indivíduos que obtiveram destaque na mesma. Através de protótipos, desenvolve como homens e mulheres que marcaram significativamente o desfecho de algum acontecimento, em determinados locais e épocas, tornaram-se “heróis na História”. A partir desse raciocínio, Hook distingue dois grupos de heróis: o homem-época, cujo ato heroico seria fruto de algum dom, como inteligência, e o homem-momento, cuja ação heroica decorreu de uma oportunidade, podendo ter sido ele ou qualquer outro, o herói. Em vista disso, o estudioso afirma que o heroísmo, desde o literário, como de Homero, ao histórico, como o de Cleópatra, é produzido de acordo com uma necessidade social.

Ao entender que o herói se insere no contexto de formação nacional, destaco que ele se torna um construto memorialístico, ao qual se imagina e se honra como tal. “Na maioria dos países o culto do herói e do líder é laboriosamente desenvolvido nos adultos e nas crianças e estudantes” (HOOK, 1962, p.16), e, de forma a satisfazer a necessidade de uma

origem, o herói se torna um dos mais fortes ícones nacionalistas, pois reúne sob sua imagem a responsabilidade de ter “salvo” a comunidade na qual é exaltado. Por isso, Hook explica:

A história de cada nação é apresentada à sua juventude em termos de exploração dos grandes indivíduos- míticos ou reais. Em algumas culturas antigas o herói era glorificado como o pai da nação, como Abraão para os israelitas, ou como fundadores de Estado, assim Rômulo para os romanos (p.15).

José Murilo de Carvalho (1990) explica que os heróis “são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva” (p.55) por isso se destacam como referenciais na memória do grupo de indivíduos que representam. Há que se pensar: em uma comunidade que vive entre guerras será eleito herói aquele que se destacar no combate e não na promoção da paz, embora a objective. Em um grupo que cultiva a paz, o herói se constitui de forma contrária. Logo, concede-se o *status* heroico em diferentes contextos:

Em alguns, os heróis surgiram quase espontaneamente das lutas que precederam a nova ordem das coisas. Em outros, de menor profundidade popular, foi necessário maior esforço na escolha e na promoção da figura do herói. É exatamente nesses últimos casos que o herói é mais importante. A falta de envolvimento real do povo na implantação do regime leva à tentativa de compensação, por meio da mobilização simbólica. (...) Herói que se preze tem de ter, de algum modo, a cara da nação. Tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou de comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado (CARVALHO, 1990, p.55).

Dessa forma, o processo de mitificação de um herói nacional se relaciona ao processo de *A invenção das tradições*, apontado por Eric Hobsbawm (2008). Segundo esse teórico, muitas tradições que aparentam ser antigas, são imaginadas, inventadas no decorrer da construção de lembranças e coloca que:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (p.9)

Logo, o herói da nação, mais do que um vencedor ou campeão, mais que transformado, adaptado ou construído no meio, é imaginado, inventado, na memória das nações.

A construção e/ou invenção de um herói nacional brasileiro se caracterizou pela tentativa de se desenvolver um heroísmo para uma nação não consolidada, haja vista a

ausência da participação popular quando se proclamou a Independência do país. “E foi assim que o Brasil ficou independente de Portugal. Muita gente pode preferir contar a história de outra maneira, (...) em momentos de muita valentia e heroísmo. Mas, por falar nisso, onde está o herói desta história?” (MICELI, 1994, p.75). Em *O Mito do Herói Nacional*, Paulo Celso Miceli (1994) estuda a figura heroica no nacionalismo e afirma que é possível desmistificá-la, pois é um construto e um mito inerente nacionalismo. Um modelo que ele aborda foi a implantação da figura de Tiradentes na constituição de uma república no Brasil.

### 1.3 Um Brasil (In)confidentemente imaginado e um herói nacional

O todo sem a parte não é todo,  
A parte sem o todo não é parte,  
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,  
Não se diga que é parte, sendo todo.  
(Gregório de Matos)

No poema sacro “Ao Braço do Mesmo Menino Jesus Quando Apareceu”, o qual se atribui ao poeta Gregório de Matos, versos conceptistas constroem o seguinte raciocínio: uma parte de um todo, isolada, torna-se um inteiro. Pode-se utilizar o sentido desse “jogo” de ideias no estudo nacionalista, relacionado, em especial ao Brasil Colônia, no qual algumas de “suas partes”, capitanias, almejavam ser um “todo”. Em *Pontos e bordados: Escritos de história e política*, José Murilo de Carvalho (2005) escreve sobre a constituição de um sentimento nacional no Brasil. No livro, como o título indica, há uma perspectiva de se ler a história desse país sob a metáfora da costura de “pontos que se repetem, se reagrupam, se reordenam, em busca do grande bordado do Brasil, sempre fugidio” (p.5).

Nessa tessitura, destaca-se a Conjuração de Minas, ocorrida em 1789, quando uma das partes da colônia, Minas Gerais, programou um levante de cunho separatista contra Portugal. Assim como participantes de rebeliões que ocorreram em meados do século XVII e início do século XVIII, em províncias como Bahia e Rio Grande do Sul, os conjurados mineiros estavam revoltados com a conduta portuguesa em sua localidade e desejavam se emancipar, mas não havia o intuito de tornar independente outras capitanias, ou todas. Eles almejavam uma autonomia para Minas, parte de um Brasil que pretendiam tornar um todo. Todavia, a memória desse anseio revolucionário sobrepujou a de outros, como a dos conjurados baianos de 1798, na chamada de Revolta dos Alfaiates, e aparece como nacionalista no construto de uma nação imaginada brasileira.

O historiador Francisco Iglésias (1989), em “Conspiração Mineira - começo de uma consciência nacional”, texto publicado no *Suplemento Literário do Minas Gerais* <sup>4</sup>, explica que o território de Minas foi o mais severamente governado, pois a localidade representava para Portugal um polo econômico, devido às minerações e à conseqüente prosperidade regional. Entretanto, com a queda da extração aurífera, a metrópole optou por garantir sua riqueza através do Quinto, imposto semestral no valor de cem arrobas de prata. Na ausência ou impossibilidade desse pagamento, havia a Derrama, uma cobrança obrigatória, em que se invadia a comunidade devedora para saquear casas até cobrirem a tarifa.

Iglésias destaca que a capitania mineira se tornou “um quadro propício à revolução: massa populacional, diversificação de grupos, certa vitalidade urbana, culminando na crise financeira” (p.13) etc. Além disso, a busca pelo ouro resultou em uma população flutuante, o que favoreceu não apenas o deslocamento de bens, mas de livros e ideias. Essas eram provenientes de ideologias que determinaram o processo de independência das Treze Colônias americanas e das que circulavam na época da Revolução Francesa, que eclodiu posteriormente à tentativa de Conjuração de Minas ter sido frustrada.

Alguns que participaram da tentativa de levante contra a monarquia portuguesa se formaram na Universidade de Coimbra, em Portugal, e, obviamente, estavam influenciados pela Ilustração, como os juristas e poetas: Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e Inácio José de Alvarenga Peixoto. Também participaram de reuniões os clérigos José de Oliveira Rolim e Carlos Corrêa de Toledo e Melo, o engenheiro e político José Álvares Maciel e os coronéis Domingos de Abreu e Joaquim Silvério dos Reis, entre outros. Evidencia-se que, na pluralidade de perfis entre os participantes, aquele que se destacou como líder foi o alferes de milícia Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes, que “figurava” <sup>5</sup> como o pobre entre os outros participantes que tinham posses e *status* social.

O registro primeiro dessa conspiração foi oito de outubro de 1788, data do batizado de um dos filhos de Alvarenga Peixoto com Bárbara Eliodora, evento que se tornou senha dos conjurados: “Hoje é o dia do batizado”. Fevereiro de 1789 seria o ápice da Conjuração Mineira, na mesma data da Derrama, mas não foi em decorrência da delação feita por alguns membros, dentre eles, o Coronel do Regimento de Cavalaria Joaquim Silvério dos Reis, que buscava o perdão de suas dívidas com a coroa portuguesa. E, no processo da Devassa, dos

---

<sup>4</sup> Doravante SLMG.

<sup>5</sup> Segundo o historiador João Pinto Furtado (2002), a família de Tiradentes não era de poucas posses ou de baixa condição econômica, um exemplo é que a “A Fazenda do Pombal, (...) tinha várias “datas” (lotes) de mineração e uma sede com dois pavimentos; abrigava em sua rotina de trabalho cerca de 35 escravos, volume não desprezível para os padrões da economia mineira de então” (p.22).

vinte e quatro réus <sup>6</sup> que receberam sentença de morte pelo crime de lesa majestade contra Portugal, na pessoa de D. Maria I, todos tiveram comutação da pena para degredo na África, com exceção de Tiradentes, que enforcaram e esquartejaram em 21 de abril de 1792.

Embora sem êxito, os conjurados realizaram, de acordo com Francisco Iglesias (op.cit.), “o mais expressivo movimento da história de Minas do séc. XVIII” (p.13), como um prenúncio da Independência. Mas o que fez (e faz) a Conjuração Mineira ser lida como nacionalista? Essa pergunta evoca a necessidade de se refletir sobre a formação da nação brasileira não ter sido marcada por um sentimento de liberdade em relação a Portugal, mesmo porque a Independência foi declarada por um português, membro da realeza, e sem a participação dos “brasileiros”. Por isso, o Brasil independente continuou sob a monarquia, o que não aconteceu com outros países latino-americanos que se emanciparam e se desenvolveram sob um regime republicano.

Em *O manto de Penélope: História, mito e memória da Inconfidência Mineira de 1788-9*, João Pinto Furtado (2002) elabora uma leitura histórica sobre a Conjuração. O livro, como está no título, faz uma referência à mitologia grega, lembrando a figura de Penélope, personagem da *Odisseia*, de Homero. Penélope, há bastante tempo, esperava o esposo Ulisses retornar da Guerra de Tróia e para adiar um novo casamento usou como desculpa o término de um manto que fiava entre a manhã e o pôr do sol. Porém o desfazia à noite. Percebe-se na obra o uso figurativo do trabalho de (des)tecer um tecido, no caso o da Conjuração Mineira, pois o historiador faz uma revisão dos acontecimentos de 1789 e assinala como mítica a memória que existe sobre os conjurados. Furtado a define enquanto o “momento inaugural da nação” (p.32) no Brasil, evocada em diversos momentos nos séculos XIX e XX.

No século XIX, nas décadas de 20 e 30, as atividades dos conjurados foram associadas ao pré-grito do Ipiranga, nas de 40 e 50, ao liberalismo, ao Império. Furtado ressalta, no século XX, o uso dessa conspiração nos anos 1930, realçando um Tiradentes que combatia as oligarquias, e nos anos 60, como simbologia usada pelo governo de Juscelino Kubitschek para agregar a ordem ao desenvolvimento, o que justifica a data de fundação de Brasília, o vinte e um de abril. O estudioso ainda menciona que os militares participantes do golpe de 1964 se autointitularam “novos inconfidentes”, o que aproximaria seu ato de uma proposta histórica de libertação. “Mais do que um simples fato histórico, portanto, o evento em

---

<sup>6</sup> Furtado (2002) afirma que outros membros, como “Joaquim Silvério dos Reis e José de Sá e Bittencourt (...) notórios participantes da trama”(p.102), não constam nesse número por diversas razões. No caso de Silvério dos Reis, por exemplo, o motivo foi o perdão que obteve ao ser delator da conspiração.

questão transformou-se em importante ferramenta simbólica para pensar algumas questões” (p.32), dentre as quais a Ditadura Militar Brasileira.

Aline Fonseca Carvalho (2006), em sua dissertação *A convivência de um legado adequável: Representações de Tiradentes e da Inconfidência Mineira durante a Ditadura Militar*, desenvolve que a leitura nacionalista da Conjuração foi reforçada durante esse período, em “jornais – *Estado de Minas e Jornal do Brasil*, discursos, documentos oficiais e material didático” (p.6). Fonseca Carvalho alega que “a aproximação destes militares com os que passaram à memória popular como precursores da luta pela liberdade, ajudava a mascarar as características opressoras do regime militar” (p.23). Por conseguinte, a lembrança desconstruída desses conspiradores e do levante que almejavam, corroborou a compreensão comunitária desse regime político, o qual buscava se revestir de uma couraça nacional.

Em “História, memória e mito no *Romanceiro da Inconfidência*”, Sílvia Carneiro Lobato Paraense (2001), faz um estudo desse livro de Cecília Meireles e procura referentes de uma identidade nacional na obra da poeta. A pesquisadora afirma que foi imposto um silenciamento à lembrança da Conjuração. Conforme Paraense, durante o tempo em que o Brasil foi colônia de Portugal e Primeiro Império não houve produções bibliográficas relacionadas aos conjurados, exceto os *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira* (1976)<sup>7</sup>.

Entende-se que os ADIM foram o único material sobre o levante de 1789 que foi permitido no Brasil durante a época monárquica, e não há registro de outros escritos sobre o assunto no final do século XVIII e início do XIX. Essa obra foi elaborada através de interrogatórios e depoimentos dos réus e indivíduos que se envolveram na Conjuração de Minas Gerais. Ressalta-se que o processo da Devassa buscou documentar uma traição de colonos mineiros à metrópole portuguesa, o que torna esse material propenso à parcialidade de quem o escreveu. Embora contestável, essa leitura se faz necessária, até mesmo como fonte memorialística, ao se considerar a trama “nacionalista” da Conjuração.

Nesse contexto, é controversa a denominação “inconfidência” para o que foi uma conjuração, o ato de conspirar contra a autoridade governante. Isso porque, o termo inconfidente, que significa infiel, ao designar aqueles que planejaram secretamente, em 1789, contra a ação da coroa portuguesa em Minas Gerais, reveste-se de uma conotação negativa. Todavia, a palavra majoritária quando se alude ao ato dos conjurados é Inconfidência. Há, por exemplo: o Panteão da Inconfidência, o Museu da Inconfidência, a Medalha da Inconfidência, entre outros. Diante disso, percebe-se uma inversão de significantes, pois as menções à

---

<sup>7</sup> Doravante ADIM.



Conjuração enquanto Inconfidência são homenagens que desconstruem memorialisticamente a alcunha negativa como favorável. Afinal, na releitura nacionalista da Conjuração Mineira, nada mais compreensível e admirável que o ato de conspirar contra um monarca estrangeiro, é uma infidelidade que se torna fidelidade à nação.

Ao se destacar entre simbologias a leitura nacional da Conjuração, e a consequente figura heroica de Tiradentes, torna-se necessário a leitura de José Murilo de Carvalho (1990). O historiador estuda a implantação da República brasileira e aponta referentes, como hinos e bandeiras, que são usados na construção desse sistema político. Carvalho afirma que a literatura precedeu a historiografia ao mencionar esse conteúdo, e cita: *As Liras*, de Tomás Antônio Gonzaga (1840), *Gonzaga ou a Conjuração de Tiradentes*, de Antônio Gonçalves Teixeira de Sousa (1848) e o conto “A cabeça de Tiradentes”, de Bernardo Guimarães (1867). Essas obras são provenientes do período romântico, no qual se buscou, de certa forma, desenvolver uma escrita voltada para um sentimento nacionalista no Brasil, e se caracterizam por focalizar o contexto “inconfidente”.

É possível ler a Conjuração sob outro ângulo: o do Modernismo. Esse movimento literário, mais especificamente em sua fase inicial, intencionou construir uma escrita “brasileira”, a qual fosse realmente local e não apenas tivesse uma cor local, como a romântica. Ao se buscar um material que sustentasse essa arte nacional, intelectuais que se envolveram na Semana de Arte Moderna, como o poeta Mário de Andrade, o escritor Oswald de Andrade e a pintora Tarsila do Amaral, fizeram, em 1924, uma viagem a cidades mineiras, dentre elas, algumas que foram “cenário” da conspiração de 1792, como São João del-Rei e Ouro Preto.

Buscar as raízes do Brasil em Minas, terra de inconfidentes, é bastante significativo e nesse sentido, percebe-se a releitura memorialística da Conjuração como um pretensão bordado local como nacional. Essa lembrança pode ser lida sob a esteira de Michel Pollak (1989), em “Memória, Esquecimento, Silêncio”, pois ele discorre sobre a relevância do que se fala ou se silencia em uma comunidade. Através desse processo de esquecimento/lembrança, Pollak explica que a memória “é um fenômeno construído” (1992, p.203), em especial a da nação, e muitas são as ferramentas utilizadas para tal. Há uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar” (POLLAK, 1989, p.7).

A lembrança da Conjuração se associa ao que Homi Bhabha (1998) explica, que a nação é posta em discurso, uma das formas capaz de suplementar o menos de sua origem. Ao se rememorar os acontecimentos “inconfidentes”, depreende-se, sob uma perspectiva

nacionalista, que a conspiração mineira aparece representada como se fosse a de um todo brasileiro, o menos e não o mais que compõe esse “um”. Assim, o ser diferente do europeu, realiza-se no Brasil através de um processo metonímico em que parte da memória, o planejado levante mineiro de 1789, torna-se o inteiro e suplementa o vazio original da nação brasileira.

Na “origem” desse Brasil, “inconfidentemente” imaginado, ressalta-se a tessitura heroica de Tiradentes como “um rebelde da época da Colônia que se inspirava na independência norte-americana” (CARVALHO, 2005, p.110). Afinal, um herói verdadeiramente brasileiro deveria ser uma figura que se sobressaiu na memória dessa nação imaginada como República. E qual momento histórico foi tão profícuo quanto o da Conjuração Mineira? José Murilo de Carvalho (1990), ao traçar um perfil histórico-ideológico do nacionalismo no Brasil, explica que os republicanos escolheram o alferes porque ele se destacou no imaginário coletivo como anti-colonialista. “Herói que se preze tem que ter de algum modo a cara da nação” (p.55), nesse caso, da República.

Joaquim José da Silva Xavier, o homem cuja lembrança se confunde à da “Inconfidência”, nasceu na Fazenda do Pombal, localidade que pertence à atual cidade de Ritópolis (MG), em 12 de novembro de 1748. Órfão aos onze anos ficou sob o cuidado de um parente que era cirurgião dentista e lhe ensinou esse ofício, no qual Joaquim José trabalhou, o que lhe rendeu o apelido “Tiradentes”. Outro fato marcante na vida desse homem é que foi alferes do Regimento de Cavalaria, e embora tenha deixado a carreira militar por insatisfação, em 1787, permaneceu para sempre como o alferes que liderou uma conspiração contra a metrópole portuguesa.

Tiradentes foi o único conjurado morto, pois “se” responsabilizou pela Conjuração Mineira e inocentou outros participantes. Embora seja discutível que ele tenha se imputado a culpa, e se realmente o fez, e morrido enforcado em 21 de abril de 1792, o que consta historicamente, em especial nos ADIM, importa pensar a construção de sua memória como réu máximo do processo da Devassa. Em torno da figura do alferes, “houve e continua a haver intensa batalha historiográfica. Até hoje se disputa sobre seu verdadeiro papel na Inconfidência, sobre sua personalidade, sobre suas convicções, sobre sua aparência física” (CARVALHO, 1990, p.57).

A cena de morte do alferes, usada de forma pedagógica pela monarquia, como exemplo para os demais colonos, foi paradoxalmente associada a um martírio no sistema republicano. Carvalho (1990) explica que na “dificuldade de construir um herói para o novo

regime” (p.55) houve uma manipulação de dados históricos na qual se desconstruiu a figura de Tiradentes, de traidor contra monarquia para “vítima de um sonho, de um ideal” (p.68), a República. Tiradentes foi uma escolha tão certa que tornou um herói imaginado para uma nação imaginada. No “início da República, até mesmo os monarquistas começavam a reivindicar para si a herança de Tiradentes. (...) Ao libertar o país, o Império alegava, realizou o sonho de Tiradentes” (CARVALHO, 1990, p.70-71). Em “Tiradentes todos podiam identificar-se, ele operava a unidade mística dos cidadãos, o sentimento de participação, de união em torno de um ideal, fosse ele a liberdade, a independência ou a República. Era o totem cívico” (CARVALHO, 1990, p.68).

A ideologia republicana, no contexto de constituição da nação brasileira, utilizou-se da lembrança movimento Conjuração na “invenção” de um sentimento nacional na coletividade, “porque toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal” (HOBSBAWM, 2008, p.21). Assim, há que se pensar, embasando-se por Hobsbawm (2008), esse culto ao alferes mártir como “tradição inventada”, visto que sua lembrança acaba por sobrepujar até mesmo a da Conjuração, que se torna continuamente revivida nas homenagens ao alferes, construído como um herói de cunho “nacional”.

Carvalho, ao descrever o processo de “formação das almas” brasileiras, exemplifica diversas alusões à figura do alferes, construído de forma a satisfazer uma necessidade heroica de diferentes faces da nação. O historiador aponta duas datas para as primeiras menções ao alferes: “1866, quando o presidente da província de Minas Gerais, Saldanha Marinho, (...), mandou erguer-lhe um monumento em Ouro Preto” (p.57) e 1881, uma comemoração ao dia vinte e um de abril, ocorrida no Rio de Janeiro. Após a proclamação da República no Brasil, em quinze de novembro de 1889, “intensificou-se o culto cívico a Tiradentes” (p.64) e dois anos após o dia de sua comemoração “foi decretado feriado nacional” ( p.64). E desde então, Tiradentes se cristalizou na memória do Brasil, como digno de reconhecimento e honrarias.

No Decreto-Lei nº 9.208, de 29 de abril de 1946, o qual institui o Dia das Polícias Cíveis e Militares, declara-se Tiradentes como patrono de ambas as instituições,

Considerando que entre os grandes da história pátria que se empenharam pela manutenção da ordem interna, avulta a figura heróica de Alferes Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes) o qual, anteriormente aos acontecimentos que foram base de nossa Independência, prestara à segurança pública, quer na esfera militar quer na vida civil, patrióticos serviços assinalados em documentos do tempo e de indubitável autenticidade;

Considerando que a ação do indômito protomártir da Independência, como o soldado da Lei e da Ordem, deve constituir um paradigma para os que hoje exercem

funções de defesa da segurança pública, como sejam as polícias civis e militares, às quais incumbe a manutenção da ordem e resguardo das instituições (...)

Esses trechos ilustram como a imagem heroica de Tiradentes foi bordada, em especial, como a de um militar que lutou pelo país, embora tenha participado da Conjuração Mineira após ter deixado essa carreira. Entre tantas referências a Joaquim José da Silva Xavier, destaca-se a medalha Alferes Tiradentes, da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. Instituída pelo Decreto nº 29.774, de 17 de julho de 1989, que explica o surgimento dessa instituição a partir do Regimento Regular de Cavalaria de Minas, no qual serviu Tiradentes, a homenagem é “a principal Comenda da Corporação Militar do Estado”.

A imagem do alferes herói extrapola o Estado mineiro. Há, por exemplo, no Mato Grosso do Sul, de forma similar, a distribuição da Medalha Tiradentes aos militares. Do mesmo modo, encontram-se marcas do culto a esse heroísmo na atualidade, seja ao nomear espaços públicos como o Museu Tiradentes<sup>8</sup> em Manaus (AM), que se volta para a história da Polícia Militar do Amazonas, seja ao intitular “eventos” como a Corrida Tiradentes, em Natal (RN), em vinte e um de abril. Ressalta-se que parte desse construto heroico foi desenvolvida pelo governo durante a ditadura, pois Tiradentes foi militar, fato conveniente à face da nação que se almejava nesse âmbito político.

Notoriamente, as referências à figura do herói militar caracterizam sua construção enquanto herói brasileiro, o que se torna perceptível na lei que o declara Patrono cívico da Nação Brasileira. Segundo o Art. 3º dessa lei<sup>9</sup>,

esta manifestação do povo e do Governo da República em homenagem ao Patrono da Nação Brasileira visa evidenciar que a sentença condenatória de Joaquim José da Silva Xavier não é labéu que lhe infame a memória, pois é reconhecida e proclamada oficialmente pelos seus concidadãos, como o mais alto título de glorificação do nosso maior compatriota de todos os tempos.

Em Brasília, há o Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, que se localiza na Praça dos Três Poderes. Esse local não contém túmulos como outros panteões, por exemplo, o da Inconfidência, em Ouro Preto, mas possui o Livro de Aço dos Heróis Nacionais. Conhecido como Livro de Aço, devido ao material com que foi confeccionado, em suas páginas estão escritos nomes daqueles que se sobressaíram, de alguma forma, em prol do Brasil. Esses, depois de aprovação em projeto de lei, recebem o *status* de herói da Nação.

---

<sup>8</sup> Localizado na Praça Heliodoro Balbi, conhecida como Praça da Polícia, s/n.

<sup>9</sup> Lei nº 4.897, de 9 de dezembro de 1965.

Joaquim José da Silva Xavier foi o primeiro nome a constar no livro<sup>10</sup>, refletindo uma construção positivista que se desenvolveu entre sentimentos de pátria e nação.

Sendo um herói nacional, o número de menções ao alferes é relativamente grande, especialmente nas cidades relacionadas à Conjuração. Nesses locais, seu apelido nomeia: uma cidade, a antiga Vila de São José del-Rei, uma praça em Ouro Preto, outra na capital mineira e uma avenida em São João del-Rei. Para além desse espaço mineiro, o termo “Tiradentes” está em: praças, no Rio de Janeiro (RJ) e em Curitiba (PR), Avenidas, em Guarulhos (SP) e Manaus (AM), local onde ainda se nomeia, assim, uma escola. Há exemplos de ruas assim nomeadas em diferentes estados, de norte a sul do Brasil, por exemplo: Amazonas (Manaus e Roraima), Rio Branco (Acre), Rondônia (Porto Velho), Amapá (Macapá), Pará (Belém), Ceará (Fortaleza), Bahia (Ilhéus e Juazeiro), Goiás (Goiânia, Rio Verde e Anápolis), Mato Grosso (Cuiabá), Mato Grosso do Sul (Corumbá), Minas Gerais (Ritápolis e Belo Horizonte), São Paulo (Campinas), Espírito Santo (Guarapari), Santa Catarina (Florianópolis e Blumenau) e Rio Grande do Sul (Canoas).

Além do nome, a lembrança desse conjurado ganha imagem na memória, em referências midiáticas que fazem releituras dos “episódios inconfidentes” e narram seu heroísmo nacional por gerações. Sob essa perspectiva, destacam-se filmes, como: “Inconfidência Mineira”, de Carmem Santos (1948), “Os Inconfidentes”, de Joaquim Pedro de Andrade (1972), “Tiradentes, o Mártir da Independência”, de Geraldo Vietri (1976) e “Tiradentes”, de Oswaldo Caldeira (1999). Esses exemplos mantêm o alferes, mesmo após 200 anos de sua morte, cristalizado na memória e com a auréola “Liberdade ainda que tardia<sup>11</sup>”.

Em meio a essa imaginada figura do alferes se encontram imagens “concretas”, como estátuas. No Estado de Minas Gerais há algumas, por exemplo: na Praça Tiradentes da cidade de Ritápolis, na Rua Padre Toledo da cidade de Tiradentes, na Avenida Tiradentes de São João del Rei, na Praça Tiradentes de Ouro Preto e na capital mineira, na Praça 21 de Abril, conhecida por “Tiradentes”. No Rio de Janeiro, dentre outras alusões, há uma estátua em homenagem ao alferes na Praça XV, em frente à cadeia na qual ele passou a noite antes do enforcamento, o atual Palácio Tiradentes. Podem-se mencionar estátuas no Paraná, em Curitiba e no Rio Grande do Sul.

---

<sup>10</sup> Lei nº 7.919, de 11 de dezembro de 1989.

<sup>11</sup> Tradução mais comumente atribuída ao lema latino *Libertas Quæ Sera Tamen*, da primeira Écloga de Virgílio, colocado na bandeira inconfidente.

Embora seja inviável fazer um tracejamento total das homenagens dedicadas a esse herói, observa-se que nessas referências, a imagem do alferes é similar: um homem de cabelos compridos e de barba, que veste uma túnica, a alva. Diferentemente dessa iconografia, há a pintura *Tiradentes* feita pelo ilustrador e historiador José Wash Rodrigues, em 1940, na qual Joaquim José está fardado como militar. Essa obra, talvez a única que o caracterize imberbe, aparece nas mangas de fardas policiais mineiras da atualidade, as quais tinham<sup>12</sup>, anteriormente, a estampa do alferes com barba, o que não condizia com as exigências militares.



Figura 2: Tiradentes nas fardas

Todavia, a imagem de Tiradentes que se sobressai na memória não é a do militar, mas a que lembra Jesus. Ao se ler algumas obras que retratam o alferes assim, percebe-se uma aura religiosa que embasa sua figura, como na tela *Tiradentes esquartejado*, de Pedro Américo (1893). A pintura, que se encontra no Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora (MG), caracteriza a cena de seu martírio: partes do corpo do alferes entre sangue e “detalhes” como uma cruz, o que caracteriza um contexto religioso. Há uma associação evidente à simbologia cristã: “pedaços do corpo sobre o cadafalso, como sobre um altar. A cabeça, com longas barbas ruivas, (...) Um dos braços pende para fora do cadafalso, citação explícita da ‘Pietà’ de Michelangelo” (CARVALHO, 1990, p.65).

Uma releitura significativa dessa obra é *Reflexo de sonhos no sonho de outro espelho*, da artista plástica Adriana Varejão. Essa exposição, que aconteceu na Bienal Internacional de São Paulo de 1998, consta de um conjunto de vinte e uma telas a óleo, as quais releem a obra de Pedro Américo. O trabalho de Varejão se embasou em fotografias de uma montagem de

<sup>12</sup> Não foi encontrado o período exato em que houve a mudança da imagem do alferes nas fardas.

espelhos que refletiam manequins construídos a partir de *Tiradentes esquartejado*. Isso resultou em uma produção tridimensional de vários quadros que, em diferentes formas e tamanhos, apontam um alferes entre mais fragmentos que o de Américo. A imagem contemporânea do esquartejamento caracteriza a permanência desse herói nacional na memória, pois sua iconografia e, em especial, a de seu “martírio” aparece de diferentes formas e em diversas épocas.

De acordo com José Murilo de Carvalho (1990), a publicação de Joaquim Norberto de Souza Silva, *História da Conjuração Mineira*, em 1873, teve um papel importante na rememoração de um Tiradentes santificado. Nesse livro, associa-se a morte do alferes à do Deus cristão, “postura de mártir, (...) O cerimonial do enforcamento, o cadafalso, a forca erguida na altura incomum, os soldados em volta, a multidão expectante - tudo contribuíra para aproximar as duas figuras” (CARVALHO, 1990, p.68): Tiradentes e Cristo. Essa imagem foi a construção essencial à memória de um herói brasileiro, haja vista que os republicanos, sob influência positivista, aproveitaram o contexto religioso profícuo no Brasil e fizeram uma leitura do assassinato desse inconfidente enquanto um martírio.

Em conformidade com observações do historiador Jacques Le Goff (1990), em *História e memória*, pode-se explorar a lembrança sacra de Tiradentes. Na parte da obra que se volta para questões memorialísticas, esse estudioso expõe diversos aspectos que se rememoram na constituição de uma coletividade, dentre eles a religião, na qual se sobressai a memória dos santos. Le Goff explica que na Idade Média, quando a Igreja regulava a centralidade intelectual, houve “uma associação entre a morte e a memória” (p.447) e uma conseqüente “cristianização” da mesma, o que acarretou a recordação de mortos, principalmente mártires, e conseqüente promoção de um culto aos mesmos. Sob essa perspectiva, pode-se pensar diversas homenagens a Tiradentes, como as festividades do dia em que se comemora a esse “santo nacional”.

Assim, aos 21 de abril de 1792, quando um cortejo processional acompanhava o réu inconfidente ao Campo da Lampadosa, atual Praça Tiradentes, da cidade do Rio de Janeiro, onde seria enforcado, o alferes “deixava a vida para entrar na história” (MICELI, 1994, p.51), ou melhor, na memória. Nesse processo de construção mítica, como desenvolve Paulo Miceli (1994), “a história que as pessoas chamam real ou verdadeira confunde-se com a tradição que alimenta o imaginário popular” (p.41). Essa afirmação decorre, principalmente, de uma pesquisa que Miceli desenvolveu com 267 alunos, da sexta série do Ensino Fundamental à terceira do Ensino Médio, sobre o herói predileto deles e o porquê dessa escolha.

Demonstrando uma lembrança que se constrói e internaliza, grande parte dos estudantes reafirmou (p.25) o heroísmo do alferes: “É meu herói preferido (...), por seu pensar (...); o importante é o amor ao próximo” e “Tiradentes era bondoso, com várias qualidades boas e era um ótimo dentista; teve garra e um objetivo na vida: a independência do Brasil, pela qual foi injustamente morto”. Além de o declararem como aquele que “ajudou o povo, sofreu por ele, e acabou morrendo por ele”, os alunos associaram sua figura a “Jesus Cristo, pois ambos lutavam por uma boa causa para ajudar a população não dominante, e eles foram traídos por pessoas próximas, sendo denunciados em troca de muito dinheiro”.

Nesse Brasil imaginado, sob uma memória inconfidentemente nacional, “a parte faz o todo, sendo parte”, e nessa narrativa memorialística uma parte menor se destaca: a figura do herói dos conjurados. Porém, sob a imagem do homem Tiradentes, uma mulher insurge: Bárbara Eliodora, esposa do poeta e inconfidente Alvarenga Peixoto. Bárbara Bela do Norte Estrela migrou memorialisticamente do posto de musa que inspirava poetas ao de heroína da Inconfidência Mineira, como um bordado, entre reminiscências, de uma figura feminina na memória coletiva do Brasil.



## CAPÍTULO 2- BÁRBARA ELIODORA: ENTRE A HISTÓRIA E ESTÓRIAS

### 2.1 Bárbara Eliodora - O histórico é interpretável.

A primeira parte desse capítulo se propõe a explanar brevemente sobre a vida de Bárbara Eliodora, não através da apresentação de uma biografia histórica, mas da abordagem de diversas interpretações consideradas verdadeiras sobre ela. Muitas informações, que provém de fontes como o SLMG, contradizem-se, enquanto outras revelam um fundamento encomiástico e ou laudatório. Todavia, o uso dessas referências não denota um posicionamento favorável a qualquer leitura sobre Bárbara Eliodora, mas ilustra como a essência desse fazer histórico é parcial.

Ao se pensar a História como construção, ressalta-se “O texto histórico como artefato literário”, capítulo de *Trópicos do discurso: ensaio sobre a crítica da cultura*, de Hayden White (1994). Focalizando o questionamento da historiografia, White desenvolve que na escrita da história se encontram traços literários. Ele discute como diferentes olhares podem focalizar um mesmo “fato” sob ângulos distintos e o retratar de forma diferente e verdadeira. De modo que, muitas vezes, dados que aparecem como verídicos são tendenciosos.

Não objetiva este estudo entrar no âmbito da Nova História, mas apontar que a história pode ser lida enquanto construção atravessada por uma leitura que extrapola os fatos. Muitos dos que escreveram sobre Bárbara Eliodora não foram historiadores, mas se colocaram em tal função, pois buscaram dados, fizeram inferências, associações, tiraram conclusões. O que eles publicaram deriva de uma leitura que se volta para um contexto particular, perceptível em diversos aspectos que discutem sobre ela, como: nome, nascimento, cônjuge inconfidente, loucura e morte.

#### 2.1.1 Nome e nascimento: imprecisões

O enfoque inicial acerca dessa mulher é a escrita de seu nome, Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira, principalmente em relação às grafias “Heliadora” e “Eliadora”. Ambas se encontram em diferentes textos e, embora a primeira forma seja mais usual, alguns, como Aureliano Leite (1964), apontam a segunda, sem o uso do “H”, como a correta. Em *A vida heróica de Bárbara Eliodora*, o escritor explica que Eliodora poderia ser referência a

uma variedade de tulipa muito comum na época setecentista, o que justificaria ter sido esse o nome de Bárbara.

Delson Gonçalves Ferreira (1981), que escreveu livros como *Cartas Chilenas- Retratos de uma Época* (1982), assinala em “Bárbara Eliodora: história & estórias”, uma publicação no SLMG, que era sem o “H”, que ela assinava. Também, evidencia-se em outro texto publicado no mesmo periódico, “O Drama de Bárbara e Alvarenga”, pelo historiador Joaquim Norberto de Souza Silva (1969, p.11), a assinatura Bárbara “Eliodora”. Souza Silva, que desenvolveu vários estudos sobre a Conjuração de Minas, coloca um *fac-símile*, documento pertencente ao Arquivo Público Mineiro, de uma correspondência assinada por Bárbara “Eliodora”. Sendo assim, nesta dissertação optou-se por adotar essa grafia.

Não obstante, há outros que defendem o nome Heliodora, como o são-joanense Oyama de Alencar Ramalho, em “Bárbara Heliodora ou Eliodora?”. Nesse texto da *Revista da Academia de Letras de São João del-Rei*, ele afirma que a grafia sem o uso do “H” pode ser fruto de “uma leitura equivocada de manuscritos do século XVIII e princípios do XIX, nos quais a letra H é muito parecida com a letra E” (p.23). Ramalho salienta a possibilidade de que Bárbara Eliodora “soubesse que era com H e caprichosamente escrevesse com E” (p.37), ou desconhecesse como foi registrada. Além disso, existem explicações a favor da grafia “Heliodora”, como a da pesquisadora Eliane Vasconcellos. Em verbete publicado na *Internet*, “Bárbara Heliodora: vida”, Vasconcellos (2012), fundamenta o uso do “H”, “seguindo o *Dicionário etimológico* de Antenor Nascentes, que diz provir Heliodoro, do grego *Heliodoros*, de Hélio, *Hélios*, o deus do sol, e *dôron*, presente do sol, pelo latim *Heliodoru*”<sup>13</sup>.

Esporadicamente, o segundo nome de Bárbara aparece grafado com diferentes vogais, sendo a segunda vogal “i” substituída pela “e”, o que resulta em variantes como: “Heleodora”, constante no documento de sua admissão na Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte Carmelo de São João del-Rei e “Eleodora”, em publicação do são-joanense Luis de Melo Alvarenga. Esse último, farmacêutico, desenvolveu estudos a respeito da história da cidade de São João del-Rei e publicou, em “Documentos Genealógicos de Bárbara Eleodora e Tiradentes”, uma coletânea de dados sobre Tiradentes e Bárbara Eliodora. Divulgada em *Vozes de Petrópolis*, em 1954, essa discussão sobre o nome de Bárbara Eliodora suscita, em alguns momentos, uma ilusória aproximação de sua figura com a do alferes inconfidente pelo uso do sobrenome Xavier, como o trecho:

---

<sup>13</sup> Não paginado.

Por duas vezes, pelo menos, encontramos assentos de batismos, nos anos de 1767 e 1770, em que figura como madrinha Dona Bárbara Francisca Xavier da Silveira, solteira, filha legítima do Dr. José da Silveira e Souza. Em 1770 encontramos um outro lançamento em que está o nome Ana Bárbara Francisca Xavier da Silveira. Será uma só pessoa? Será sua filha Ana Fortunata, de quem encontramos alguns lançamentos? Bárbara Eleodora quando mais moça assinava Bárbara Francisca Xavier da Silveira? (p.493)

Alvarenga (1954) explica que em documentações da época existem nomes abreviados, ampliados e até escritos de formas “diferentes dos que se encontram nos assentos de batizado” (p.493). Isto é evidente, por exemplo, em relação aos filhos de Bárbara Eliodora, seja no uso corrente do nome da filha Maria Efigênia ou Ifigênia<sup>14</sup>, seja em relação a outro filho, que se casou “com o nome de João Evangelista da Silveira Alvarenga, e foi batizado como João Damasceno” (p.493). Ressalta-se que na Secretaria Paroquial da Catedral do Pilar, em São João del-Rei, encontra-se a certidão de óbito de Ana Fortunata da Silveira, irmã de Bárbara Eliodora que assinava, de acordo com Alvarenga (1954), “Ana Barbara Francisca Xavier da Silveira”.

A complexidade de se regulamentar documentos de uma população itinerante como a de Minas setecentista, devido à mineração, ocasionou a dificuldade de se entender dados historiográficos, como os que se relacionam ao nome Bárbara Eliodora. Faz-se necessário mencionar estas grafias, não pela tentativa de se buscar um nome verdadeiro, mas para mostrar como o assunto é posto em discurso seja por uma pesquisadora como Eliane Vasconcellos, sejam por profissionais que lecionaram no meio acadêmico, embora não se encontrem dados acerca de sua formação, como Delson Gonçalves Ferreira (1981).

Afinal, qual a importância de se grafar o segundo nome de Bárbara como Eliodora ou “Heliodora? Ou se ela tinha Xavier? A sutil diferença entre um “H” e um “E” ilustra uma construção memorialística, pois em muitos materiais é notória a inquietude ao se elencar razões e/ou justificativas para a escrita de (H)Eliodora. Tal discussão não leva a um questionamento supérfluo do nome, como o da grafia, mas a outro: o papel que se concede a Bárbara Eliodora no imaginário mineiro e nacional, ao ter seu nome colocado em foco de discussão. Sendo eleita heroína entre os conjurados, a polêmica sobre a escrita de seu nome aponta direções iniciais para uma leitura ampla sobre a imagem de Bárbara Eliodora, cujo local e data de nascimento se desconhece.

---

<sup>14</sup> O nome da filha de Bárbara Eliodora também aparece escrito com diferenças grafias. Alguns escrevem “Efigênia”, como Aureliano Leite (1969), e outros, “Ifigênia”, como Delson Gonçalves Ferreira (1981). Não objetivou essa dissertação um aprofundamento na questão do nome da filha, de forma que se optou pela utilização textual de “Efigênia”, a forma corrente do nome.

Não se encontram dados sobre Bárbara Eliodora em Livros de Batismo da época provável de seu nascimento, entre 1758 e 1760, o que acarreta dúvida e imprecisão acerca do ano e do local em que nasceu. Sobre esse assunto, destacam-se reflexões do são-joanense Fábio Nelson Guimarães (1986) que em “A Respeitável Dama da Inconfidência”, texto publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, afirma que Bárbara Eliodora nasceu em sua cidade, como consta na certidão religiosa de seu casamento (p.51). Todavia, outro são-joanense, Geraldo Guimarães (1996), em *São João del-Rei: século XVIII, História Sumária*, discorda de que Bárbara Eliodora teria nascido em São João del-Rei. Ele questiona a validade do registro matrimonial e destaca que esse tipo de documento poderia estar influenciado por diversas circunstâncias, como a parcialidade de quem o redigiu.

Guimarães (1996) aponta uma origem goiana para a Bárbara Eliodora, a qual explica ao afirmar que seus pais, José da Silveira e Souza, um advogado português, e Maria Josefa da Cunha, uma paulistana sexta-neta de Amador Bueno, o Aclamado rei dos paulistas, residiram em Goiás no início do casamento. E os quatro primeiros filhos do casal, dentre dez, nasceram entre 1758 e 1762, período em que a família residiu naquele estado. Desse modo, o fato de Bárbara Eliodora ter nascido em Goiás, o que consta nos ADIM (1976, v.3, p.352), justificaria a falta de informação sobre seu batismo, afinal era a filha mais velha. Na ausência de fonte mais precisa, pois os ADIM são tendenciosos, não se pode apontar certamente um local para o nascimento de Bárbara Eliodora, bem como a data em que nasceu, outra dúvida sobre sua vida.

Fábio Guimarães (1986, p.51) menciona que em seu atestado de óbito consta que ela viveu sessenta anos completos, assim calcula-se que nasceu entre o final de 1758 e início de 1759. Aureliano Leite (1964) aponta quatro de dezembro como a data geralmente associada ao seu aniversário. Ele escreve que esse dia fundamenta o nome Bárbara, pois é quando se comemora Santa Bárbara, devoção comum dos mineiros da época, que nomeavam seus filhos seguindo a tradição de colocar o nome do santo católico do dia do nascimento. Embora coloque essa explicação, Aureliano Leite discorda da mesma e menciona que a família de Bárbara não era muito religiosa, e, por isso, defende que “Bárbara” estaria associado à “Maria Bárbara de Bragança”, filha mais velha de D. João V. Desse modo, o segundo nome Eliodora, que lembrava flor, teria a função de suavizar o uso do nome de uma herdeira do trono português, falecida em vinte e sete de agosto de 1758, data que ele aponta para o nascimento de Bárbara Eliodora.

A explicação de que haveria a necessidade de suavizar um nome português ao se nomear uma brasileira revela um fundamento nacionalista na sua reflexão. Isso exemplifica como a inexistência de dados documentais determina a amplitude na leitura da imagem histórica de Bárbara Eliodora e reforça sua figura de forma significativa na memória. Ao ter sua naturalidade discutida e desconstruída em diversos contextos, ela “paira” entre provável goiana de raízes paulistanas, sendo bisneta de um dos comandantes paulistas no cerco do Arraial Novo na Guerra dos Emboabas, e mineira que vivenciou os acontecimentos inconfindentes, principalmente por estar casada como Alvarenga Peixoto.

### 2.1.2 Uma mulher e um inconfindente

Discorrer sobre Bárbara Eliodora requer abordar a figura de seu esposo, o poeta e conjurado Alvarenga Peixoto, pois sua história se entrelaça à dele. O carioca Inácio José de Alvarenga Peixoto nasceu entre 1742 e 1744 e se formou em leis em Coimbra, época na qual iniciou sua produção poética, conforme o filólogo português Manuel Rodrigues Lapa (1960), em *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*. Lapa, ao escrever a “biografia” sobre Peixoto destaca que sua obra poética foi, em suma, laudatória, sendo dedicada, majoritariamente, à beleza feminina e à adulação de poderosos.

Em 1776, Alvarenga, nomeado ouvidor geral da Comarca do Rio das Mortes, veio para a então Vila de São João del - Rei, onde, explica Lapa, aproximou-se de um grande número de advogados, dentre os quais o pai de Bárbara Eliodora. Provavelmente conheceu Bárbara Eliodora na residência<sup>15</sup> de seu pai, que se localizava nas proximidades da construção da Igreja de São Francisco de Assis, e era, de acordo com Aureliano Leite (1964), um ponto de encontro da intelectualidade local. Bárbara Eliodora tinha aproximadamente dezoito anos quando se conheceram, em 1778, e se amasaram, o que resultou no nascimento de Maria Efigênia, em 1779.

Adelto Gonçalves (1998), em “Bárbara Eliodora: nem poetisa nem heroína”, tenta explicar o fato de não terem inicialmente se casado. Ele, que escreveu livros como *Gonzaga, um poeta do Iluminismo* (1999), alega que o cargo de ouvidoria impedia Alvarenga Peixoto de se casar sem permissão real. Entretanto, Gonçalves aponta que o magistrado não se empenhou em “regularizar” seu relacionamento com Bárbara Eliodora mesmo após sair dessa função, em 1780. Em trechos de documentos do acervo paroquial da Catedral são-joanense consta que o

---

<sup>15</sup> Situada na atual Praça Frei Orlando, n.90, nas proximidades do *Campus* Santo Antônio da Universidade Federal de São João del-Rei.

casamento só ocorreu mediante portaria de Frei Domingos da Encarnação Pontevél, então bispo de Mariana, jurisdição eclesiástica à qual pertenciam as instituições católicas de São João del-Rei na época. Em vinte e dois de dezembro de 1781, Bárbara Eliodora e Alvarenga Peixoto se casaram no oratório particular que havia na casa de seu pai, em cerimônia assistida pelo padre e futuro inconfidente, Carlos Correia de Toledo, amigo próximo do noivo.

Através de documentos, dentre os quais os ADIM (1976, v.3, p.350-351), pode se apontar uma relação de outros filhos de Bárbara Eliodora, além de Maria Efigênia: José Eleutério de Alvarenga, nascido em 1787, João Evangelista Damasceno da Silveira e Alvarenga, em 1788, e Tristão Antônio de Alvarenga, o qual nasceu em 1789, quando o pai estava preso. Observa-se que eles não têm o “Peixoto” do pai, haja vista que o sobrenome do ouvidor era Alvarenga, o que pode se exemplificar pelas assinaturas de suas cartas até o ano de 1779, as quais Lapa (1960) reproduziu. Há bastantes referências ao poeta enquanto “Peixoto”, contudo, não há explicações para o porquê desse acréscimo que ele usa no nome ao deixar o cargo de ouvidor, é “um Peixoto que só os especialistas podem explicar” (RAMALHO, 2009, p.35).

Alvarenga Peixoto participou intensamente da conjuração e foi, segundo Joaquim Norberto de Souza Silva (1969), o “maior empreendedor de todos os conjurados” (p.10), compareceu a reuniões em Vila Rica, assistiu aos discursos de Tiradentes e aliciou adeptos. Ressalta-se que, oito de outubro de 1788, data da cerimônia de batizado de seu terceiro filho com Bárbara Eliodora, João Damasceno, o qual teve como padrinho o ouvidor Tomás Antônio Gonzaga, foi considerado o marco inicial da Inconfidência. A comemoração após o rito ficou lembrada como pretexto para a reunião inconfidente, pois dela se originou a senha que usavam: “Tal dia é o batizado”.

Consta nos ADIM (1976, v.3), que na festa após o batismo, a qual se realizou na casa do padre Toledo, então vigário da Vila de São José, atual cidade de Tiradentes, os convidados fizeram “saudações à futura independência brasileira. Com grande escândalo público. Bárbara, embora grávida, estava presente. Foi homenageada como rainha...” (p.352). Nessa citação dos ADIM há traços da voz e da opinião de uma monarquia, representada na pessoa de D. Maria I, que constata a ameaça ao seu poderio político, inclusive com a figura de outra mulher associada ao trono desse “novo” sistema, a “rainha” Bárbara Eliodora.

Luis de Melo Alvarenga (1954) desacredita que houve esse comentário e justifica que se o mesmo aconteceu, foi em contexto de brincadeira “e não se relacionando com a sublevação projetada, pois o movimento da inconfidência era nitidamente republicano”

(p.496). No entanto, pode-se pensar que a Inconfidência se embasou por um pensamento de raízes monarquistas, inclusive por causa da formação europeia que muitos participantes tiveram, o que esclareceria a possível menção de uma rainha para um sistema independente. Nesse sentido, destaca-se na imagem de Bárbara Eliodora um caráter pretensioso, evidente na requisição de um posto real para si e sua família, após a emancipação da metrópole portuguesa. Nesse contexto, coloca-se a lembrança de que ela teria repreendido o professor de música que admoestou sua filha, segundo o depoimento dele nos ADIM, com os dizeres de que ele deveria tratar a mesma como princesa do Brasil.

No desfecho da Inconfidência, Alvarenga Peixoto foi preso em São João del-Rei e levado para a Fortaleza da Ilha das Cobras no Rio de Janeiro, onde chegou a escrever poemas, clamando por misericórdia, como o que tem por título “Bendita sejas Lusitana Augusta”, constante nos ADIM (1976, v.7, p.154). Em 1792, esse poeta, que se encontrava entre os principais réus, teve como sentença o degredo perpétuo para Ambaca, na África. Porém, faleceu em poucos dias no presídio do interior de Angola por uma causa que se desconhece, pois há dúvidas se foi por maus tratos ou por uma doença que assolava o local, uma “febre maligna” (GUIMARÃES, 1996).

Além disso, Bárbara Eliodora sofreu o confisco dos bens pela coroa portuguesa, o que foi um grande prejuízo, haja vista que o esposo aparece nos ADIM (1976, v. 6, p.167-220) como um dos inconfidentes mais ricos. Porém, ela conseguiu reaver a metade das posses porque alegou que era casada com divisão de bens, em conformidade com as leis da metrópole, e nesse processo teve apoio do contratador dos Direitos Reais na Capitania, João Rodrigues de Macedo. Bastante rico e financiador da Conjuração (GONÇALVES, 1998), Macedo, que somente escapou da Devassa por meios corruptos (FURTADO, 2002), foi amigo de Alvarenga Peixoto e padrinho de José Eleutério. Ele assistiu Bárbara Eliodora no decorrer de sua vida, de modo que a mesma teve uma situação financeira estável e não ficou na miséria (LEITE, 1964), o que se cristalizou no imaginário coletivo sobre ela.

### **2.1.3 Loucura e morte de Bárbara Eliodora**

Uma das lembranças sobre Bárbara Eliodora é sua loucura, porque sofreu interdição em 1812, aos prováveis cinquenta e três anos de idade. Essa imagem se fundamentou tendo em vista sofrimentos que a mesma teve, como: degredo do esposo, sequestro dos bens e perda da filha Maria Efigênia, que faleceu na adolescência devido a uma queda de cavalo. A

informação dessa insanidade se corrobora pelo fato de dois filhos seus, José Eleutério e João Evangelista, terem sido interditados, respectivamente em 1819 e 1824, conforme está nos ADIM (1976, v.3, p.353). Contudo, não se pode precisar se Bárbara Eliodora enlouqueceu, teve um transtorno temporário ou se sua loucura não tem fundamento, pois há menções que contradizem sua insânia, como as de Delson Gonçalves Ferreira (1981).

Ferreira se utiliza de certidão de admissão de Bárbara Eliodora na Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte Carmelo de São João del-Rei para explicar que ela não enlouqueceu. Ele esclarece que as associações religiosas eram seletivas na escolha de membros e não permitiam a inscrição de quem não estivesse em plena consciência. Torna-se viável ressaltar a legitimidade que pode ser atribuída a registros eclesiásticos, como esse, pois Ramalho (2009) esclarece que na época do Brasil Colônia os documentos eram responsabilidade da Igreja devido ao Padroado <sup>16</sup>.

Assim, explica-se a interdição de Bárbara Eliodora como uma jogada política para reaver propriedades que ela perdeu em uma negociação mal feita. Domingos Carvalho da Silva (1970) escreve, em *Gonzaga e outros poetas*, que Bárbara Eliodora vendeu a seu filho José Eleutério parte das posses que possuía para escapar do sequestro das mesmas, e foi posteriormente interdita para evitar problemas com a metrópole. Essa explicação é discutível porque a interdição aconteceu bastante tempo após a Devassa, como resultante do desfecho da vida dela, e o sequestro dos bens foi decorrente da conjuração, a qual ocorreu em uma época em que seus filhos eram crianças.

Não se sabe sobre a situação mental de Bárbara Eliodora quando faleceu, aliás até dados sobre sua morte estão entre discordâncias, como o termo de prestação de contas sobre o inventário de Bárbara, que João Lúcio Brandão (1969) coloca, e o atestado de óbito, que Aureliano Leite (1969) transcreve. Brandão (1969), em “Elogio de Bárbara Heliodora”, publicado no SLMG, informa que “consta: haver falecido d. Bárbara Heliodora a 22 de maio de 1819” (p.8). Mas, o dado corrente, como Aureliano Leite (1964) sustenta, é que morreu tuberculosa em vinte e quatro de maio de 1819 e a enterraram na Igreja Matriz da cidade de São Gonçalo do Sapucaí.

Interessa questionar a inexistência do túmulo de Bárbara Eliodora. Silva (1970) menciona que ao visitar São Gonçalo do Sapucaí em 1961, não encontrou lápide sob a qual

---

<sup>16</sup> Esse era um sistema através do qual o papa concedeu, em 1456, aos monarcas portugueses e espanhóis o direito de administrar a Igreja em seus territórios, o que acarretou uma estruturação religiosa entrelaçada à política do reino. De forma que, à Igreja coube, muitas vezes essas funções, fato que se dissolveu ao longo dos anos e terminou no Concílio Vaticano II, na década de 1960.



poderiam estar seus restos mortais, talvez em decorrência da reforma do piso dessa igreja. Além do mais, suspeita-se que, por volta de 1920, trasladaram seus ossos para o cemitério da cidade e os colocaram em sepultura popular. Desse modo, não se conhece a localização dos restos de Bárbara Eliodora, o que explica a lápide simbólica a ela dedicada no Panteão da Inconfidência Mineira, em Ouro Preto.

#### **2.1.4 A história, um viés parcial**

A descendência de Bárbara Eliodora “provém de seus filhos José Eleutério e João Damasceno (Evangelista) porque Tristão e Maria Ifigênia morreram solteiros” (ALVARENGA, 1954, p.498) e sem filhos provavelmente. Ressalta-se que em 2007, como consta em nota do jornal *Gazeta de São João del Rei*, vieram à cidade são-joanense, por uma iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, três descendentes de Bárbara Eliodora: as trinetas Maria de Alvarenga Campos Araújo e Célia Alvarenga Campos Aguiar e a tetraneta Tânia Maria Campos Aguiar. Elas foram homenageadas em uma sessão solene que aconteceu na Câmara Municipal, em que esteve presente o estudioso da Inconfidência mineira, André Figueiredo Rodrigues.

Faz-se necessário refletir que um evento como esse, promovido pela Secretaria da Cultura e Câmara Municipal, envolvendo um historiador especializado e imprensa local, torna-se um exemplo significativo da releitura desse passado mineiro e inconfidente de Bárbara Eliodora. Os dados sobre ela, como o nome, loucura e outros, demonstram mais que uma busca pela constituição de sua figura histórica, apontam como foi posta em discurso. Sob tal perspectiva, pode se relacionar o processo de construção memorialística em torno da figura de Bárbara Eliodora à metáfora de um bordado principalmente, ao se tomar a interpretação da Conjuração Mineira por João Pinto Furtado (2002). Ele desenvolve que a historiografia inconfidente está “tecida” em meio à memória e ao mito e que, em muitos aspectos, está construída, como na figura de Tiradentes.

Os dados aparentemente construídos na imagem de Bárbara Eliodora podem ser resultantes de dificuldades na interpretação histórica, a qual, muitas vezes, constituiu-se sob um enfoque parcial. Ao se escrever sobre Bárbara Eliodora, recorrer aos documentos se faz insuficiente, pois no material levantado são notórias as incertezas sobre a escrita do nome e discussões em torno da data de seu nascimento. Além da procura por registros da época ser

difícil, a por materiais atuais é dúbia, pois estão repletos de releituras controversas dos documentos antigos.

Nesse contexto em que o histórico se demonstra interpretável, pode-se pensar o texto “A História, os ‘estoriadores’ e o caso de Bárbara Eliodora” (1969), do professor Manuel Rodrigues Lapa, publicado no SLMG. Ele afirma que muitos dados sobre Bárbara Eliodora são tendenciosos e caracteriza quem os colocou, conforme Lapa (p.4), como “estoriadores”, ou seja, um historiador “que cultivava não a história mas a ‘historieta’; isto é, a anedota”. Ao colocar que o estoriador “ama e propaga a balela tradicional”, Lapa se apresenta como um historiador, aquele tem que “analisar e interpretar segundo um critério rigorosamente histórico”, pois busca “a verdade dos fatos e, tantas vezes, a indispensável destruição dos mitos” (p.4).

As leituras acerca de Bárbara Eliodora, estão sempre entre fatos considerados históricos por uns e estórias, por outros, e sua veracidade depende da afirmativa daqueles entendidos como historiadores e/ou estoriadores. Muitos dos que escrevem sobre ela, jornalistas, escritores ou políticos, deixam seus traços nesse contexto de memória da Inconfidência, pois se afirmam como quem apresenta a verdade. Todavia, não somente Lapa critica os estoriadores, mas esses também se manifestam contra aqueles que se dizem historiadores.

Em “A Poetisa Bárbara Eliodora”, outra publicação do SLMG, Aureliano Leite (1969), que parece se encaixar nas colocações de Lapa, reclama: “o luso Rodrigues Lapa fala em erros e deturpações ‘da’ crítica desorientada e apaixonada que deseja erguer ao nível dos heróis Alvarenga Peixoto e sua mulher. (...). Até parece que o escritor luso é partidário, atrasado no tempo, de D. Maria I, a Louca!” (p.6). Embora o texto de Aureliano Leite tenha sido publicado em maio, anteriormente ao de Lapa, que foi em agosto, subentende-se pelo teor de sua escrita que o português havia colocado seus questionamentos acerca do que entendia como estórias sobre Bárbara Eliodora em outros materiais.

Também o SLMG, deixa sua opinião impressa quando Rui Mourão e Laís Correa Araújo, organizadores de um especial sobre Bárbara Eliodora em 1969, devido ao sesquicentenário de seu falecimento, acrescentam na publicação de Rodrigues Lapa uma nota em que o defendem e deixam clara a existência de um contexto em que se misturam diferentes leituras, sejam dos considerados historiadores, sejam dos estoriadores:

Um Suplemento por mais que pretenda, só pode recolher em suas páginas o resultado de pesquisas cabais e sistemáticas, capazes de reformular o conhecimento

existente e contribuir de maneira definitiva para o enriquecimento científico ou literário. É do feitio dessas publicações um compromisso muito acentuado com o momentâneo e o transitório. A atividade cultural exaustiva, mais condizente com a cátedra, o livro ou a revista especializada, só de quando em quando nos corteja. À vista disso é que atribuímos grande importância à colaboração do prof. M. Rodrigues Lapa, notável investigador do nosso passado a quem as nossas páginas sempre estarão abertas (MOURÃO, ARAÚJO *apud* LAPA, 1969, p.5).

A discussão de Rodrigues Lapa e de Aureliano Leite até poderia ser refletida pelo âmbito nacionalista, não fossem tantas histórias ou estórias que se contradizem e apontam não somente a defesa de um país ou de outro, mas parcialidade na compreensão de acontecimentos históricos. É perceptível na escrita daqueles que escrevem sobre Bárbara Eliodora o uso dessa divisão “história/estória” para salientar a defesa de seus pontos de vista. De forma que, os argumentos de ambos os “lados”, considerados opostos, se caracterizam de uma forma única, pela parcialidade.

À vista disso, o professor Adeldo Gonçalves (1998) se torna exemplo de quem transparece ser tendencioso ao entender a historiografia. Ele desconstrói imagens de Bárbara Eliodora ao escrever, por exemplo, que ela não foi poetisa e nem heroína, e, paradoxalmente, corrobora a construção mítica de Tiradentes, apontando o alferes como digno de reconhecimento heroico. Ao se referir ao inconfidente, Gonçalves justifica que a figura do alferes se destaca historicamente e que isso está documentado. Sabendo-se da construção que houve em torno da figura de Tiradentes, essa posição ambígua de Gonçalves, entre quem realmente torna-se merecedor de ser lembrado na história, aponta uma percepção pessoal dos fatos.

Ao se pensar que diversos fatores influenciam o olhar do historiador e direcionam sua percepção dos fatos, tornam-se questionáveis, como menciona Hayden White (1994), “as formas possíveis de representação histórica e as suas bases”, bem como as “contribuições a um conhecimento seguro da realidade” (p.98). Desse modo, são discutíveis muitas fontes acerca de Bárbara Eliodora, principalmente porque algumas foram desenvolvidas por são-joanenses que elaboram estudos acerca de sua cidade natal e obviamente destacaram indivíduos do local.

Jacques Le Goff (1990) afirma que a história se diferencia de outras ciências, pois se forma discursivamente, através da interpretação que historiadores fazem sobre fatos. Ele explica que a leitura do “passado é uma construção e uma reinterpretação constante” (p.24) e tanto a consciência do mesmo quanto do presente são reelaboradas em conformidade com a época e o contexto do historiador que as observa. Podem-se indicar como exemplo os documentos ou registros, pois embora sejam requisitos para um construto histórico, a fim de

provarem algo, são passíveis de credibilidade, porque não há como determinar se são autênticos.

Se o historiador escreve história em determinado contexto, e pode forjar uma leitura, deve-se entender que as fontes utilizadas por ele são controversas. Ao se discutir sobre uma memória de guerra, ressalta-se que a nação vencedora tem “documentos” que enfatizam sua vitória, por exemplo: atas, certidões e até fontes mais próximas aos indivíduos, como livros acerca de sua história ou um hino a cantar etc. Contudo, não é conveniente para a nação perdedora focalizar sua derrota. Assim, seus registros, ou a falta deles, podem demonstrar traços de silenciamento sobre o que aconteceu, como uma data apagada na memória na coletividade. “Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado” (p.110). Sob essa perspectiva, as fontes são comprobatórias, não de fatos, mas, de um poder social que pretende especificar um passado, determinar uma lembrança. São “monumentos” a serem estudados e questionados.

Embora seja relevante o conselho de Lapa (1969), de que os escritos acerca de Bárbara Eliodora devem “ser apreciados com agudo sentido crítico” (p.4), grande parte do material encontrado narra estórias e demonstra um olhar que busca ser objetivo em meio a uma conjuntura parcial. E isso se torna evidente na construção de uma memória sobre Bárbara Eliodora, na qual fatos acontecidos ou não, ou ainda “bordados”, tornam-se passíveis de leituras parciais. São monumentos – documentos nos quais transparecem que diversos “autores”, sejam estoriadores, historiadores ou aqueles que se apresentam como tal, bordam a imagem dessa mulher além do que aparece compreendido como histórico, na memória.

## **2.2 Bárbara Eliodora e muitas estórias**

Se a história de Bárbara Eliodora se torna contraditória, seja em meio a leituras contestáveis ou a ausência de documentação, seja em consequência da Devassa que apagou os inconfidentes em seu tempo, a memória sobre ela em algum aspecto se torna “clara”: foi “bárbara”. Em meio a incertezas históricas, muitos dados preenchem lacunas existentes, como estórias que resultam na formação de uma história sobre a mesma, mostrando como ambos os meios se entrelaçam. Ao se valer do termo estórias, não há uma intenção pejorativa, embora transpareça esse sentido nas publicações de Manuel Rodrigues Lapa (1969) e de Delson Gonçalves Ferreira (1981) no SLMG, mas a de apontar uma construção memorialística sobre Bárbara Eliodora, que se torna válida, nesse âmbito. Ela é recordada como: bela, poetisa, um

feminino avançado para a época e louca. E até sua morte aparece trabalhada no imaginário coletivo, por exemplo, em poemas.

### 2.2.1 A bela

Uma das mais conhecidas imagens relacionadas à Bárbara Eliodora é a da beleza, sendo por isso considerada, como Marília de Dirceu, Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, uma das musas da Inconfidência Mineira. A figura de Marília se cristalizou como a eterna inspiração do poeta árcade Tomás Antônio Gonzaga, em sua obra poética de mesmo nome. Contudo, a de Bárbara Eliodora sobrepujou-se a essa, pois sua lembrança transcendeu o âmbito literário ao ser embaralhada aos acontecimentos políticos de seu tempo. Isso se reflete, por exemplo, nos ADIM, em que constam que sua beleza e das irmãs “influenciaram seriamente a vida pública são-joanense” (1976, v.3, p.353).

Entre os poemas a ela dedicados, destaca-se, inicialmente, o famoso “Bárbara Bella”, da autoria de seu esposo, o poeta árcade Alvarenga Peixoto:

A D. BARBARA ELIODORA  
SUA ESPOSA  
REMETTIDA DO CÁRCERE DA ILHA DAS COBRAS

Barbara bella,  
Do Norte estrella,  
Que o meu destino  
Sabes guiar,  
De ti ausente  
Triste somente  
As horas passo  
A suspirar.

Por entre as penhas  
De incultas brenhas  
Cansa-me a vista  
De te buscar;  
Porém não vejo  
Mais que o desejo,  
Sem esperança  
De te encontrar.

Eu bem queria  
A noite e o dia  
Sempre condigo  
Poder passar;  
Mas orgulhosa  
Sorte invejosa,  
D'esta fortuna  
Me quer privar.

Tu, entre os braços,  
Ternos abraços  
Da filha amada  
Podes gozar;  
Priva-me a estrella  
De ti e d'ella, -  
Busca dous modos]  
De me matar!

Nesses versos, transcritos por Joaquim Norberto de Souza Silva (1865) em *Obras poéticas de Inácio José de Alvarenga Peixoto* (p.223-224), percebe-se o orgulho do inconfidente ao ressaltar a beleza da esposa e descrevê-la como uma estrela guia, da qual necessita ardorosamente. Muitas reflexões poderiam ser apontadas sobre esse poema, como as de Manuel Rodrigues Lapa (1960) que apresenta questionamentos, principalmente em relação à dedicatória, “De Inácio Jose Alvarenga, estando preso à sua mulher”, e à procedência, “remetida no cárcere das cobras”. Entretanto, não se objetiva um estudo do poema “Bárbara Bella”, nem de outros que serão citados, mas apenas endossar como se ressalta a beleza enquanto um atributo marcante na lembrança de Bárbara Eliodora.

Souza Silva (1865) reproduz outro poema, de Alvarenga Peixoto, possivelmente dedicado à Bárbara Eliodora, o “Retrato de Anarda” (p.217-222):

A minha Anarda  
Vou retratar,  
Se a tanto a arte  
Puder chegar.  
Trazei-me, amores,  
Quanto vos peço,  
Tudo careço  
Para a pintar.

(...)

Porte de deosa  
Spirito nobre,  
E o mais, qu' encobre  
Fino avental.  
Só vós, amores,  
Que as graças nuas  
Vedes, as suas  
Podeis pintar.

Considerando que esse poema foi dedicado à Bárbara Eliodora, o que Domingos Carvalho da Silva (1970, p.176) afirma, pode-se destacar expressões adjetivas usadas por Alvarenga Peixoto ao descrever sua musa, como: “lindas covas” (p.219) na face, “alvos dentes” (p.220), “mãos crystallinas” e “roliços braços” (p.221) e uma “delicada cintura” (p.221).

Outros árcades fizeram alusões à beleza de Bárbara Eliodora, como Tomás Antonio Gonzaga (2006), nas *Cartas Chilenas*, obra publicada originalmente em 1789, que a chamou de “mãe formosa” (p.16). Também, o poeta português António Dinis da Cruz e Silva, um dos fundadores da lusitana Arcádia Olissiponense, dedica um soneto à beleza de Bárbara Eliodora e de suas irmãs:

A's Senhoras D. Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira, D. Maria Ignacia Policena da Silveira, D. Iria Claudiana Umbelina da Silveira.

Absorto entre as tres Deosas duvidava  
Páris a qual o pomo entregaria:  
Sem véo, as perfeições de todas via,  
E quanto mais via, mais vacilava:  
(CRUZ E SILVA, 1807, p.155)  
(...)

Nesse soneto, presente em *Poesias de Antonio Diniz da Cruz e Silva* (1807), o poeta, e magistrado que constou entre os juízes do processo da Devassa da Inconfidência, associa, pela beleza, Bárbara Eliodora e duas de suas irmãs a deusas. Cruz e Silva ao comparar Bárbara Eliodora às divindades gregas, atribui-lhe diversos valores associados pelo senso comum à idealização do feminino, como: beleza, sensualidade, docilidade, entre outros.

Todavia, a imagem de uma Bárbara Bela ultrapassa a escola árcade, sendo lembrada na poesia modernista por Cecília Meireles (2005). Essa poeta escreve em *Romanceiro da Inconfidência* alguns poemas dedicados à “personagem” Bárbara Eliodora, como o “Romance 75 ou De Dona Bárbara Heliadora”, no qual a destaca, pela beleza, entre suas irmãs:

Há três donzelas sentadas  
na verde, imensa campina.  
O arroio que passa perto,  
com palavra cristalina,  
ri-se para Policena,  
beija os dedos de Umbelina;  
diante da terceira, chora,  
porque é Bárbara Heliadora.  
Córrego, tu por que sofres,  
diante daquela menina?  
Semelha o cisne, entre as águas;  
na relva, é igual à bonina;  
a seus olhos de princesa  
o campo em festa se inclina:  
vê-la é ver a própria Flora,  
pois é Bárbara Heliadora!

Das três donzelas sentadas  
naquela verde campina,  
ela era a mais excelente,  
a mais delicada e fina.  
Era o engaste, era a coroa,

era a pedra diamantina...  
(p.212-213)

Não apenas em verso se encontram alusões à beleza de Bárbara Eliodora, mas em prosa, como em *A dança da Serpente*, de Sebastião Martins (1990). Ele justifica que teve um embasamento historiográfico, mas optou por usar a imaginação ao contar a história de Bárbara Eliodora, o que faz, por exemplo, ao exaltar demasiadamente a beleza da esposa de Alvarenga Peixoto. Entre as referências que Martins utiliza para descrevê-la, destaca-se que ela tinha um “nariz fino de deusa grega antiga” (p.128), “cabelos louros e finos, do alto da cabeça até o meio das costas” (p.27) e “mais dourado que mineral de aluvião” (p.40) e olhos “de acordo com o céu de São João, que pode ser verde, azul e cinzento” (p.40).

Embora Martins pareça bordar a figura de Bárbara Eliodora de forma angelical, como “figurinha linda, corpo de fada” (p.40), ele inclui na sua imagem aspectos de sensualidade, inserindo-a em um contexto sexual. Além de idealizá-la, descreve que tinha um “corpo feito para matar a fome de alguém” (p.122), “uns peitos duros, porém macios, feito pêssego na véspera de madurar, e as pernas grossas, escovadas, com aqueles pelos dourados que até o vento tem vergonha de tocar” (p.50-51). É relevante discutir como essas descrições de beleza, que exaltam a figura de Bárbara Eliodora entre bela almejada e objeto sexual, indicam o cuidado em se compor uma imagem de mulher que se destacasse em meio a outras.

Na ausência, óbvia, de fotografias, pode-se apontar poucas imagens que a retratam, como a do pintor Carlos Ayres<sup>17</sup>, o qual, atesta Aureliano Leite (1964), “se inspirou em dados históricos e nos traços das figuras femininas da família” (p.7), e a pintura em óleo, encontrada nos porões da antiga Fazenda Boa Vista<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> A data da pintura não foi informada.

<sup>18</sup> Uma das fazendas que pertenceu a Alvarenga Peixoto, localizada na cidade de São Gonçalo do Sapucaí.





Figura 3<sup>19</sup>: Pintura a óleo, de artista e data desconhecidos.



Bárbara Eliodora, numa concepção de pintor Carlos Ayres, que se inspirou em dados históricos e nos traços das figuras femininas da família.

Figura 4<sup>20</sup>: Bárbara Eliodora, por Carlos Ayres

<sup>19</sup>CIDADES HISTÓRICAS BRASILEIRAS. Município de Heliadora- Fotos históricas. Disponível em: <[www.heliadora.mg.gov.br/fotoshist.htm](http://www.heliadora.mg.gov.br/fotoshist.htm)>. Acesso 3 set. 2006.

Deve-se mencionar a existência de representações dela no cinema, pelas atrizes: Carmem Santos em *Inconfidência Mineira* (1948), Tereza Medina em *Os Inconfidentes* (1972) e Adriana Esteves em *Tiradentes* (1999). Loiras ou morenas, altas ou baixas, elas se tornam leituras complementares que “pintam” a imagem de Bárbara Eliodora na memória coletiva.

As referências à Bárbara Eliodora tentam validar a imagem de uma Bárbara bela e ressaltam, paradoxalmente, a construção desse belo, principalmente, por homens. Sendo a beleza um atributo requerido e até mesmo às mulheres imposto, pode-se refletir a ênfase na lembrança de Bárbara Eliodora enquanto bonita pela ótica da teoria feminista. Nessa perspectiva, destaca-se, brevemente, a filósofa francesa Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*. A obra, lançada em 1949, tornou-se um marco na escrita sobre a situação do feminino, haja vista as colocações inovadoras sobre o mesmo, para o contexto da época.

Neste volume, *O Segundo Sexo I: fatos e mitos*, Beauvoir (1970) reflete sobre acontecimentos históricos e mitos que direcionam a formação da mentalidade da (e sobre a) mulher, condicionando-a como segundo sexo. A escritora desenvolve em seu raciocínio, abarcando diferentes aspectos, por exemplo, o biológico, o literário e o psicanalítico, que não existem mulheres até que as mesmas sejam social e culturalmente construídas. Sob essa perspectiva, compreende-se a beleza que se atribui a Bárbara Eliodora dentro do discurso patriarcal de representação desse feminino.

Há um contexto setecentista e majoritariamente masculino, através do qual Bárbara Eliodora é, inicialmente, (d)escrita enquanto mulher: são poetas árcades que idealizavam suas nices<sup>21</sup>. E ela foi a musa de seu esposo, no poema “Bárbara Bella”, talvez a maior alusão a sua beleza e que provavelmente incentivou outras escritas. Entre as várias faces dessa construção, seja de modo angelical como Gonzaga o faz, ao mencioná-la enquanto bela em sua maternidade, seja sensual como consta nos ADIM, ao deixá-la subtendida como uma beleza que influenciou até os meios políticos, Bárbara Eliodora foi tornada mulher e musa, uma Bárbara bela. Ao ser uma imagem que um sistema misógino edifica, espera-se, porque o mesmo secundariza a mulher, que Bárbara Eliodora permaneça apenas na superficialidade da descrição de sua beleza. Contudo, sua figura se destaca, paradoxalmente, em outros aspectos, como o de instruída.

---

<sup>20</sup> In: MEIRELES, Cecília. Romance de um tal Alvarenga. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n.143, p.9, maio 1969.

<sup>21</sup> Termo utilizado no Arcadismo para se referir às musas inspiradoras dos poetas.

## 2.2.2 A Poetisa

A lembrança de Bárbara Eliodora, a quem Souza Silva (1969) chamou de “bela paulistana” (p.11), caracteriza-se por uma educação diferente da que tiveram as moças de sua época. Enquanto a maioria era analfabeta, sobressaiu-se na imagem de poetisa, sendo, conforme Aureliano Leite (1969) mencionou, a primeira do Brasil. Embora existam escritas de mulheres que sejam anteriores às de Bárbara Eliodora, Aureliano Leite justifica que sua riqueza literária faz com que se sobressaia a outras. Dentre os nomes ele menciona, destacam-se a pernambucana Rita Joana de Souza, sobre a qual ele afirma que não encontrou registro de poemas, e a fluminense Ângela do Amaral Rangel, conhecida como Ceguinha, cujos poemas ele classificou como ruins.

Nessas observações há uma inclinação a favorecer Bárbara Eliodora enquanto poeta, principalmente pela desqualificação e apagamento de outras poetisas. Todavia, a “obra” a ela atribuída consta do soneto “Amada filha já é chegado o dia”, dedicado à Maria Efigênia pela passagem dos seus sete anos, e das sextilhas “Conselhos a meus filhos”. Em outra edição de *Obras poéticas de Inácio José de Alvarenga Peixoto*, que Domingos Carvalho da Silva organizou e publicou, em 1956, esses dois sonetos não foram incluídos, até porque Joaquim Norberto de Sousa Silva havia duvidado a respeito dos mesmos, como se fossem de Bárbara Eliodora.

A MARIA IPHIGENIA  
EM 1786, (QUANDO COMPLETAVA SETE ANOS DE IDADE)

Amada filha, é já chegado o dia,  
Em que a luz da razão, qual tocha acesa,  
Vem conduzir a simples natureza,  
E hoje que o teu mundo principia.

A mão, que le gerou, teus passos guia,  
Despreza ofertas de uma vã beleza,  
E sacrifica as honras e a riqueza  
A's santas leis do Filho de Maria.

Estampa na tu'alma a caridade,  
Que amar a Deos, amar aos semelhantes,  
São eternos preceitos da verdade;

Tudo o mais são idéas delirantes;  
Procura ser feliz na eternidade,  
Que o mundo são brevíssimos instantes.  
(In: SOUZA SILVA, 1865, p.197-198)

Em “História de um soneto”, texto publicado no jornal *Estado de São Paulo*, em 1961<sup>22</sup>, Silva (1970) esclarece que esse poema demonstra certo fundamento moral, de forma que não poderia ser de Alvarenga Peixoto, que como poeta não se preocuparia com moralidade. Por isso, ele defende que Bárbara Eliodora escreveu esses versos porque era a outra pessoa que poderia chamar Maria Efigênia de filha. O que, no entanto, é outro argumento controverso, pois textos, bem como poemas, não refletem necessariamente a realidade e sob essa perspectiva, o termo filha não precisaria ser verídico.

Mais discutíveis são as sextilhas “Conselhos a meus Filhos”:

Meninos, eu vou dictar  
As regras do bem viver;  
Não basta somente ler,  
É preciso ponderar,  
Que a lição não faz saber,  
Quem faz sábios é o pensar.

N'este tormentoso mar  
D'ondas de contradicções,  
Ninguém solettre feições,  
Que sempre se ha de enganar;  
Da caras a corações  
Ha muitas léguas que andar

Applicai ao conversar  
Todos os cinco sentidos,  
Que as paredes têm ouvidos,  
E também podem fallar:  
Ha bichinhos escondidos,  
Que só vivem de escutar.

Quem quer males evitar  
Evite-lhe a occasião,  
Que os males por si virão,  
Sem ninguém os procurar,  
E antes que ronque o trovão,  
Manda a prudencia ferrar.

Não vos deixeis enganar  
Por amigos, nem amigas,  
Rapazes e raparigas  
Não sabem mais que asnear;  
As conversas e as intrigas  
Servem de precipitar.

Sempre vos deveis guiar  
Pelos antigos conselhos,  
Que dizem que ratos velhos  
Não ha modo de os caçar:  
Não batão ferros vermelhos,  
Deixem um pouco esfriar.

---

<sup>22</sup> Essa publicação, assim como outras que Domingos Carvalho da Silva (1970) menciona, não foi encontrada. Entretanto, foi reproduzida, assim como as outras, por ele em *Gonzaga e outros poetas*.

Se é tempo de professar  
De taful o quarto voto,  
Procurai capote roto,  
Pé de banco de um bilhar,  
Que seja sabio piloto  
Nas regras de calcular.

Se vos mandarem chamar  
Para ver uma função,  
Respondei sempre que não,  
Que tendes em que cuidar:  
Assim se entende o rifão:  
Quem está bem deixa-se estar.

Deveis-vos acautelar  
Em jogos de paro e topo,  
Promptos em passar o copo  
Nas angolinas do azar:  
Taes as fabulas de Esopo,  
Que vós deveis estudar.

Quem falla, escreve no ar,  
Sem pôr vírgulas nem pontos,  
E póde quem conta os contos,  
Mil pontos accrescentar;  
Fica um rebanho de tontos  
Sem nenhum adivinhar.

Com Deos e o rei não brincar,  
E servir e obedecer,  
Amar por muito temer,  
Mas temer por muito amar,  
Santo temor de offender  
A quem se deve adorar!

Até aqui póde bastar,  
Mais havia que dizer;  
Mas eu tenho que fazer,  
Não me posso demorar,  
E quem sabe discorrer  
Póde o resto adivinhar.  
(In: SOUZA SILVA, 1865, p.263-266)

Contradizendo Silva (1970), alguns “autores”, como Manuel Rodrigues Lapa (1969), dizem que esse poema não foi escrito por uma mulher. Ele afirma a autoria masculina através de aspectos textuais, uso de gírias e de termos como “botequim” e “jogos”, os quais denotariam uma experiência boêmia e não condizente com o comportamento esperado para uma mulher setecentista. Rodrigues Lapa explica que esse poema data de 1816, época do governo de um rei e na qual Bárbara Eliodora estaria louca, o que reforça que não o escreveu.

Outra possibilidade que Lapa levantou é que o poema pode ser de João Evangelista, um dos filhos de Bárbara Eliodora e Alvarenga Peixoto, porque o mesmo foi professor e os versos demonstram elementos pedagógicos, como se fosse uma lição. Assim como as

anteriores, essa justificativa para o filho ter escrito o poema não é coerente. Afinal, o fato de alguém ser professor não significa que sua escrita se restrinja ao uso didático e uma escrita “educativa” não se vincula, necessariamente, ao magistério.

Domingos Silva (1970) menciona a publicação “Uma edição de Alvarenga Peixoto”, na qual Antonio Candido (1957) comenta a retirada que ele, Domingos Silva, fez dos poemas atribuídos a Bárbara Eliodora ao organizar *Obras poéticas de Inácio José de Alvarenga Peixoto*, em 1956. De acordo com Silva, Candido concorda com a atribuição à Bárbara Eliodora, mas discorda das suas justificativas, como a do tom moralista. Em resposta a Antonio Candido, Domingos Silva publica, cerca de um mês depois, um texto com título análogo ao de Candido, no qual aponta sua satisfação com a sua concordância acerca da autoria dos poemas. Ele afirma que, embora respeite e ressalte como importante as observações do estudioso, mantém as mesmas justificativas que resultaram de pesquisas. Embora na atualidade “Conselhos a meus filhos” apareça sob a autoria de Bárbara Eliodora, a dúvida permanece a ponto do mesmo ter sido publicado no SLMG em 1969 (p.7) como sendo dela, e posteriormente, em 1975 (p.11), no mesmo periódico, como de Alvarenga Peixoto.

Bárbara Eliodora viveu em uma época na qual grande parte das mulheres desconhecia as letras e isso exemplifica porque seu fazer literário, em meio à Arcádia Mineira, de escrita predominantemente masculina, foi justificado, como Domingos Silva (1970) menciona, por sua convivência com o marido, magistrado e poeta, e os amigos dele. Desse modo, a discutida autoria de Bárbara Eliodora nos poemas resulta do contexto em que viveu, o qual silenciava as mulheres e suas manifestações, dentre elas a escrita.

Quando se pensa em mulheres do período colonial a imagem oferecida é a de um estereótipo, cuja tradição de escrita, masculina e muitas vezes misógina, apresenta como servil e doméstico, reconhecido somente no papel de esposa e mãe. Eliane Vasconcellos (2001), em “Nem só de Drummond e Guimarães Rosa vive a Literatura Mineira”, reflete sobre o desenvolvimento de uma escrita de mulheres em Minas Gerais, os desafios que enfrentaram e o exemplo de algumas, entre as quais, Bárbara Eliodora. Vasconcellos expõe como na época da Colônia, diferentemente dos homens que recebiam educação escolar, às mulheres eram ensinadas “atividades desenvolvidas pelo ‘belo sexo’”, como cozinhar e costurar, sendo que a “agulha se sobrepunha à caneta”<sup>23</sup>.

Entretanto, não se questiona, aqui, a qualidade dos versos a ela atribuídos, o número reduzido dos mesmos e sua autoria sobre eles. Afinal, o que definiria a escrita de uma mulher,

---

<sup>23</sup> Não paginado.

em especial a dela? Os motivos para (des)atribuições dos versos são discutíveis. O convívio familiar e o meio árcade podem, sim, ter favorecido a produção de uma obra poética por Bárbara Eliodora. Todavia, por conviver com o círculo de amizades do marido, advogados, juízes e poetas, como se estipular uma escrita moralista para a mesma? Pois o meio deles era marcado pela boemia. E na condição de uma pessoa culta, o que pode ter sido, sua escrita não seria necessariamente entre limitações como pudores e/ou tabus. Não se pode esquecer que um poema é uma construção feita por alguém que fala, tanto de forma masculina, quanto feminina, embora essas formas não possam ser precisamente definidas.

Além disso, por que seria Bárbara Eliodora e não Alvarenga Peixoto, o (a) autor(a)? Lapa (1969) é um que dos que negam que Bárbara Eliodora foi poeta e inclusive comenta que se ela tivesse estudado haveria registros acerca disso,

como por exemplo, o pedido dalgum livro a João Roiz de Macedo<sup>24</sup>. Nada disso. O que há, em vez de livros, é um pedido feito ao compadre de um vestido de amazona: ‘Meu compadre o meu vistido de andar a Cavallo está já incapás, comprime lá alguma xita de fundo escuro ou alguma coiza propria que ca lhe satisfarei’. -B. N. do Rio, Manuscritos, II-31, 19. Reproduzimos a sua pontuação e ortografia, que estão longe de ser as duma escritora. (p.4)

Um possível pedido de livros não aponta que ela fosse poeta ou fosse letrada, assim como o contrário. Embora seja discutível tanto o conteúdo da citação, quanto a escrita atribuída a Bárbara Eliodora e sua imagem de poetisa, ressalta-se, como Eliane Vasconcellos (2001), que há uma

imensa bibliografia sobre ela – (...) cerca de 50 títulos. Tendo ela produzido, na melhor das hipóteses, apenas duas peças literárias, é interessante que a crítica se detivesse em escrever tanto sobre essa mulher. Só podemos entender tal fato se levarmos em conta que ela está relacionada a um homem e a um momento importantes da nossa História, tanto literária quanto política.<sup>25</sup>

Dentre as referências que Vasconcellos mencionou há muitas publicadas no SLMG, como o texto “A Poetisa Bárbara Heliodora” (LEITE, 1969), que faz um relato acerca da vida dela. Sob um olhar historiográfico, tornam-se bastante plausíveis os apontamentos de Vasconcellos, pois se na memória da Inconfidência Bárbara Eliodora foi associada à figura de seu esposo, enquanto poetisa, sua lembrança se entrelaça à do poeta Alceu, um dos pseudônimos árcades de Alvarenga Peixoto.

---

<sup>24</sup> João Rodrigues de Macedo, o amigo de Alvarenga Peixoto que auxiliou Bárbara Eliodora quando o esposo foi degredado.

<sup>25</sup> Não paginado.

Nelly Novaes Coelho (2002), em *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2000*, destaca a importância da escrita das mulheres na segunda metade do século XX. Novaes Coelho, que pôs em verbete 1401 escritoras, entre memorialistas, cronistas, poetas e ficcionistas, menciona a “poetisa” Bárbara Eliodora entre tantas canônicas pela escrita, como: Henriqueta Lisboa (1901), Laís Corrêa de Araujo (1929), Hilda Hilst (1930), Adélia Prado (1935), Marina Colassanti (1937) e Martha Medeiros (1961). Ela informa que Bárbara Eliodora foi “registrada pelos documentos históricos como a segunda mulher poeta brasileira” (p.85), embora argumente que acerca da obra da poetisa “pouco restou. Consta que muitos de seus manuscritos teriam sido apreendidos e destruídos pelos esbirros <sup>26</sup> de D. Maria, a louca, quando vasculharam a sua casa, em busca de papéis do poeta inconfidente” (p.86).

Novaes Coelho assinala que não houve um reconhecimento de Bárbara Eliodora na posteridade enquanto poeta, porque dela restaram apenas dois poemas, mas como esposa de um inconfidente. Todavia, deve-se questionar como essa imagem de poetisa se entrelaça à memória do também poeta Alvarenga Peixoto, tanto que seus versos são a ele atribuídos. Entre construção ou apagamento dessa poeta, seja por questões de silenciamento de gênero, seja em decorrência do desfecho da Inconfidência, sobre o qual Manuel Lapa (1960) justifica a perda de muitas obras de Alvarenga Peixoto, a imagem de Bárbara Eliodora perpassa a memória e “migra” do posto de musa ao de poeta.

### **2.2.3 Mulher de “vanguarda”?**

Algumas das histórias/estórias acerca de Bárbara Eliodora, como o fato de ter vivido um relacionamento de mancebia com Alvarenga Peixoto aos dezoito anos, tendo uma filha, acarretam sobre sua figura a imagem de avançada para o século XVIII. Contudo, sua vida não destoava do contexto que as mineiras coloniais setecentistas viviam e, ao se observar essa conjuntura, constata-se que ela não foi uma mulher de “vanguarda”.

Em “Mulheres nas Minas Gerais”, o historiador Luciano Raposo de Almeida Figueiredo (1997) assinala que o comportamento feminino local, nessa época, contradizia o pré-estabelecido pela Igreja Católica e pela sociedade patriarcal, por duas características determinantes: mancebia e atuação nos negócios da família. De acordo com Figueiredo, a mancebia se fortaleceu nos núcleos coloniais mineiros, em razão de fatores, como: relacionamento com escravas, consideradas inaptas ao casamento por serem de origem negra,

---

<sup>26</sup> Funcionários da Justiça, no caso, da corte portuguesa.



e regularização dispendiosa da união, em vista dos numerosos documentos de uma população ambulante, devido à mineração. Embora esses convívios fossem divergentes do que os meios político e eclesiástico prescreviam, muitos casais não se preocupavam em expô-los publicamente, inclusive, formavam famílias.

Embora o concubinato fosse característico, não exclusivo, das mulheres pertencentes às classes subalternas, Bárbara Eliodora, que pertencia à classe aristocrática, o vivenciou. A importância de situar esse tipo de relacionamento está no fato de que era marcado por uma postura economicamente ativa das mulheres, pois muitos homens, devido a uma vida itinerante, preparavam-nas para administrarem seus negócios. Por isso, a mancebia, conforme Figueiredo, além de facilitar a vida conjugal, abolindo burocracias, aparecia como estratégia, visando à segurança dos negócios, uma vez que os homens tinham que se ausentar constantemente, devido às minerações.

E Bárbara Eliodora, mesmo tendo dependido de seu compadre João Rodrigues de Macedo para reaver bens confiscados na Devassa, prevaleceu na memória como ativa e atuante economicamente. Há, por exemplo, um trecho do testamento<sup>27</sup> de sua mãe, Maria Josefa da Cunha Bueno, que a nomeia testamenteira. Contudo, ela revogou esse ato, posteriormente, ao justificar que a filha tinha muitas ocupações, as quais não menciona. Assim, a figura de Bárbara Eliodora sobressai lembrada como aquela que deixou de ser submissa e transgrediu o *status quo* em uma sociedade patriarcal, sendo caracterizada por seu “vulto varonil” (BRANDÃO, 1969, p.8).

O fato de homens exaltarem que Bárbara Eliodora possuía atributos considerados masculinos à época, como força “psicológica”, não a torna uma falha no sistema patriarcal, mas um reforço do mesmo. Afinal, ela é descrita por homens e destacada por agir como eles. Falas tendenciosas que a inscrevem na memória como tendo uma postura masculinizada deixam traços de uma escrita misógina e ambígua, que por isso a exalta e, paradoxalmente, a diminui, como na citação que a bestifica: “montava cavalos voadores e sumia na serra, atravessada no pêlo da alimária, *como cavalgam os homens*, debaixo do sol ou da lua cheia, *besta e mulher confundidas* na correria desenfreada para lugar algum” (MARTINS, 1990, p.40, destaques meus).

---

<sup>27</sup> Encontra-se na Secretaria Paroquial da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, em São João del-Rei.

## 2.2.4 Estórias da loucura

Outra imagem sobre Bárbara Eliodora é sua questionável insanidade que, embora seja um dado “histórico”, haja vista que foi interdita, converte-se em construção, ao ser lido memorialisticamente.

E conforme a côr da lua,  
viram-na exaltada e brava  
falar às parede mudas  
da casa desesperada,  
invocar Reis e Rainhas,  
clamar às pedras de Ambaca)  
(MEIRELES, 1969, p.9)

Perdeu o juízo nas aflições, mas foi senhora, quase rainha, (...) A cantinela dela, pelas ruas da vila, se tem sentido não se pode julgar, mas dizem que aprendeu com o mulato José Manuel, que viveu de sua arte de música e foi mestre da filha dela, Maria Efigênia, infanta que faleceu da vida presente antes de D.Bárbara cair nos atuais tresvários, ausente. (...) Tentam-lhe falar em vão, pois padece de moléstia de surdez ou fez jura eterna de silêncio (...) D. Bárbara lambe o pote de mel e sai entoando suas cantigas. (MARTINS, 1990, p.12)

As citações acima, tanto a do poema de Cecília Meireles, em *Romanceiro da Inconfidência*, quanto a do livro *A dança da Serpente*, de Sebastião Martins, caracterizam a loucura atribuída à Bárbara Eliodora. Ambos os trechos, reproduzidos no SLMG, ilustram que suas imagens, em especial a de louca, são divulgadas e relidas em diferentes âmbitos, como livros ou jornais.

Ao se relacionar a loucura de Bárbara Eliodora a uma construção, este trabalho reporta-se às discussões propostas por Michel Foucault (1993), em *História da Loucura na Idade Clássica*, tese escrita em 1961. Ele aponta como A Era Clássica lidou com a loucura, a qual não se entendia somente enquanto doença, mas como uma forma de opressão e exclusão social, significações outrora atribuídas à lepra. Foucault explica que associaram politicamente a imagem dos loucos a aspectos como “magia, alquimia, práticas de profanação ou ainda certas formas de sexualidade” (p.84). Assim, conferiam o rótulo da loucura a indivíduos que se comportavam de modo destoante do estabelecido pela e para sociedade, como o ocioso e o devasso, os quais deveriam ser afastados do convívio social tais como leprosos.

Embora se desconheçam as razões da interdição de Bárbara Eliodora, sua loucura foi lembrada em diferentes épocas e estilos, por exemplo, nas escritas de Cecília Meireles e de Sebastião Martins. Pode-se “explicar” sua insanidade pelo seu estilo de vida que, em termos de cultura e de sexualidade, embora alguns desses pontos fossem condizentes com o meio, a caracterizou como avançada para o século XVIII. O comportamento de Bárbara Eliodora

endossa sua imagem de louca dentro de um discurso que a desconstruiu de forma emotiva, como aquela que enlouqueceu de tanto sofrer.

### 2.2.5 Morte entre fios

A morte de Bárbara Eliodora também é um dado construído, o que se exemplifica em versos, como os de Bueno de Rivera (1969). Em “Ressurreição de Bárbara”, parodia o “Bárbara Bella” de Alvarenga Peixoto e faz, como afirma, “Lírica louvação à memória de minha parenta Bárbara Heliadora Guilhermina da Silveira Bueno, descendente do Aclamado” (p.9):

Barbara tísica  
da morte próxima  
os olhos fundos  
de prantear,  
no catre esperas  
que venha a Glória  
entre hosanas  
te libertar.

Bárbara pálida,  
Corpo de ossos  
Cabelos brancos  
Mãos desfiadas.  
Onde andará  
a outra bárbara  
a Bárbara bela  
amante e amada?

Bárbara exangue.  
A última lágrima  
Rolou queimando  
A face fria.  
Os teus parentes  
Agora ausentes  
Não veem não sentem  
Tua agonia.  
(p.9)

Esses versos ilustram como os momentos do final de sua vida, que são comprovados por documentos, como a tuberculose, são misturados a criações, como a desfiguração de sua beleza em um “corpo de ossos” e uma face “pálida” (RIVERA, 1969, p.9).

Cecília Meireles (2005) no “Romance LXXX ou Do enterro de Bárbara Eliodora”, escreve sobre a morte de Bárbara Eliodora:

Nove padres em vão rezando  
- e com que tristeza rezam! –  
Atrás de um pequeno vulto,

Mirrado corpo, que levam  
Pela nave, além das grades,  
E ao pé do altar- mor enterram.

(...)

Ela era a Estrêla do Norte,  
Ela era a Bárbara, a bela ...  
(Secava-lhe a tosse o peito,  
Queimava-lhe a febre a testa)  
Agora, deitam-na, exausta,  
Num simples colchão de terra”.  
(p.221-223)

Meireles faz uma “reconstituição” do desfecho da história dessa “inconfidente”, como se pintasse um quadro ou apresentasse uma encenação. Ao mencionar que Bárbara Eliodora foi enterrada “ao pé do altar- mor”, o qual se torna, paradoxalmente um “simples colchão de terra”, a poeta moderna caracteriza um espaço de desenvolvimento memorialístico que envolve esse “pequeno vulto” (p.223).

Desse modo, Bárbara Eliodora aparece elevada sobre um altar, senão o da história, o da memória. Jacques Le Goff (1990) explica que diversos fatores perpassam, influenciam e determinam a memória, por exemplo, a seleção de lembranças. “Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (p.426), o que pode ser pensado nas versões desconstruídas sobre sua vida. Ao (a)bordar a lembrança sobre essa mulher, os que escrevem sobre ela tentam preencher lacunas de um passado construído com releituras e documentos encomiásticos. Nesses materiais, sua vida se torna um espaço de produção de sentido no qual se elabora sua figura enquanto “bárbara”, como versifica Rivera (1969), “Bárbara morta./Morta é que vives” (p.9).

### 2.3 Entre a história e estórias, a “Bárbara” e a memória

Lá, lá, rá, iá  
Lá, lá, rá, iá  
No século XVIII  
Em Vila Rica  
Foi nos áureos tempos da Coroa  
Que o notável vulto  
Da mulher mineira  
Personificou-se na varoa  
Que exalta a raça brasileira  
Exaltamos a figura  
Virtuosa de Bárbara Heliodora  
Cujas cultura  
De um infinito cabedal  
Sua beleza e opulência  
Não havia outra igual

Tudo sucedeu  
Quando veio a conspiração  
A morte preferia  
A atentar contra a conjuração  
Mais tarde enlouquecia  
Pelas ruas vivia a vagar  
Heliadora  
A quem viemos exaltar

O samba enredo “Exaltação À Bárbara Heliadora” (1958), da Escola carioca Império Serrano, na epígrafe, ilustra algumas referências sobre Bárbara Eliodora, como as de: culta, virtuosa e de notável vulto. No entanto, a cristalização dessa imagem na memória resulta de um construto, através de diversas homenagens (i)materiais a ela dedicadas, por exemplo: a lembrança do seu nome em ruas, praças, casas, cidade, em patronatos etc.

O nome de Bárbara Eliodora nomeia ruas em diferentes locais, principalmente em cidades que de forma direta ou indireta se relacionaram à conjuração mineira, como Ouro Preto, São João del-Rei e Campanha. Há em São Gonçalo do Sapucaí uma avenida e uma praça Bárbara Heliadora, bem como o loteamento Jardim Bárbara Heliadora. Existe um número significativo de ruas assim nomeadas em diversos pontos de Minas, como: Belo Horizonte, Barbacena, Contagem, Governador Valadares, Guaxupé, Ipatinga, Itaúna, João Monlevade e Sete Lagoas. Majoritariamente, esse nome aparece na forma corrente, com a letra “H” no segundo nome, porém há exceções, como a Avenida Bárbara “Eleodora”, em Uberlândia.

Menciona-se a existência de ruas Bárbara Heliadora no estado de São Paulo, uma em Campinas, três em Santo André e quatro na capital paulista. Ainda, há um logradouro no Espírito Santo, em Vila Velha, e outro na capital do Rio de Janeiro. Na região Nordeste, pode-se indicar ruas assim nomeadas em Alagoas, Ceará, Piauí e Recife. Há poucas referências ao nome Bárbara Eliodora nas regiões Centro-Oeste e Norte, como uma rua em Goiânia e da Maternidade e Clínica de Mulheres Barbara Heliadora, em Rio Branco, no Acre. Devido à escassez de referências a Tiradentes na região Sul, depreende-se que outra figura feminina, associada a algum movimento ou revolução no local, sobrepujou a lembrança de Bárbara Eliodora. Por exemplo, Anita Garibaldi, esposa Giuseppe Garibaldi, um dos líderes da Revolução Farroupilha.

Os locais com o nome de Bárbara Eliodora podem até ser dedicados a alguma homônima, contudo, acredita-se, pelo contexto da localidade, que são atribuídos à Bárbara Eliodora da Inconfidência Mineira. Há, por exemplo, uma rua com seu nome em Goiânia, que fica na travessa com outra, a Inconfidência, e uma em Alagoas, que localiza no bairro

Tiradentes. Nesse contexto, deve-se mencionar a cidade mineira Heliadora, no sul de Minas Gerais, na qual existem diversas referências aos inconfidentes e à Inconfidência, como: Rua Cláudio Manuel da Costa, Avenida Tiradentes, Avenida Alvarenga Peixoto e Praça Cônego Rolim.

Em meio a ruas, locais e cidades, é necessário ressaltar que a Conjuração Mineira deixou uma marca na cidade de São João del-Rei: uma casa que não é de Alvarenga Peixoto nem de Tiradentes, mas de Bárbara Eliodora. Esse casarão<sup>28</sup> em estilo colonial, que pertenceu ao pai dela, é apontado como a residência de Bárbara Eliodora e talvez a principal, haja vista que foi elevado a museu, o Museu Municipal Tomé Portes del-Rei<sup>29</sup>, popularmente, “Casa de Bárbara Eliodora”. Não se pode comprovar que o local foi propriedade oficial de Bárbara Eliodora ou que ela o recebeu por herança, mas na memória essa casa foi dela e isso pode ser pensado sob diferentes ângulos, seja o fato de sua lembrança demonstrar ser mais marcante que a de Alvarenga Peixoto, no âmbito inconfidente, seja em decorrência do feminino se entrelaçar ao doméstico.

Em São Gonçalo do Sapucaí, há na Praça Bárbara Heliadora outra residência em que ela viveu com Alvarenga Peixoto, quando se desenrolavam os acontecimentos inconfidentes, a qual, hoje, é domicílio particular. Ressalta-se a existência de outras “casas de Bárbara Eliodora”, como a da cidade de Campanha. Essa casa<sup>30</sup>, que se encontra entre os monumentos históricos de Campanha, foi o local onde residiram a irmã de Bárbara Eliodora, Iria Umbelina Claudiana e seu cônjuge, o Coronel Matias Gonçalves Moinhos de Vilhena. Todavia, Bárbara Eliodora morou nesse imóvel ao ser assistida pela irmã e pelo cunhado quando ocorreu o desfecho da Inconfidência, a prisão de Alvarenga Peixoto e o sequestro dos bens.

Também, a casa de Campanha passa a ser lembrada como de Bárbara Eliodora, mesmo tendo sido de sua irmã Iria, e na “ausência” de um imóvel público em São Gonçalo do Sapucaí, no qual seu nome possa ser referendado, aparece um museu são-gonçalense. Uma das grandes atrações dessa cidade, o Museu Bárbara Heliadora<sup>31</sup> funciona na Casa da Cultura

---

<sup>28</sup> Localizado à Rua Padre José Maria Xavier, 90, na Praça Frei Orlando.

<sup>29</sup> Esse Museu, que abrigava significativo acervo cultural, incluindo não apenas pertences de Bárbara Eliodora, mas outros, por exemplo, os bordados de João Cândido, líder da Revolta da Chibata, foi desativado e, atualmente, o imóvel sedia Secretaria Municipal de Cultura e Turismo da cidade. Todavia, de acordo com reportagem da imprensa local, *TV Campos de Minas*, em 17 de janeiro de 2013, mais de oitocentos itens, até então mantidos no porão do museu, estão sendo reparados, inclusive duas obras do “Almirante negro”.

<sup>30</sup> Consta, em *sites* turísticos e folhetos informativos acerca dessa cidade, que o imóvel, localizado à Rua Saturnino de Oliveira, n.200, está em bom estado, mas não é aberto à visitação, tem apenas uma placa alusiva a Bárbara Eliodora, na fachada.

<sup>31</sup> Porém, não há menção a pertences de Bárbara Eliodora ou de algum de seus familiares nesse museu.

Pedro Mattar Filho<sup>32</sup> e abriga um acervo sobre a população local, tendo objetos pessoais, ferramentas, mobiliários etc.

Há locais em que a lembrança histórica de Bárbara Eliodora poderia ter deixado traços memorialísticos e não deixou, por exemplo, a cidade de Conceição das Pedras, no sul de Minas Gerais. O *site* da prefeitura local<sup>33</sup> informa que este município, instituído em 1963, foi um povoado que se formou a partir de terras que Alvarenga Peixoto comprou em 1776, para exploração aurífera. Há nesse endereço eletrônico, inclusive, uma lenda de que Alvarenga Peixoto, para não pagar impostos, pediu à esposa que mandasse escravos esconderem o ouro encontrado e, logo após, os envenenasse. Conta-se, que o homem responsável por esse “serviço” conhecia a localização da fortuna, mas não conseguiu contatar Alvarenga Peixoto, preso em decorrência da Devassa, e por isso o mapa não foi encontrado.

Entretanto, na cidade não se localizou referências alusivas às figuras de Alvarenga Peixoto ou Bárbara Eliodora<sup>34</sup>, o que se explicaria, talvez, por não terem residido no local. Esse apagamento poderia se relacionar ao fato da cidade ter muitas belezas naturais, focalizando o ecoturismo e o turismo rural em detrimento do turismo cultural e histórico. Entretanto, por que mencionar um passado inconfidente para Conceição das Pedras, elaborá-lo na memória e não deixar nenhum registro sobre o mesmo?

Mas as homenagens não se fixam apenas ao nome Bárbara Eliodora, perpassam outras qualidades a ela atribuídas, como a beleza. Assim, existem locais com o nome “Bárbara Bela” locais em âmbito privado, como um residencial, ou público, como salas comerciais. Há por exemplo, em Belo Horizonte (MG), um Condomínio Barbara Bella<sup>35</sup>, na cidade de Taguatinga (DF), uma Bárbara Bela Editora Gráfica e Papelaria<sup>36</sup> e em Niterói (RJ), um salão de beleza Barbara Bela Estúdios<sup>37</sup>. Esse espaço, dedicado à estética, informa em sua rede social *facebook*<sup>38</sup>, que tanto o poema de Alvarenga Peixoto, quanto a musa do mesmo, inspiram o nome e o trabalho do salão. Isso denota como a imagem da beleza da “inconfidente” atravessa o imaginário coletivo. As duas primeiras alusões, entre tantas, embora possam ser referentes a outras mulheres que se chamem Bárbara, fazem referência ao poema escrito por Alvarenga Peixoto.

---

<sup>32</sup> O Museu está localizado na Praça Bárbara Eliodora, n.73, no Centro.

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://www.conceicaodaspedras.mg.gov.br/#>>.

<sup>34</sup> Entrei em contato com a prefeitura do município e com alguns *sites* turísticos para obter informações sobre lembrança deles na cidade, mas não obtive resposta.

<sup>35</sup> Localizado na Rua Benjamim Jacob, n.220, no Bairro Gutierrez.

<sup>36</sup> Localizado no CSG 1, s/n, no Taguatinga Sul.

<sup>37</sup> Localizado à Cinco de julho, n. 301, sala 102, no Jardim Icaréi.

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/BarbaraBelaEstudios>>.

Também a lembrança de Bárbara Eliodora como poeta, embora seja questionável, aparece em homenagens, como cadeiras a ela dedicadas em diversas Academias de Letras, como: a de São João del-Rei, a mineira, a paulista e a mossoroense. Em novembro de 1909, na fundação da Academia Paulista de Letras, a poeta Priscilliana Duarte de Almeida, sobrinha trinita de Bárbara Eliodora a elegeu patrona de sua cadeira, a oitava. A mesma foi ocupada posteriormente por Aureliano Leite, o que pode explicar, de certo modo, os seus escritos acerca da “inconfidente” e “poetisa”. Outro ocupante foi João de Scantimburgo, em 1977, que em seu discurso de posse destaca qualidades de seus predecessores, Priscilliana de Almeida e Aureliano Leite.

Em dezembro de 1909, na fundação da Academia Mineira de Letras, na cidade de Juiz de Fora<sup>39</sup>, Bárbara Eliodora foi eleita patrona da cadeira número 24, que João Lúcio Brandão ocupava. Sessenta e um anos depois, na fundação da Academia de Letras de São João del-Rei, ela recebeu o patronato da cadeira número 9. Aos 28 de agosto de 2005, ao assumir essa cadeira são-joanense, Terezinha de Jesus da Silva, “Terê Silva” leu perante a sessão sua defesa, versificada como o estatuto da Academia impõe, e elogiou a figura da patrona. Bastante laudatório, seu discurso de posse não se difere de outros, como o de Célia Lamounier de Araújo em 1984, ao tomar posse na Academia Feminina Mineira de Letras, fundada em 1983, em Belo Horizonte. Célia Araújo dedica um texto muito laudatório à patrona de sua cadeira, número 26, Bárbara Eliodora. E até no século XXI, à Bárbara Eliodora foi dedicada outra cadeira, a número 21 da Academia Feminina de Letras e Artes Mossoroense, fundada em 2007, no Rio Grande do Norte.

Bárbara Eliodora ainda consta em outros patronatos, como a sétima cadeira do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, fundado na cidade de São João del-Rei, em 1970, ao lado de figuras ícones da cidade. Declarada Patrona do Professorado Mineiro<sup>40</sup>, sua figura foi associada à educação, o que repercute o nome da “inconfidente” em escolas mineiras, por exemplo: Escola Estadual Bárbara Heliodora<sup>41</sup>, em São Gonçalo do Sapucaí, Escola Municipal Bárbara Heliodora<sup>42</sup>, na cidade de Heliodora e Escola Municipal Bárbara Heliodora<sup>43</sup>, que funciona como um jardim de infância em São João del Rei. Há, em São

---

<sup>39</sup> Apenas em 1915 a sede foi transferida para a capital do Estado, Minas Gerais.

<sup>40</sup> Lei nº 5265, de 29 de setembro de 1969.

<sup>41</sup> Localizada na Rua Doutor Joaquim Maciel Didier, n.334, Centro.

<sup>42</sup> Localizada na Rua Vidal Barbosa, s/n, Centro.

<sup>43</sup> Localizada na Rua Doutor José Caetano Carvalho, s/n, Vila Marchetti.



Paulo, a Escola Municipal de Educação Infantil Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira <sup>44</sup>, o Centro de Educação Infantil Bárbara Heliodora <sup>45</sup> (Creche Bárbara Heliodora).

### 2.3.1 (Re)Leituras de um bordado

Jacques Le Goff (1990) afirma “os historiadores como os principais intérpretes da opinião coletiva” (p.48). Ele explica que a história não é algo fixo, mas em constante transformação e que é plausível observar nesse conteúdo outros pontos além de acontecimentos. Ao associar o histórico ao memorialístico, esse estudioso afirma que a memória sustenta a reinterpretação do passado. “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (p.477). Embora Le Goff destaque esse meio como controverso, afirma que aquele que se volta para o estudo da história “não pode concluir que deve evitar uma reflexão *teórica*, necessária ao trabalho histórico” (p.20), pois está desenvolvendo um conteúdo, mesmo que entre diversos processos de releituras.

Não há a intenção, nessa pesquisa, de se confirmar ou negar o conteúdo das desconstruções acerca de Bárbara Eliodora, assim como de propagar a idealização de uma imagem romanceada (ou não) sobre a mesma. Estuda-se a caracterização dessa figura feminina no imaginário social a partir do contexto em que está inserida e através do qual se converte em permanente interpretação como a mulher em destaque na lembrança da Inconfidência Mineira. Torna-se discutível a lembrança de um feminino em um contexto histórico no qual homens se reuniram e conspiravam contra a monarquia.

Michelle Perrot (1995), especializada no século XIX, questiona a possibilidade de uma escrita sobre mulheres na história. Em uma conferência proferida na Universidade Estadual de Campinas, “Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência”, Perrot (1995) se refere à *História da vida privada e História das mulheres no Ocidente*. Seu texto desenvolve brevemente alguns aspectos desse material, o qual se distingue em um campo de estudo que aborda questões, como: a participação de mulheres em revoluções, e/ou manifestações sociais e como sujeitos de si ou de um grupo.

Perrot aponta a ausência do feminino na construção do processo histórico, devido a um silenciamento imposto à lembrança da mulher. Ela acentua a busca por uma “história das mulheres”, que seria a procura por traços femininos marginalizados ao longo de épocas, desde

---

<sup>44</sup> Localizada na Rua Marcelino Coelho, s/n, Jardim Ângela.

<sup>45</sup> Localizada na Rua José Francisco Brandão, n.80, Distrito Cidade Tiradentes.

as mais remotas, como a grega e a romana. Explica-se que o feminino escrito na historiografia, de tradição masculina, foi retratado por um olhar que focalizou apenas traços superficiais, como beleza, ou o definiu de forma pejorativa, como tendo postura indecorosa.

Sob essa perspectiva, compreendem-se as desconstruções acerca de Bárbara Eliodora, majoritariamente feitas por homens, como as de: bela, boa esposa, mãe dedicada e, por fim, sofredora. Além de um feminino dócil, Bárbara Eliodora foi construída, como sensual e louca, cuja beleza, em trecho dos ADIM aparece entre aquelas que “influenciaram seriamente a vida pública são-joanense” (1976, v.3, p.353). Além do mais, “seus” poemas demonstram que não “se” escreveu, mas que foi escrita, porque denotam a fala do sistema patriarcal que a delimitou em um “papel” de mulher “conferindo”-lhe versos, como os de “Amada filha já é chegado o dia” e “Conselhos a meus filhos”.

De acordo com Perrot, o sexo feminino estereotipado como frágil e delicado estava restrito ao ambiente doméstico, para cuidar da casa e da família, e não participava dos acontecimentos em um mundo misógino, assim como dos relatos sobre o mesmo. À vista disso, são discutíveis os escritos sobre mulheres, seja na história, seja na memória, embora não se possa separar de forma específica esses âmbitos. Afinal, como explica Simone de Beauvoir (1970), no primeiro volume de *O Segundo sexo*, a mulher é uma construção do sistema patriarcal, há um discurso que elabora sua figura nesse meio: roupas adequadas, como um vestido, o culto à beleza e ao corpo, uma educação voltada para o lar e para a maternidade etc. À mulher ensinou-se e ensina-se, de certo modo, a incorporar nesse sistema patriarcal, a assumir o lugar para o qual aquele a determinou.

Em *O Segundo sexo II: a experiência vivida*, Beauvoir (1967) desenvolve aspectos sobre a mulher, como sua condição em circunstâncias nas quais é construída enquanto tal, por exemplo: infância, mocidade, iniciação sexual, velhice etc. Enquanto no primeiro volume afirma-se que o feminino é transformado em mulher, no segundo, destaca-se como o feminino aprende a ser mulher dentro do contexto em que está inserido. A esse “ser” são ensinados submissão, atividades domésticas, gosto pelo coquetismo e, principalmente, o desejo pelo casamento, seu papel social marcante nesse sistema misógino. Nas palavras de Beauvoir (1967), “O DESTINO que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser” (p.165).

E conforme suas atitudes no sistema, a mulher surge sob diferentes imagens: a casada, a mãe, a prostituta, a celibatária e a lésbica. Sendo assim, não bastava que elas exigissem

direitos em um mundo masculinizado, mas que desconstruíssem padrões atribuídos ao feminino nesse (e por esse) meio misógino. Beauvoir desenvolve que somente ao compreender seu “destino tradicional” (p.1) a mulher pode se tornar independente do mesmo, e construir outro espaço para si na sociedade. Ao se observar o discurso em que Bárbara Eliodora está escrita e inscrita, percebe-se um forte traço de misoginia, seja na sua controversa instrução, seja na ênfase a sua beleza. Descrita, muitas vezes, pela imagem de um perfil do feminino que o patriarcalismo faz, sua figura se insere no meio historiográfico como participante da Conjuração.

Aline Fonseca Carvalho (2006) faz, em sua dissertação, um estudo sobre como a Inconfidência Mineira e Tiradentes foram representados nos jornais da época da Ditadura Militar no Brasil. Fonseca Carvalho acentua que mulheres que tinham alguma ligação direta ou indireta com participantes da Conjuração receberam ênfase nos periódicos que as mencionavam, Sendo que:

Os jornais, tanto o *Estado de Minas* quanto o *Jornal do Brasil*, cobriram a festa da comemoração do dia 21 de abril de 1967. O destaque daquela comemoração foi a homenagem a Maria Joaquina Dorotéia de Seixas, a Marília de Dirceu. Era uma espécie de reconhecimento à importância das mulheres da Inconfidência, como se elas tivessem participado da conjura, talvez Bárbara Heliodora a esposa de Alvarenga Peixoto se encaixasse melhor nesse perfil, mas a organização das comemorações elegeu Marília, para essa homenagem. Essa foi a única vez que Marília ocupou lugar de destaque nas homenagens às mulheres ligadas de alguma forma ao movimento, porque quem se revela a mulher eleita pelos jornais e ao que parece pelos responsáveis pela recriação do mito é Bárbara Heliodora (p.101-102).

Marília de Dirceu, embora seja um nome presente na literatura que se refere ao período árcade não está em distinção na memória da Inconfidência, pois seu espaço não transcendeu um lugar maior que o literário, manteve-se à sombra de Dirceu <sup>46</sup>. Não obstante, Bárbara Eliodora surge em evidência não apenas como musa, mas como aquela que se envolveu na Inconfidência, embora não haja registros de que tenha participado de forma ativa, o que pode ter acontecido e ter sido silenciado pelo sistema patriarcal. Muitos aspectos de sua história/estória corroboram tal construção, como o fato de seu esposo, Alvarenga Peixoto, ter participado intensamente da Conjuração.

Sob outro ponto de vista, há, por exemplo, o fato da casa de seu pai, na qual residiu com Alvarenga Peixoto ter sido local de encontro sociointelectual na época, sendo frequentada por intelectuais que vieram a ser conjurados. Esse contato com participantes da Inconfidência pode ser pensado como um ponto significativo em sua memória, pois se lembra

---

<sup>46</sup> Pseudônimo do poeta Tomás Antônio Gonzaga.

de Bárbara Eliodora em meio a homens, como: o magistrado e poeta Gonzaga, padrinho de um filho seu, o contratador João Rodrigues de Macedo, quem a auxiliou após a prisão e morte de Alvarenga Peixoto, e o padre Toledo, quem celebrou seu casamento e o batizado de seu filho João Damasceno. Talvez esse seja o fato mais marcante, pois se considera a comemoração após a cerimônia a primeira reunião oficial dos inconfidentes, o que está nos ADIM, “documento” no qual consta que Bárbara esteve presente nesse batizado que se tornou reunião.

Aline Fonseca Carvalho (2006) ressalta que a maior representante feminina na memória inconfidente foi Bárbara Eliodora, a qual “é mais reverenciada que Marília de Dirceu e mais ainda que seu marido Alvarenga Peixoto. Nesses casos, Alvarenga aparece citado na biografia da esposa” (p.125). E embora Alvarenga Peixoto esteja inserido em um contexto particular de lembrança, o dos poetas inconfidentes, sua figura aparece sobrepujada pela da esposa que se sobressaiu como participante e, inclusive, heroína da Inconfidência Mineira.

## CAPÍTULO 3: Memória feminina e inconfidente no Brasil

### 3.1 *In memoriam*, o sesquicentenário de morte

Grande parte das lembranças que apontam Bárbara Eliodora enquanto Heroína da Inconfidência provém da comemoração aos cento e cinquenta anos de seu falecimento, no mês de maio de 1969. Dessa época consta a maioria das publicações do SLMG que se utiliza nessa pesquisa, as quais foram inclusas em um fascículo especial que Rui Mourão e Laís Correa Araújo organizaram. Contudo, esses textos se referem a sua figura e não especificamente ao sesquicentenário, com exceção de um comentário introdutório no fascículo:

Desejando contribuir para as celebrações que assinalam a passagem dos 150 anos da morte de Bárbara Heliadora, organizamos o presente número especial, (...), de sorte que o prestígio de seu nome se sustenta na sua atuação histórica (...) (MOURÃO, ARAÚJO, 1969, p.1)

Ao elaborar esse *corpus* da dissertação, encontrei em São João del-Rei, na Biblioteca Municipal Baptista Caetano d’Almeida<sup>47</sup>, que se localiza ao lado da referida “Casa de Bárbara Eliodora”, tendo sido parte desmembrada da mesma, um opúsculo feito na época por um padre local, Sebastião Raimundo de Paiva. Este material narra a história de Bárbara Eliodora para crianças e salienta a relevância do sesquicentenário de seu falecimento, o que indicou a necessidade de buscar mais dados sobre esse contexto comemorativo.

Procurei esse padre em julho de 2010, e ele, então pároco da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, da cidade são-joanense, mostrou-me um dos *Livros de Tombo* dessa igreja. O *Livro de Tombo*, prática herdada pelos portugueses, é um destaque no acervo nas paróquias, pois tem a finalidade de manter o registro de fatos que ocorreram em uma comunidade eclesial em determinada época. Nos livros se encontram recortes de notícias e jornais, programações de festas religiosas, entre outros documentos relevantes para a memória da igreja local e da cidade, como um todo, os quais são carimbados e assinados em todas as páginas.

Padre Paiva, como o monsenhor é conhecido, trabalhou na restauração do arquivo da paróquia da Catedral na década de 1960, e destacou entre o material que possuía acerca de Bárbara Eliodora, o 3º livro do ano 1969, o qual ele montou. Nesse material encontram-se marcações como: o Programa-convite “Comemorações do Sesquicentenário de Falecimento

---

<sup>47</sup> Situada à Praça Frei Orlando, n. 90 (fundos), no Centro.

de Bárbara Eliodora”, a homilia<sup>48</sup> de uma missa festiva realizada por intenção dela e recortes de jornais, entre os quais um que relata a tentativa do padre de levantar dados sobre Bárbara Eliodora.



Figura 5<sup>49</sup>: Convite do Sesquicentenário (capa)

Na programação consta uma semana de preparativos para o dia vinte e quatro de maio, data do falecimento de Bárbara Eliodora, com diversos acontecimentos, como conferências por representantes de diversas áreas: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e de Minas Gerais, Secretaria de Educação, Delegacia Regional de Ensino de São João del-Rei, Conselho Estadual de Cultura, Imprensa Oficial do Estado e de militares. Anunciou-se uma parte artística, constando de serestas, concerto de gala e um coral que apresentou um hino<sup>50</sup> para o “evento”. Nesse contexto, houve a apresentação de duas peças teatrais: “Liberdade em Luta”, por alunas do Colégio Instituto Auxiliadora, e “Pela Liberdade”, pelo teatro universitário são-joanense.

Essa semana de eventos teve seu ápice no dia 24 de maio, para o qual se programou: alvorada musical e de tiros, hasteamento de bandeiras e revoada de pombos, execução do hino

<sup>48</sup> Pregação que o presidente de uma celebração católica faz após leitura bíblica.

<sup>49</sup> Reprodução de página do programa anexado ao 3º, *Livro de Tombo*, livro do ano 1969, da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, em São João del-Rei, p.11.

<sup>50</sup> Não encontrei a letra e a música do hino.

da Inconfidência pela Banda de Música do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha, desfiles com pelotão de bandeiras e fanfarras, e crianças em diferentes fases escolares. Além da leitura do decreto sobre a criação da Medalha Bárbara Eliodora, haveria a chegada de um cenotáfio a ela dedicado, o qual seria instalado na Catedral são-joanense após uma missa presidida pelo então bispo diocesano, Delfim Ribeiro Guedes. E por fim, a data terminaria com uma recepção promovida pelo *Lions Club*, desfile da *Glamour Girl* e da Miss São João del-Rei 1969.

O *Jornal do Poste*, um jornal mural são-joanense, fez uma cobertura sobre o Sesquicentenário e noticiou uma preparação para essa festividade durante o mês de maio, como a reforma da casa na qual residiu Bárbara Eliodora, noticiada como: “Casa de Bárbara Eliodora é notícia!”, do dia 4, e “Casa de Bárbara sofre... ‘reparo’!”, do dia 9. Algumas manchetes incentivavam a população a aproveitar melhor o “evento” através de cursos e concursos sobre Bárbara Eliodora, alguns dos quais seriam pontuados para admissão em cargo de serviço público, como consta no dia 6 de maio, “Pro-Festividades do 150º aniversário de falecimento de Bárbara Eliodora”:

serão proferidas conferências sobre a heroína da Inconfidência, nos dias 19, 21, 23 e 24 de maio, com início às 20:30 horas. Aos participantes dessas palestras serão conferidos, pelo Governo do Estado, certificados de presença, os quais representam documentos válidos para concursos públicos de provas e títulos<sup>51</sup>.

Percebe-se uma promoção ao conhecimento acerca da figura de Bárbara Eliodora, por exemplo, na nota “Bárbara Eliodora”, do dia 6 de maio, há esta informação: “Foi aberto, ontem, no instituto de educação de Belo Horizonte, o curso de extensão cultural ‘Bárbara Eliodora’, presidida pelo vice-reitor da UFMG na época, professor Leônidas Machado”. Há outras referências relevantes, como duas publicadas no dia 17 de maio de 1969:

10ª Delegacia Regional de Ensino- São João del-Rei  
Prêmio concurso literário sobre Barbara Eliodora  
Para premiar os vencedores dos concursos literários sobre Bárbara Eliodora a Delegacia Regional de Ensino vem recebendo colaboração de diversas entidades. (...) Fazemos um apêlo às demais entidades sanjonenses (SIC). Estimulemos nossos filhos a estudar. Vamos oferecer prêmio aos vencedores do “grande jogo”.

Sesquicentenário de Bárbara Eliodora  
Sobre as inscrições do curso “Bárbara Eliodora”, sua vida sua obra”, verificamos que são muitos os inscritos, entre os quais se salientam o historiador Fábio Nelson Guimarães, Djalma Assis.

---

<sup>51</sup> Esse jornal não é paginado, por isso a ausência de dados nas citações retiradas dele.

Durante o mês de maio de 1969, o *Jornal do Poste* propagou a imagem de Bárbara Eliodora através de textos e poemas alusivos a ela, como: “Genealogia histórica”, no dia 15, “Maria Efigênia”, no dia 17, “A Heroína de São João del-Rei”, no dia 5, “A vésper da Inconfidência”, no dia 18; “A heroína acróstico”, no dia 20, e “Bárbara Heliadora”, no dia 25. Outras manchetes pareciam completar e suplementar informações do programa-convite do sesquicentenário, como uma nota do dia 17 de maio, que não somente ressaltava que a “programação havia sido bem delineada”, mas acrescentava uma exposição de pratarias e registros sobre Bárbara Eliodora, que seria realizada pela Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, e a publicação do opúsculo feito por padre Paiva.

Outras fontes também comprovam a ocorrência do evento previsto, como os recortes jornalísticos <sup>52</sup> e a homília do bispo, afixados ao *Livro de Tombo* da Catedral. Entre esses recortes, há uma publicação, provavelmente de 1969, de Paulo Amador:



Figura 6 <sup>53</sup>: Reportagem - “Despojos de Heliadora”

<sup>52</sup> As manchetes abordadas nesse material são as seguintes: “Não há cinzas, guardem a chama de Heliadora” e “150 anos depois de morta: São João del Rei e Campanha querem despojos de Heliadora”, ambos escritos por Paulo Amador e datados, conforme o padre Paiva, de 1969. Ressalta-se que essas publicações não serão mencionadas nas referências devido ao fato de não haver uma informação mais precisa sobre as mesmas, haja vista que são recortes isolados que constam no *Livro de Tombo* e não há mais dados precisos, como data, página ou informações sobre Amador.

<sup>53</sup> Reprodução da reportagem de Paulo Amador, afixada no 3º *Livro de Tombo* da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, de São João del-Rei, 1969, p.11.



Em um dos trechos desse jornal está escrito que:

É desejo da diocese de São João del Rei, onde ela nasceu que os despojos da heroína sejam levados para um dos cemitérios da cidade (...) Entretanto, a diocese de Campanha também deseja conservar tão caras relíquias e do diálogo entre ambas ressurge uma história de quase duzentos anos (...) O sr. Luís de Melo Alvarenga, historiador que fez levantamento nos arquivos paroquiais para a reconstituição da vida da grande figura da Inconfidência é um dos entusiastas da trasladação das cinzas de Bárbara Heliadora para São João del Rei. Mas surge uma dificuldade segundo ele: ‘Queremos que tragam de volta as cinzas de Bárbara Heliadora para São João del Rei, onde ela é venerada; mas, a mesma veneração que nosso povo tem para com ela, certamente a diocese de Campanha tem na mesma proporção. O mesmo interesse que temos pelas cinzas da poetisa, eles também têm; e têm justos motivos para isto, pois ela morreu lá e viveu lá parte de sua vida. Uma fato é certo, ou em Campanha, ou em São João del Rei, o que é preciso é venerar a memória da mulher extraordinária que foi Bárbara Heliadora. As cinzas podem repousar em um cemitério daqui ou de lá, pois são um patrimônio valioso da história de Minas’

Nessa citação, torna-se explícito como a ausência de túmulo e de restos mortais corrobora a caracterização de uma memória sobre Bárbara Eliodora.<sup>54</sup>



Figura 7<sup>55</sup>: Reportagem - “A chama de Heliadora”

<sup>54</sup> O que será desenvolvido a partir de apontamentos, por exemplo, de Benedict Anderson (2005) e Jacques Le Goff (1990), em 3.1.1 Trama *post mortem*: arquivos e um discurso de memória.

<sup>55</sup> Reprodução da reportagem de Paulo Amador, afixada no 3º Livro de Tombo da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, de São João del-Rei, 1969, p.31.

O segundo recorte, igualmente escrito por Paulo Amador (1969), está intitulado pela frase dita por padre Almir Rezende Aquino, quem iniciou a organização do acervo da Catedral do Pilar. De acordo com Amador, padre Aquino afirma que foi à cidade de São Gonçalo do Sapucaí, onde estava o túmulo de Bárbara Eliodora dentro da igreja matriz, o qual visitou uma vez, “como peregrino”. Todavia, esse padre não conseguiu encontrar o local em segunda visita, pois haviam reformado a igreja e, por isso, o destino dos restos de Bárbara Eliodora tornou-se desconhecido.

Na reportagem, explica-se que havia o desejo de trazer restos seus mortais para a cidade são-joanense no dia 24 de maio durante o Sesquicentenário, mas que, na ausência dos mesmos, havia a intenção de manter viva a “chama” de Bárbara Eliodora. Foi noticiado nesse texto que essa chama passaria em “procissão pelas cidades de Campanha, Cambuquira, Três Corações, Carmo da Cachoeira, Lavras, Itumirim, Itutinga e finalmente, São João del Rei”. Embora não haja como provar, entende-se que essa manifestação foi a chegada de um cenotáfio na festividade são-joanense, e como consta em trecho do programa- convite: “conduzidos por atletas de São Gonçalo do Sapucaí e alunos do CPOR <sup>56</sup> da Escola Militar de Belo Horizonte e da Polícia do Estado, vindos em Romaria Cívica”.

Observa-se que reforçaram a lembrança desse feminino com o culto ao patriotismo, perceptível nas comemorações do sesquicentenário e na chegada do cenotáfio, instalado na Catedral, após uma celebração festiva.

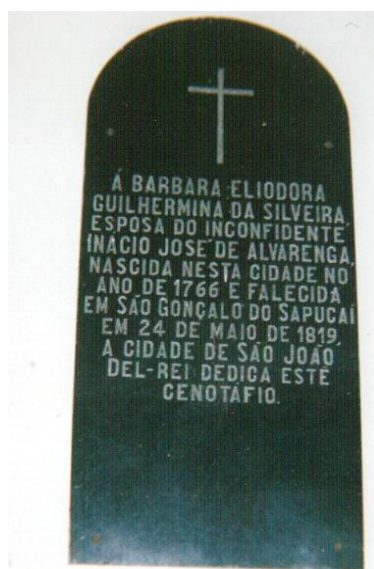


Figura 8: Cenotáfio na Catedral do Pilar.

---

<sup>56</sup> Centro de Preparação de Oficiais da Reserva.

Essa representação de um cortejo fúnebre simbólico endossa a construção da imagem de Bárbara Eliodora também em um contexto religioso, como se ilustrasse sua canonização no imaginário popular. Isso se percebe, igualmente, em termos, como: romaria, procissão, peregrinos etc. e em falas laudatórias sobre ela, como a de João Lúcio Brandão (1969), no SLMG: “Evoco-a religiosamente” (p.8). A ausência de restos mortais não interfere na recordação da “chama” memorialística, haja vista que a falta deles reflete a abrangência de sua figura, que não está enterrada em lugar algum e, paradoxalmente, poderia estar em muitos, por exemplo, em São João del-Rei. E até hoje seu “túmulo” permanece no local onde foi colocado, o que talvez se justifique não apenas por questões memorialísticas, mas pela Igreja Catedral do Pilar ser um templo barroco e, por isso, tombado pelo patrimônio. Há que se pensar, ainda, que era costume enterrar pessoas locais importantes no interior de igrejas.

Além disso, estava programada a colocação de um busto de Bárbara Eliodora na Avenida Rui Barbosa, atual Av. Tancredo Neves, uma das principais da cidade. Entretanto, o busto que se encontrava no local, até poucos anos atrás, provavelmente é outro, pois a placa afixada nele é do ano de 1986. Mas é provável que essa seja realmente a estátua e a placa, uma homenagem à parte, colocada posteriormente no busto. Em 2007, quando a praça dessa Avenida foi reformada, retiraram o obelisco do local. Atualmente, o mesmo se encontra no pátio de entrada da Biblioteca Municipal Baptista Caetano de Almeida, que se situa ao lado da antiga “Casa de Bárbara Eliodora”.



Figura 9: Busto de Bárbara Eliodora

O *Jornal do Poste* fecha suas reportagens com a publicação “Ecos dos festejos de Bárbara Eliodora”, no dia 26 de maio de 1969. “Revestiram-se de completo êxito os festejos das comemorações do sesquicentenário de Bárbara Eliodora”, é o que o texto relata. E sobre o encerramento das festividades, Joanino Lobosque, editor do jornal e autor dos textos publicados no mesmo, escreve no dia vinte e seis de maio:

A tarde do dia 24 de maio foi de fato apoteótica para todos os espectadores. O Ballet de Lavras empolgou a todos. Grandes retretas durante as noites da semana. No teatro municipal, à noite, houve grandes conferencias de ilustres historiadores: apresentação de nossa inigualável sinfônica. Foi uma semana memorável e que deixou saudades.

Ressalta-se que não apenas em São João del-Rei a data foi celebrada, pode-se apontar manifestações sobre o “vinte e quatro de maio” em outras cidades mineiras, como Mariana. Há uma publicação do *Jornal do Poste*, em 17 de maio de 1969, em que Joanino Lobosque menciona que “A conferência proferida por D. Oscar de Oliveira, Arcebispo de Mariana, abrindo as solenidades nessa cidade, veio elucidar muitos fatos históricos”, entre os quais ele

aponta a escrita do nome sem o uso da letra “H”. Também existem informações de que o “evento” teria acontecido em Juiz de Fora, como menciona Aline Fonseca Carvalho (2006), em sua dissertação *A conveniência de um legado adequado: representações de Tiradentes e da Inconfidência Mineira durante a Ditadura Militar*. Nesse estudo, em um dos poucos trechos que menciona Bárbara Eliodora, ela destaca o sesquicentenário na cidade juiz-forana, o que demonstra como o evento transcendeu os locais envolvidos na Inconfidência.

Em Juiz de Fora durante o mês de maio de 1969, foi programada a comemoração do sesquicentenário de morte da “Heroína da Inconfidência” com palestras que foram do dia 2 até o dia 24 daquele mês. Um cartaz foi encomendado pelo governo do estado e afixado em diversas cidades onde aconteceriam cerimônias de homenagem e outras palestras, em memória de Bárbara Heliadora (FONSECA CARVALHO, 2006, p.102).

Fonseca Carvalho (2006) reproduz na dissertação o cartaz do sesquicentenário de Bárbara Eliodora em Juiz de Fora e indica que ele foi “publicado pelo *Estado de Minas*, representando Bárbara Heliadora onde lê-se: Semana da Inconfidência. Sesquicentenário de Bárbara Heliadora. 14 a 21 de abril. Promoção do Governo do Estado” (p.103).



Figura 10<sup>57</sup>: Sesquicentenário em Juiz de Fora

---

<sup>57</sup> Reprodução de: CARVALHO, Aline Fonseca. *A conveniência de um legado adequado: Representações de Tiradentes e da Inconfidência Mineira Durante a Ditadura Militar*, 2006, p.103.

Relevante mencionar que em Juiz de Fora, a comemoração ao invés de acontecer em maio, e antes o dia vinte e quatro, ocorreu em abril, antecedendo o aniversário de morte de Tiradentes, o vinte e um de abril. De modo que é um traço que indica que a comemoração da morte dela se entrelaça à de Tiradentes, o que se percebe até no título do cartaz: “Semana da Inconfidência: Sesquicentenário de Bárbara Heliodora”.

Aline Fonseca Carvalho menciona que o cartaz foi “afixado em diversas cidades”, mas não detalha os locais, sendo que há sempre a possibilidade de se encontrar dados que possam completar ou suplementar essa informação, inclusive porque tal “evento” pôde ser pensado em âmbito estadual. Tanto o sesquicentenário são-joanense quanto o juiz-forano mencionam que o governo promoveu as comemorações, o que se justifica pelo decreto nº 11623<sup>58</sup> que determina a criação de uma comissão voltada para a organização das festividades do sesquicentenário da “esposa-mártir do Inconfidente Inácio José de Alvarenga Peixoto, (...); Considerando que a exaltação de vultos e fatos de nossa história constitui exemplo e estímulo para a formação cívica das gerações”<sup>59</sup>.

O decreto destaca Bárbara Eliodora como a “esposa-mártir” recordada em “culto das glórias”, entre aqueles “que bem serviram ao Estado e à Nação” e sendo “orgulho do povo mineiro e contribuição histórica na construção espiritual do Brasil”. Embora não haja informações de que o sesquicentenário foi comemorado fora do Estado de Minas, pode-se pensar a festa em diferentes locais. Houve, por exemplo, a participação de conferencistas de outros estados na festividade são-joanense, como informa o *Jornal do Poste*, do dia 19 de maio de 1969: “Participarão das solenidades, os expoentes máximos da cultura, não só do Estado de Minas, mas de São Paulo e Guanabara<sup>60</sup>”.

Uma crônica foi publicada no periódico no dia vinte e cinco de maio, “Poetisa e Heroína”, escrita pelo padre são-joanense Valdir de Almeida que residia em Vitória, no Espírito Santo. O texto, publicado no jornal *A gazeta*, da capital espírito-santense, embora não se conheça a data, a qual se supõe que seja próxima ao dia 24 de maio de 1969, caracteriza a figura de Bárbara Eliodora como digna de extrapolar o âmbito mineiro. Em um dos trechos foi escrito que: “As atitudes desta senhora dignificam a posteridade brasileira, tornaram presente no cenário da vida pública nacional a indiscutível participação da mulher”.

---

<sup>58</sup> Decreto publicado no Diário do Executivo do *Minas Gerais*, em 17 de janeiro de 1969.

<sup>59</sup> Utilizo a versão *on line* do decreto. Logo, o mesmo não está paginado.

<sup>60</sup> Guanabara foi um estado brasileiro, durante o período de 1960 a 1975, onde se localizava a antiga capital do país, antes de ser transferida para Brasília. Hoje é um município do Rio de Janeiro.

Retornando às comemorações são-joanenses, é relevante mencionar que o dia vinte e quatro de maio aparece anunciado na *Internet* como data comemorativa fixa na cidade, em dois *sites* locais, como o “Guia das Vertentes” (2012)<sup>61</sup> e o “Guia del Rei”<sup>62</sup>(2012). Alguns desses endereços eletrônicos, e até outros, de âmbito regional, mencionam o que seria essa comemoração, como o “São João del-Rei Site”<sup>63</sup> (2012) que coloca “24 de maio- Comemoração à Bárbara Eliodora- Seresta Imperial, palestras, concertos e outros” e “Cidades Históricas Brasileiras” (2012) no qual a data aparece como “Dia de Bárbara Eliodora: Eventos educacionais alusivos à memória de Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira”. Todavia, embora isso esteja no calendário virtual de festividades da cidade, efetivamente não há nos tempos atuais qualquer alusão a Bárbara Eliodora no sentido de um dia em que se comemorasse sua personalidade histórica.

O mês de maio de 1969 foi marcante na memória sobre Bárbara Eliodora, mas há resquícios dessa lembrança em outras épocas, por exemplo, em livros que a mencionam: *A figura feminina da Inconfidência Mineira*, de Américo Werneck (1900), *As heroínas do Brasil: perfis biographicos da história militar do Brasil*, de Carlos Augusto de Campos (1917), *A vida heróica de Bárbara Eliodora*, de Aureliano Leite (1964), *A dança da Serpente*, Sebastião Martins (1990), *A Galeria das Personalidades notáveis de São João del-Rei*, de Sebastião de Oliveira Cintra (1994), *História de uma flor: Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira*, de Nívia Nohmi (2004). Grande parte desses “autores”, desconhecidos e com falas laudatórias, constroem a figura de Bárbara Eliodora na memória e deixam “registros” de uma construção elaborada ao longo do século XX.

No desenvolvimento de uma lembrança sobre ela, pode-se acentuar que Aureliano Leite (1964) requisitou ao Ministro da Educação e ao diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, uma homenagem póstuma à Bárbara Eliodora no Museu da Inconfidência. Aureliano Leite (1964) informa em seu livro, *A Vida heróica de Bárbara Eliodora*, que visitou a cidade de Ouro Preto em 1954, e notou que faltava, no Panteão da Inconfidência, uma menção à Bárbara Eliodora, visto que até “Marília, simples tema de sentidas poesias líricas, tinha ali, aliás merecidamente, o seu mausoléu” (p.37). Entretanto isso foi “remediado”, como explica, através da instalação de uma lápide simbólica a ela dedicada no “Panteão dos Inconfidentes”, em 1957. No mesmo ano, conforme Aureliano Leite (1969), no

---

<sup>61</sup> Disponível em: <[http://www.guiadasvertentes.com.br/index.php?secao=calendario\\_anual&cid=1](http://www.guiadasvertentes.com.br/index.php?secao=calendario_anual&cid=1)>.

<sup>62</sup> Disponível em: <[http://www.guiadelrei.com.br/index\\_eventos.php](http://www.guiadelrei.com.br/index_eventos.php)>.

<sup>63</sup> Disponível em: <<http://www.saojoaodelreisite.com.br>>.

SLMG, as damas rotarianas da cidade de São Paulo doaram à cidade de Ouro Preto uma placa de bronze ressaltando as virtudes da “heroína” da Inconfidência, a qual está localizada na base do monumento a Tiradentes.

### **3.1.1 Trama *post mortem*: arquivos e um discurso de memória**

A lembrança dos mortos, segundo Jacques Le Goff (1990), é uma das “manifestações importantes ou significativas da memória coletiva” (p.466). Esse historiador explica que após a Primeira Guerra Mundial se iniciou um processo de culto aos indivíduos que morreram, houve

a construção de monumentos aos mortos. A comemoração funerária encontra aí um novo desenvolvimento. Em numerosos países é erigido um Túmulo ao Soldado Desconhecido, procurando ultrapassar os limites da memória, associada ao anonimato, proclamando sobre um cadáver sem nome a coesão da nação em tomo da memória comum (p.466-467)

Discutir sobre túmulos se torna essencial para a compreensão do processo memorialístico em que se elabora uma comunidade nacional, pois neles se lembram de indivíduos fadados ao esquecimento. Sem rostos ou nomes, esses indivíduos são rememorados por algum ato realizado em prol da nação, o qual transcende até suas identidades próprias, tornando-os figuras públicas. Benedict Anderson (2005), ao abordar sobre cenotáfios a soldados mortos, afirma que mesmo sem corpos, esses locais evocam sentimentos que unificam indivíduos em torno de comunidade imaginada como nação. O fato de essas sepulturas estarem despovoadas aponta a compreensão do nacionalismo por um viés religioso, pois a memória coletiva aparece marcada por certa santificação daqueles que nelas deveriam jazer.

No sesquicentenário do falecimento de Bárbara Eliodora, as homenagens que recebeu, de acordo com o contexto no qual a Inconfidência Mineira foi relida pelos republicanos, assemelharam-se a um culto a sua memória. Nessa perspectiva, ressalta-se a ênfase à ausência de seus restos mortais, através de homenagens (i)materiais como uma lápide simbólica no Panteão da Inconfidência, em Ouro Preto, e o cenotáfio instalado na Catedral de São João del-Rei. Ambas as homenagens, bem como outras alusões à Bárbara Eliodora, por exemplo, escultura, festividades etc., apontam locais e/ou circunstâncias, que vazios de sua presença, estão, paradoxalmente, repletos da mesma.

Essas alusões se constituem um discurso sobre ela na memória do Brasil, pois são referentes à heroína de uma conjuração mineira, uma inconfidência que foi considerada um



levante nacional. Ao se pensar no discurso que emana na memória sobre Bárbara Eliodora, pode-se discutir essas alusões enquanto acervos esparsos da nação brasileira. Além de se refletir como essas fontes armazenadas são discutíveis, ressalta-se a natureza controversa dos arquivos, os quais são construções. Deve-se considerar o que coloca Jacques Le Goff (1990), que as leituras históricas são parciais e os documentos podem ser silenciados ou monumentalizados, assim também os acervos.

Michel Foucault (1997), em *Arqueologia do saber*, relaciona o arquivo ao discurso e salienta que só é possível compreender sua mensagem de modo fragmentário, como isenta de uma totalidade de significantes. Esse estudioso explica que o material arquivado encerra uma multiplicidade discursiva e uma amplitude de enunciados que não provém de uma soma de informações, mas de um “jogo” semântico que pode ser manipulado. Isso porque o arquivo não reflete um conjunto de fatos prontos, mas um local onde são extraídas partes de fatos que se abrem a diferentes possibilidades de significados.

Sob essa perspectiva, constata-se a ingenuidade de não se poder pensar o arquivo enquanto um todo cristalizado em uma determinada temporalidade. Jacques Derrida (2001), em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*, escreve sobre isso e como essa falha acarretaria a utópica impressão de um registro objetivo e certo. Além disso, a compreensão de acervos permanece comprometida por quesitos como origem e custódia, o que resulta em uma desapropriação do mesmo. Haja vista que o conteúdo guardado está sujeito ao arconte, arquivista/intérprete, influenciado por questões psicológicas, como recalque e censura, e ideológicas, como um contexto político.

Na busca por informações sobre Bárbara Eliodora, tornam-se perceptíveis lacunas acerca de sua vida, como: ausência de registro de batismo e de restos mortais, e desencontros em dados, por exemplo, sobre seu nome, o que caracteriza uma história/estória aberta a interpretações, em diversos pontos, como sua (in)sanidade, por exemplo. As falas arquivísticas sobre ela, perceptíveis em alusões e/ou homenagens (i)materiais, sejam em escritos, como livros e periódicos, sejam em estátuas ou lápides simbólicas, revelam um discurso construído, até mesmo através de rasuras que o compõe.

Muitos dos que exaltam sua lembrança apontam falhas no levantamento de dados sobre a mesma, como Brandão (1969): “Procurei documentos (...), e só encontrei a afirmativa graciosa da tradição; os arquivos fecharam-se como túmulos às minhas indagações como que temerosos de uma profanação” (p.8). Existem justificativas para esses lapsos, como em um dos recortes jornalísticos do *Livro de Tombo* da Catedral são-joanense, “150 anos depois de

morta: São João del Rei e Campanha querem despojos de Heliadora” (1969), de Paulo Amador. Neste texto, consta a explicação do padre Sebastião Paiva a Amador para a ausência de informações, ao menos as que deveriam constar no âmbito eclesiástico, como o registro batismal. O clérigo menciona que “muitos documentos eram levados para casa dos notários e desta forma muita coisa não era encontrada nos arquivos paroquiais”.

Ao abordar os arquivos na sua imperfeição, Fausto Colombo (1993) escreve como a sociedade se alicerçou por um processo memorialista, cuja necessidade desesperadora de construir uma lembrança evoca a noção do esquecimento. Ele se desenvolve sobre o mecanismo de memorização, através do qual se escolhem alguns dados para lembrar em detrimento de outros. Contudo, a distinção entre o que é (in)válido para se lembrar não depende apenas de quem constrói um determinado acervo, mas daquele que o lê. O intérprete do arquivo confere valor ao que foi guardado, selecionando entre outras lembranças as que deseja rememorar, ou seja, o (ir)relevante em seu contexto de leitura do passado. É nessa etapa de rememoração que se montam arquivos entre arquivos.

Ao se entender referências e homenagens à Bárbara Eliadora como um arquivo, percebe-se a amplitude do mesmo em diversos locais, seja disponibilizado na *Internet* pelo SLMG, seja armazenado em uma universidade, como o *Jornal do Poste*. Houve fontes que encontrei em bibliotecas, no meio eclesiástico e outras *on line*, como livros e leis. Ao montar esse acervo ainda utilizei elementos como um cenotáfio em uma igreja, uma lápide simbólica no Panteão dos Inconfidentes e uma “casa” museu em São João del-Rei.

“Ler” um acervo é ler um conteúdo construído, o que exige um questionamento sobre o mesmo. Embora seja controversa a validade de recordações arquivadas, e em especial sobre Bárbara Eliadora, não se desmerece o registro de uma lembrança, pois demonstra significantes tanto de sua elaboração, quanto de sua leitura. Assim, essa variedade de materiais sobre a figura de Bárbara Eliadora se torna um espaço aberto a diversos olhares que os (re)significam. Embora esteja disperso, de forma majoritária, pelo estado mineiro, o *corpus* que “organizei” para essa pesquisa, carece de completude, o que é utópico, e, como todo arquivo, depende de uma interpretação.

Todavia, por se relacionarem com a Inconfidência Mineira, muitas das referências foram desenvolvidas, em pleno nacionalismo, como sendo marcas nacionais. De forma que, lê-las se torna um processo de conhecimento, não apenas sobre essa “inconfidente”, mas acerca do meio sociocultural em que sua imagem heroica é construída, pois são um arquivo da localidade, de indivíduos e de fatos de que compõe uma memória, a qual é nacional. Ao se

refletir sobre a relação entre acervo e nação, pode-se destacar o artigo “Memória literária arquivada”, de Reinaldo Marques (2008). Nesse texto, o pesquisador, embora focalize a memória literária, ressalta a importância do processo de arquivamento na constituição de um sentimento nacional e explica que:

Com o advento do Estado-nação, diversas instituições arquivísticas nacionais são criadas – o Arquivo, a Biblioteca, o Museu –, num processo que remonta à criação do Arquivo Nacional da França, em 1789. Se, antes da Revolução Francesa, havia uma descentralização na administração de arquivos, com essas novas formações arquivísticas verifica-se um tratamento mais centralizado e totalizante do arquivo (p.106).

Marques desenvolve que a necessidade de arquivamento corresponde ao período nacionalista, o qual necessitava alicerçar seu construto. Desse modo, os enunciados provenientes de acervos promovem que indivíduos se situem e se identifiquem como parte de determinada coletividade nacional, que somente pode ser entendida “imaginariamente, pela atuação de poderosos mecanismos de poder cultural. Os arquivos são um desses mecanismos” (p.108). Na memória da Conjuração, e sobre Bárbara Eliodora, percebe-se uma série de meios utilizados para se elaborar um sentimento de unidade coletiva, como o feminino e o herói. Há uma complexa trama na feitura de um tecido que se pretende uno e nacional.

Nas referências sobre Bárbara Eliodora, assim como nos acervos literários que Marques focaliza, também “se guardam os rastros documentais do passado, de que se vale o historiador, por exemplo, para estabelecer as provas documentais necessárias à elaboração do conhecimento histórico” (MARQUES, 2008, p.105). Todavia, a amplitude enunciativa que emana do material arquivado, proveniente da parcialidade de sua seleção, montagem ou (re)leitura, demonstra a necessidade, não somente de se construir e /ou manter uma memória, mas de cultuá-la, pois adquirem *status* em outro contexto.

Ao se discutir a atribuição de valores a certos arquivos, pode-se pensar que, muitas vezes, eles são monumentalizados. Jacques Le Goff (1990), ao abordar a relação entre documento e monumento, afirma que o documento é criado em um contexto histórico parcial, sendo passível de questionamentos. Conforme o historiador, o documento não é exato e várias fontes tornam-se documentos, e sob essa perspectiva são abordados acervos, em especial aqueles acerca de Bárbara Eliodora. Afinal, nas rasuras de sua lembrança, torna-se evidente a construção de um tempo passado. Desse modo, muitos documentos, igualmente os arquivados, adquirem um valor monumental.

“O *monumentum* é um sinal do passado” (p.535) e “tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva)” (p.536). Não existe, pelo menos não encontrei um acervo específico sobre Bárbara Eliodora. No entanto, ao buscar referências sobre ela, montei um *corpus* que se constitui, então, como “acervo”, nesta dissertação. Esse “acervo” sobre Bárbara Eliodora aponta uma imagem lembrada no período da Inconfidência Mineira, de modo documental. Todavia, essas fontes “históricas” se constituem arquivos escolhidos, documentos monumentalizados que a exaltam enquanto heroína, pois

o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa. (LE GOFF, 1990 p.535)

### 3.2 A “Heroína da Inconfidência Mineira”, uma construção

Foi ela segundo conta o confessor dos conjurados Frei Raimundo de Penaforte, fez o marido reaprumar-se num dos momentos em que o pavor da força o dominou.

Essa citação de Aureliano Leite (1969, p.6) a respeito de Bárbara Eliodora, elogiosa, assim como tantas dele e de outros, é bastante comum na lembrança sobre ela e ilustra o que pode ser considerado como ápice central de sua figura: o famoso ato heroico. Evidencia-se que as recordações sobre ela enquanto Heroína da Inconfidência Mineira se tornam fonte de questionamentos dos traços que a construíram, dos significantes atribuídos à figura do herói e principalmente do sentido e relevância de ser herói, e principalmente heroína, da Conjuração ocorrida em Minas Gerais.

Bárbara Eliodora permanece reconhecida no imaginário coletivo enquanto heroína, apesar de existir quem considere que não participou ativamente da Conjuração, como defende o professor Manuel Rodrigues Lapa (1969). O heroísmo a ela atribuído consiste na tentativa de dissuadir o esposo, Inácio Alvarenga Peixoto, quando preso, de delatar os companheiros de conspiração, na crença de que sua pena reduziria, pois era o maior “empreendedor de todos os conjurados” (SOUZA SILVA, 1969, p.10) e, inclusive, aliciador.

É relevante apontar que houve na memória sobre a conspiração mineira, mulher que representasse o feminino, como Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, e que fosse ativa entre os inconfidentes, como Hipólita Jacinta Teixeira de Melo. Porém, a lembrança de Bárbara Eliodora as sobrepujou porque sua figura foi elaborada de modo a suprir satisfatoriamente esses dois aspectos: o de mulher, com seus significados de bela, dócil, sensual etc., em

conformidade com o sistema patriarcal, e o de participante de uma conjuração. Contudo, deve-se refletir que, nessa conjuntura, o feminino estava restrito ao ambiente doméstico e ao culto da beleza, de forma que não poderia se envolver em assuntos “masculinos”, como o planejamento de um levante contra a coroa portuguesa.

Tendo consciência de que a situação do feminino setecentista em Minas Gerais foi marcada por uma postura ativa, é possível entender que houve participação de mulheres nessa conspiração e em outras situações locais, mas que as mesmas foram silenciadas historicamente. Isto posto, é difícil afirmar ou negar a participação de mulheres entre os conjurados, sendo possível apenas ler considerações sobre a possibilidade, seja enquanto participante ou musa nesse meio. Marília de Dirceu, por exemplo, foi um destaque na memória sobre a “Inconfidência”, por ser uma musa poetizada no Arcadismo, período literário concomitante à Conjuração, mas não há leituras que a mencionem enquanto uma entre os conjurados.

De heroica, embora não se possam encontrar heróis que não sejam construídos, só há “registros” de uma mulher que se envolveu de forma efetiva na Conjuração, Hipólita Melo, cuja figura se percebe melhor por seu testamento, transcrito nos ADIM (1976, v.9, p.429-436). Adeldo Gonçalves (1998) relata que ela foi casada com o coronel e fazendeiro, Francisco Antônio de Oliveira Lopes, inconfidente que conhecia Tiradentes de outras batalhas, não apenas da tentativa de emancipação mineira. Ele expõe que “Hipólita não só participou das discussões sobre os planos (...) como ainda ajudou o marido, de poucas luzes, a escrever cartas aos companheiros da projetada sublevação”<sup>64</sup>, pois o casal residia no Caminho do Ouro<sup>65</sup>, local que era favorável a trocas de correspondências. Contudo, a lembrança desse feminino, como aponta Geraldo Guimarães (1996), permanece reduzida, inclusive, à sua cidade de origem, Prados (MG).

Torna-se viável discutir que se o heroísmo pudesse ser relegado a uma idealização do feminino ou a uma postura ativa do mesmo, sobressairiam na memória da Conjuração não apenas uma heroína, mas várias, por exemplo, irmãs, esposas, amantes e filhas dos conjurados. Muitas das quais, não somente se preocupariam em manter uma imagem bela, mas cooperariam com os empreendimentos dos homens próximos a elas. Ao se ler a imagem de Bárbara Eliodora, percebe-se que nem a “revolucionária” ativa nem a idealizada musa

---

<sup>64</sup> Não paginado.

<sup>65</sup> Estrada Real, caminho que ligava Minas Gerais a Rio de Janeiro e São Paulo. Era usado para transportar o ouro até o porto da cidade de Paraty, de onde seria levado para Portugal.

puderam ofuscar ou ocupar, na memória, o lugar atribuído à heroína da Inconfidência Mineira. Mas o que faz de “Barbara bela” uma heroína?

### 3.2.1 O heroísmo: um diálogo

A tentativa de dissuasão de Bárbara Eliodora ao esposo que queria delatar outros conjurados, lembrada como o afamado ato heroico, não tem comprovações documentais. No entanto, alguns que escrevem sobre a heroína “inconfidente”, como Lapa (1969), apontam a existência de uma nota do frei Raimundo da Anunciação Penaforte nos ADIM, na qual constava que:

Representou Alvarenga, cuja alma era mais pensadora e sua imagem mais viva, estar inteiramente transportado. Rompeu em vozes e raciocínios tão extravagantes, que o religioso que a sorte lhe deparou, dos onze, o acordou repetidas vezes do transporte horrível a que se tinha entregado. Já recriminava a sua esposa, por lhe ter impedido os primeiros vôos (e talvez os últimos) de sua fidelidade (1976, v.9, p.181).

Nessa nota, o sacerdote Penaforte, um dos assistentes espirituais dos conjurados, inclusive, confessor dos mesmos, diz que Alvarenga Peixoto acusava a esposa por não ter denunciado os companheiros no primeiro inquérito, o que, entretanto, ele faz no segundo interrogatório. Desse modo, o fato de Bárbara Eliodora ter dissuadido o marido não pode ser considerado um ato heroico, pois a posterior delação o invalidaria e o transformaria em uma simples tentativa.

Faz-se necessário refletir que a denúncia de Alvarenga Peixoto, embora apareça memorialisticamente como “fraqueza”, principalmente se comparada à confissão de culpa de Tiradentes, pode ser interpretada como uma manobra de defesa. “É evidente que Alvarenga - antigo juiz - não se comportasse perante a Justiça como um leigo. Nem êle nem Gonzaga assim se comportaram” (SILVA, 1970, p.51). Nesse contexto, destacam-se tentativas de auto-proteção que o magistrado preso utilizou, como sua poesia encomiástica, para saudar o governo de então, por exemplo, o soneto “Bendita sejas Lusitana Augusta”, registrado nos ADIM (1976, v.7, p.154).

Também, pode-se questionar tanto a postura de Bárbara Eliodora, de forçar a fidelidade do esposo a um movimento considerado infiel, quanto o desejo da mesma de manter um *status* social. O pesquisador Adeldo Gonçalves (1998) afirma que provavelmente ela tentou impedir o esposo de revelar nomes de outros inconfidentes, “porque (...) não queria

que o marido fosse julgado como infame pelos companheiros ou contemporâneos”<sup>66</sup>. Por isso, tentar induzir o marido seria uma atitude, como afirma Lapa (1969), “de muitas outras mulheres brasileiras, esposas, filhas, mães, irmãs dos conjurados. Teriam jus ao título de heroínas tanto como a mulher de Alvarenga Peixoto” (p.6). Entretanto, esse ato de dissuadir o esposo, que pode ser reduzido a uma falha de caráter, o orgulho de não ser a esposa de um traidor, foi lido de modo benéfico e construtivo pelo âmbito nacionalista.

Alguns, como João Lúcio Brandão (1969) e Geraldo Guimarães (1996), enfatizam que procuraram, sem sucesso, por dados que comprovassem o “episódio” do heroísmo. Apesar de não ter sido possível fundamentar a conversa de Bárbara Eliodora com Alvarenga, sua figura aparece elaborada sob o título de heroína. Há textos que descrevem o diálogo a que se referiu a nota do frei Penaforte e em sua maioria são reproduções similares às leituras que Américo Werneck e Joaquim Norberto de Sousa Silva fizeram sobre a anotação de Penaforte. De acordo com Aureliano Leite (1964),

passou ela mais para a história com aquele cognome de *Heroína da Inconfidência*, devido muito ao livro do fluminense Américo Werneck, lançado em 1900. Foi Werneck, repetido pelo escritor mineiro Aníbal Matos, em drama que subiu à cena, no Rio de Janeiro, no ano do primeiro centenário da Independência, o responsável por várias lendas tecidas em torno da figura mineira, como a sua completa loucura, pechinchando, em andrajos, esfarrapada, nas ruas de São Gonçalo, chorando ainda a morte da filha Ifigênia (p.26).

O *Dicionário mulheres do Brasil: De 1500 até a atualidade* (2001) menciona que Américo Werneck relata o ato heroico de Bárbara Eliodora em *A heroína da Inconfidência* (1900) e o faz de forma romanceada. João Lúcio Brandão (1969) declara no SLMG que:

O Sr. Dr. Américo Werneck, na brilhante monografia que lhe consagrou e que muito nos socorreu neste estudo- pediu que a memória de D. Bárbara Eliodora fosse perpetuada em busto de bronze erguido no famoso parque municipal de Belo Horizonte, e confiou à mocidade e às senhoras brasileiras a iniciativa dessa homenagem a uma mulher ilustre a mais um título, e que num rasgo de coragem sublime se tornou heroína da honra, exemplo do sentimento cívico (p.8).

Embora o texto de Werneck seja o registro inicial da atribuição do título de heroína a Bárbara Eliodora, a opinião majoritária é de que o reconhecimento desse heroísmo se desenvolveu a partir dos escritos de Joaquim Norberto de Sousa Silva (1948), em *História da Conjuração Mineira*. Manuel Rodrigues Lapa (1969) e Adolfo Gonçalves (1998) criticam as partes dessa obra que mencionam Bárbara Eliodora e a sua atuação na Conjuração de Minas. Segundo Gonçalves, Sousa e Silva “preencheu com a imaginação os claros deixados pela

---

<sup>66</sup> Não paginado.

documentação que não encontrou”<sup>67</sup> e, ironicamente, como Lapa escreve, “escreveu sobre isso uma verdadeira página de romance histórico, que devia ter impressionado as imaginações, pois ao patético se junta um discreto perfume de alcova” (p.5).

Influenciada ou não pela escrita de Werneck, a narrativa de Souza Silva (1948) sobre o que teria sido o ato heroico, transcrita no SLMG, em 1969, é apresentada de forma corrente como o marco primeiro sobre a Heroína da Inconfidência:

Ao ver-se só durante a noite, pensou em sua esposa e nos seus filhos, essas inocentes criaturas, e estremeceu de susto com a idéia de uma separação eterna!... Impaciente, agitado, com os olhos arrasados de lágrimas, procurava por toda a parte o sossego que lhe fugira. Neste estado o veio encontrar a sua esposa, que bem suspeitava que grande tempestade se passava em sua alma, e lhe perturbava a razão. Vasou o amor conjugal no seio do anjo doméstico todos os seus arcanos. Patenteou com vivas cores a catástrofe tremenda que se aproximava, e a sorte cruel que aguardava os seus cândidos filhos. Para ele só havia um passo a dar que evitasse o medonho abismo que se abria para tragá-lo, e era este a — denúncia!

Tingiu a palidez da morte as faces da bela paulistana. Prostrou-se a esposa a seus pés e implorou-lhe com lágrimas e suspiros que não cometesse semelhante indiscrição, pois ia comprometer os seus amigos, atraindo sobre si a nódoa da delação. Conteve-se Alvarenga; abraçou a sua consorte como a sua maior amiga e beijou-a como o anjo da sua guarda. Procurou uma ilusão para si e para ela, e não enxergou mais em tudo quanto se passara nos conventículos do que uma prática hipotética sobre o que se poderia e não sobre o que se devia fazer. Tranquilo com este engano de sua alma e este raciocínio de seu espírito, adormeceu nos braços de sua esposa. Antes nunca mais acordassem! (SOUZA SILVA, 1969, p.11.)

Este trecho, no qual Alvarenga Peixoto, ciente que havia sido denunciado, entra em desespero e pensa em fazer a delação, aparece de modo semelhante em diversos textos. Em vista disso, é possível pensar que escritos posteriores são paráfrases do relato “fundador”, por exemplo, os de Sebastião Martins (1990):

A expressão de desespero com que ele olhou para Bárbara falava mais que qualquer discurso. Depois, enfiou a mão no bolso do casaco e entregou-lhe o papel amarrotado, soluçando alto, lágrimas grossas escorrendo pelo rosto e caindo sobre a mesa. Era uma carta dirigida ao Visconde de Barbacena, e Alvarenga denunciava seus amigos como culpados da conspiração. Bárbara Também chorou, enquanto rasgava o papel em dezenas de pedaços miúdos, que guardou no bolso do vestido (p.17).

Martins apresenta outra versão para o diálogo entre Alvarenga Peixoto e a esposa, como no capítulo décimo de seu livro, “*Tristissima noctis*”:

Em tempos de turbilhão cada um devora a carne de seu próximo, e muitos escreveram cartas ao visconde, firmando inocência e apontando culpados pelo desencaminho dos povos. O Alvarenga, de corpo e alma que era só espinho, também

---

<sup>67</sup> Não paginado.



se aterrorizou e convocou o conselho da família, pensando que sua destreza era maior que a força de dona Bárbara.

Ninguém moveu a asa, nem abriu o bico, nem piou, quando a dona Bárbara tomou a palavra e depositou seu pensamento, dizendo que o cetro dos opressores não tem poder sobre a alma livre de um verdadeiro homem, e que mais valia o Alvarenga carregar o seu fardo do que ingressar na raça dos ímpios, no lodaçal dos covardes (...) (p.182)

Esse ato aparece em forma de diálogo, como no opúsculo de maio de 1969, feito sob a responsabilidade da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, de São João del-Rei, na pessoa de padre Paiva, então pároco:

Um dia, entra pela porta da casa seu marido Alvarenga Peixoto, pálido e aflito, e logo fala à espôsa:

- Estamos perdidos...! A conjuração foi descoberta. Os nossos bens vão ser tomados. Você ficará na miséria, eu serei condenado à morte e os nossos filhos ficarão órfãos.

Bárbara ficou em pé sem força para falar.

- Poderei ainda salvar a você e a nossos filhos desta grande desgraça, acrescentou Alvarenga Peixoto.

- Como? – pergunta Bárbara, tôda em lágrimas.

- Vou contar ao Rei quais são os conspiradores, disse Alvarenga.

- Nunca Alvarenga! Isto é uma traição! Prefiro a morte, a miséria, a viuvez e a orfandade para meus filhos, mas quero o seu nome limpo e a sua memória honrada! Quero vê-lo como herói e não traidor!

- Bárbara, disse Alvarenga, pelos seus conselhos e pela sua coragem, e, refletindo, não farei isto. Seria uma covardia! ( PAIVA, 1969, p.17)

Falas diretas como “entra pela porta da casa seu marido Alvarenga” (PAIVA, 1969, p.17) e indiretas que o mencionam sozinho e Bárbara Eliodora vindo ao seu encontro, apontam que a conversa teria ocorrido em um meio doméstico. E sendo o feminino relegado a esse ambiente pelo sistema patriarcal, o heroísmo de uma mulher só poderia ser pensado como proveniente de tal espaço. Assim, torna-se óbvio que ao rememorar a história de uma heroína setecentista Bárbara Eliodora fosse focalizada em casa, local que em que também se constitui seu feminino.

Na construção do diálogo entre Bárbara Eliodora e Alvarenga Peixoto, observa-se uma ênfase na angústia do casal de “personagens” que parece protagonizar a história e/ou memória da Inconfidência Mineira, o que caracteriza o uso de um recurso catártico, fundamental a qualquer enredo heroico. Catarse, termo relativo à *Poética* de Aristóteles, obra sobre tragédia e cujo conteúdo enfatiza a poética do drama, define um processo textual que provoca no leitor e/ou receptor uma emoção, entendida como purificação. Na história e estórias que bordam a heroína Bárbara Eliodora percebe-se o uso de um artifício na representação de situações trágicas, que ilustram como a recordação do sofrimento de Bárbara Eliodora parece sobrepujar, pela comoção, o de qualquer outro dos envolvidos (in)diretamente na Conjuração.

Observa-se, de forma bastante expressiva, que o diálogo pode ser separado em partes significativas, as quais denotam sofrimento, seja relacionado a Alvarenga Peixoto seja à Bárbara Eliodora. As conversas narradas do casal começam em razão da angústia do esposo e perpassam a aflição dela, que aparece associada à sensatez e à coragem, e conduzem a reflexão de que mesmo sofrendo tomou uma atitude oportuna à conspiração mineira. Os “autores” dos trechos acima fecham o diálogo com o remorso de Alvarenga Peixoto e enfatizam a postura da esposa como correta e racional, e, pelo sofrimento, corajosa: “Conteve-se Alvarenga; abraçou a sua consorte como a sua maior amiga e beijou-a como o anjo da sua guarda” (SOUZA SILVA, 1969, p.11) e “Bárbara, disse Alvarenga, pelos seus conselhos e pela sua coragem, e, refletindo, não farei isto. Seria uma covardia!” (PAIVA, 1969 p.17).

Pode-se discutir a elaboração da escrita sobre a angústia de Alvarenga Peixoto e sua dúvida sobre o destino da esposa. Isso se torna perceptível em diversos materiais, como no “Bárbara Bella”. Nesses versos, Alvarenga Peixoto descreve a “grandeza” da esposa, marcada pelo discernimento de aconselhá-lo e a coragem em arcar com as consequências dessa atitude. Isso se reflete em paráfrases do poema, como “Drama de Bárbara Heliodora”, de Henriqueta Lisboa e reproduzido pelo SLMG:

‘Bárbara bela  
do norte estrela  
que o meu destino  
sabes guiar.’

Quem é êsse que canta  
como quem está chorando?  
seus olhos amortecera,  
sôbre seus cabelo negros  
cai uma chuva de cinza  
(...)

(...)  
Já não é mais Alvarenga  
Quem foi Alvarenga um dia.

(...)  
A mão trêmula do poeta  
mal sabe o que escreve:

‘Tu entre os braços  
ternos abraços  
da filha amada  
podes gozar’

A essas horas, na distância,

vai pela tarde dorida  
sob a chuva, entre salpicos  
de lama, um caixão mortuário  
sem enfeites nem bordados,  
senão os que a terra asperge  
no pano que cobre as tábuas.

Quando a alvura da açucena  
se refugiava nas moitas,  
Maria Efigênia encontra  
sua gruta para sempre.  
(LISBOA, 1969, p.12)

Há, do mesmo modo, uma preocupação a ele atribuída, quando exilado em Ambaca: “Sedentos eternamente do seu corpo, eles tentarão corroer-lhe a alma, roubar-lhe o juízo e a coragem, que era o que mais temiam nela” (MARTINS, 1990, p.209). Entende-se que esses não são os únicos exemplos a serem apontados, mas ilustram construções acerca do que poderia ter sido o destino de Alvarenga Peixoto, visto que o de Bárbara Eliodora era “conhecido” pelo imaginário coletivo, como viúva louca e na miséria.

“Chora Bárbara Eliodora  
Guilhermina da Silveira.  
E em suas artérias corre  
o sangue de Amador Bueno!  
Chora, porém já sem lágrimas.”

É de mármore seu rosto.  
Seu busto cai sobre os joelhos;  
flôres que de trepadeiras  
pendem murchas para o solo.

Talvez já nem saiba como  
-para donaire da estirpe  
na ponta dos pés erguida-  
em hora periclitante  
ousou admoestar o esposo:  
‘Antes a miséria, a fome,  
a morte, do que a traição!’

Valem muralhas de pedra  
para represa dos rios,  
certas palavras eternas  
que decidem do destino.  
(LISBOA, 1969, p.12)

Embora escrevam que para Bárbara Eliodora Alvarenga Peixoto teria morrido somente por seu degredo, o que seria uma das causas de sua loucura, pode-se apontar a morte incerta de Alvarenga Peixoto como outro assunto digno de comoção. Um exemplo do doloroso fim de Alvarenga Peixoto é transcrito de Aureliano Leite (1969):

Logo depois do barco atracar no costado da Angola, Alvarenga é arrastado, aos maus tratos, para Ambaca, no interior inóspito do continente. Conta apenas 48 anos. Os seus cabelos castanhos e calamistrados transformaram-se em uma grelha branca e suja. Trôpego, tem o aspeto de um mendigo. Caluniado, dentro dos “autos da devassa”, até como “vil caloteiro”, não tarda a fechar para todo sempre os olhos murchos e fundos, que não viam mais o Brasil e os entes amados que, acolá, ficaram, nas mãos de vis malsins. Não sei se José Joaquim da Silva Xavier não teria sido menos desgraçado!” (p.6)

A colocação de Aureliano Leite é uma dentre outras que ilustram a dor de Alvarenga Peixoto, nela se percebe quase uma pintura padecente do mesmo, através de detalhes como maus tratos, mendicância e cabelo como “uma grelha branca e suja”. Assim, a construção da dor de Alvarenga corrobora a de Bárbara Eliodora, cujo final é descrito como sofrido, seja pela ausência do esposo, seja pelas consequências da participação do mesmo na Conjuração Mineira, como se exemplifica em dois trechos de Aureliano Leite (1969):

Bárbara vive solitária, na sua beleza desmanchada por um chorar convulso e intermimo, na sua mocidade amargurada, pois conta pouco além de 30 anos e nunca mais quer casar-se.

A vida de Bárbara Eliodora permanece em longo e atroz sofrimento, sem tréguas nem nenhum alívio. É confiscada a metade dos bens do casal. (...) Todos, provavelmente, fogem de si e dos seus inocentes filhos como leprosos. Muitos poucos se arriscam a suspeitar-se aos olhos dos belequins que, inescrupulosos, viviam, farejam, perseguem, inventam, fraudam, violentam, corrompem, na sua desprezível e eterna função de contribuir para a opressão monstruosa dos governos despóticos (p.6).

As falas acima além de caracterizassem o infortúnio de Bárbara Eliodora, evidenciam um contexto nacionalista da escrita. Nas mesmas é notório o menosprezo pelo sistema político monárquico, evidente em traços, como a escrita do termo “autos da devassa” com letra minúscula, o que aponta uma conotação pejorativa.

Reflete-se que o relevante não é a questão do sofrimento, pois Alvarenga Peixoto e Bárbara Eliodora sofreram, mas o destaque relegado a sua dor, enquanto a de outros conjurados e as de seus familiares foram silenciadas. De forma que, o heroísmo de Bárbara Eliodora se tonou um tecido trabalhado por diferentes “autores”, por exemplo: os que se consideram ou são considerados historiadores, que enaltecem ou criticam a sua figura, e os apontados como “estoriadores”, que a constroem, mencionando que “seu gesto não foi humano - superpôs-se a todas as conveniências de ordem pessoal, no afeto, ao conforto, a tudo!” (BRANDÃO, 1969, p.8)

### 3.2.2 Um trabalho bem feito: reflexões sobre um feminino

As escritas encomiásticas que apontam um fechamento glorioso para a vida de Bárbara Eliodora, o de heroína, são passíveis de reflexões, pois como afirma Hayden White (1994) o historiador por mais que pretenda ser objetivo deixa traços de sua leitura individual nos “fatos” que relata. “As histórias conseguem parte de seu efeito explicativo graças ao êxito em criar estórias de *simples* crônicas; e as estórias, por sua vez, são criadas das crônicas graças a uma operação que chamei, em outro lugar, de ‘urdidura do enredo’(p.100)”. Na urdidura da escrita sobre a heroína da Inconfidência, discute-se a memória enquanto um procedimento que lê acontecimentos passados. Entretanto, isso implica a necessidade de conscientização acerca de rasuras, nas quais importam a interpretação e recepção dos fatos, seja por “historiadores”, “estoriadores” e/ou destinatários. E no caso de Bárbara Eliodora não existem mais estoriadores que historiadores, existem escritas parciais.

O diálogo entendido como ato heroico aparece (in)diretamente em diferentes textos sobre Bárbara Eliodora como uma escrita que deixa transparecer traços de um heroísmo que se borda pelo feminino. Um exemplo é o poema “Bárbara Heliodora” do roteirista Geraldo Eduardo Ribeiro Carneiro, sob o pseudônimo de Gerard Eluard Du Kar’nehru (1983), um dos poucos que “restam”<sup>68</sup> de sua série “pequenas inconfidências”, sobre o século XVIII mineiro.

#### BÁRBARA HELIODORA

Em tua fala língua caravela  
Desenovela em busca de outros mares  
Metáforas da fala: a anti-fala  
Ou inefável fala com caprichos  
De boca navegada nunca dantes  
AH SE EU SOUBESSE AMOR A TUA TRAMA  
Ao sul de qualquer fala decifrasse  
Esse país de fala indecifrada  
Amor que me não singra as minhas angras  
Mas sim me sangra em mar amor amor  
(p.2)

Nesse poema, há um “jogo” de sentidos com referentes à linguagem, por exemplo, “metáforas da fala” e “anti-fala”, que caracterizam a construção da conversa da heroína da Inconfidência com seu esposo. Termos como “língua”, “desenovela” e “caprichos” parecem retomar a memória do provável diálogo em que Bárbara Eliodora persuade Alvarenga Peixoto a não delatar outros membros da Conjuração. Ao mesmo tempo, os versos apontam significantes relacionados a uma construção de um feminino idealizado entre pureza, como

---

<sup>68</sup> Geraldo Eduardo Ribeiro Carneiro alega que perdeu muitos poemas da série.

“boca navegada nunca dantes”, e sensualidade, como na ilustração, de Júnia Grimaldi, que se segue ao poema. O desenho “AH SE EU SOUBESSE AMOR A TUA TRAMA”, o qual ilustra esse poema, aponta não somente um amor idealizado como em sua parte superior, em que há um casal, mas um amor sensualizado, perceptível na imagem de mulher desenhada com os seios à mostra, que remete possivelmente a Bárbara Eliodora.



Figura 11: Ah se eu soubesse amor a tua trama

Todavia o detalhe que mais se enfatiza em Barbara Eliodora e que engloba ambas posturas do feminino, a doce e a sensual, é o fato de ter sido casada. Aline Fonseca Carvalho (2006) afirma que Bárbara Eliodora foi “escolhida para representar a mulher inconfidente”

(p.102) porque em sua lembrança se destacam as posturas de esposa e mãe. “Bárbara constituiu família nos moldes em que uma família deve se constituir, sofreu todos os problemas da condenação do marido e ao que parece não resta dúvidas de que o casal se dava bem” (FONSECA CARVALHO, 2006, p.102). É perceptível como essa colocação se direciona pelo foco da pesquisa de Aline Fonseca Carvalho, que foi a reconstrução da Inconfidência pela Ditadura Militar. Nos materiais didáticos da época desse regime, os quais Fonseca Carvalho analisou, aparecem pontos de destaque sobre os inconfidentes e o realce de Bárbara Eliodora como “mulher casada e que tinha filhos” (p.125).

Fonseca Carvalho explica que, entre os valores pregados pela ditadura, a família era bastante destacada, “ponto muito recorrente nos livros de Moral e Cívica do período militar. Ela é a base da moral e dos bons costumes” (p.125). Sua dissertação justifica a loucura de Bárbara Eliodora pela quebra de sua família, como a perda do esposo, por exemplo. O que, de fato, é um tema que se explora bastante na lembrança de Bárbara Eliodora. Entretanto, a construção do feminino de Bárbara Eliodora era anterior ao período da ditadura, o que possibilita pensar que o período da Ditadura Militar leu e reforçou a imagem da “inconfidente”. Nesse contexto, pode-se pensar que outras duas mulheres que poderiam ter sido destacadas, Maria Doroteia de Seixas e Hipólita Teixeira, não preencheram o perfil de mulher “completa” sob o olhar patriarcal: a filha que se torna esposa e mãe.

Noiva e musa do magistrado e poeta Tomás Antônio Gonzaga, Maria Doroteia foi imortalizada nas líras de Dirceu como a pastora Marília, mas teve seu relacionamento com o conjurado rompido pelos acontecimentos decorrentes do processo da Devassa, no qual ele foi um dos réus punidos com o degredo. Na África, o Dirceu arrumou outra Marília para amar, que não Maria Doroteia de Seixas, casou-se com a filha de um comerciante de escravos, Juliana de Souza Mascarenhas, com quem teve dois filhos. De modo que, lembra-se a musa de uma das obras mais conhecidas do Arcadismo, a coleção de poemas *Marília de Dirceu*, como aquela que ficou só, na amargura de um relacionamento que não deu certo, cujo amado se casou com outra.

No imaginário coletivo, Bárbara Eliodora fez as vezes de Marília de Alvarenga Peixoto, como expressa Joaquim Norberto de Souza Silva (1969, p.10) e se casou com seu poeta, não ficando apenas idealizada. Ela foi recordada enquanto esposa digna pelo ato de tentar impedir o marido de “manchar” a lembrança da família como um traidor, de forma que sua força heroica se resplandece no seu cônjuge. Além disso, foi mãe de quatro filhos, o que dificultou que a imagem de uma conhecida participante entre os conjurados, Hipólita



Teixeira, obtivesse notoriedade. Hipólita foi casada, mas não teve filhos. Conforme Adelto Gonçalves (1998), ela adotou duas crianças abandonadas, sendo um, Antônio Francisco Teixeira Coelho, filho ilegítimo de uma das irmãs de Bárbara Eliodora, Maria Silveira Bueno<sup>69</sup>.

E em uma lembrança sobre Bárbara Eliodora se evidenciou a imagem da esposa que preencheu o requisito de cônjuge ideal, de acordo com o sistema misógino: jovem, bela, virgem, sensual etc. Ressalta-se a leitura amenizada da situação de Bárbara Eliodora anterior ao casamento, pois embora fossem comuns, para sua época, os relacionamentos em concubinato, ela viveu em um meio misógino, no qual também foi relida, e que somente reconhece a mulher enquanto esposa. Desse modo, o fato de Bárbara Eliodora ter sido amásia de Alvarenga Peixoto poderia ser lido como desonroso pelo sistema patriarcal, mas, contrariamente, é sempre descrito e lembrado de uma forma boa, ressaltando sua coragem de viver contra o próprio sistema. Todavia, o fato de não se esconder isso em sua memória, escrita majoritariamente por homens, não deve ser lido como se a mesma fosse subversiva ao contexto, mas como se sua figura estivesse sendo construída como tal, afinal, posteriormente seu relacionamento é regularizado.

Pierre Bourdieu (2007), em *A Dominação masculina*, defende que as estruturas sociais, como gênero, estão construídas entre dominante e dominado. Sob essa perspectiva, a sexualidade aparece revestida de uma significação social na qual as mulheres ocupam socialmente um lugar de inferioridade em relação ao sexo masculino. “Excluídas dos jogos de poder, elas são preparadas para dele participar por intermédio dos homens que neles estão envolvidos” (p.97). Ao se compreender Bárbara Eliodora como exemplo da categoria do dominado, aponta-se a posição de quem a descreveu, o dominante, que é levado a se sentir como tal pelo sistema de dominação.

Sob um olhar *bourdiano*, esse processo de dominação se reflete na imagem de Bárbara Eliodora, pois há a manipulação de um feminino que não deixa de ser subjugado, pois até em sua rebeldia cumpre o seu papel social. Menciona-se Bárbara Eliodora como sensual, o que a desloca do posto de musa idealizada para o carnal. Isso acarreta o afastamento de sua figura do feminino aristocrata da época, bastante preso a determinações do sistema misógino, e decorrente inserção na classe popular, haja vista que a mesma era associada a um contexto

---

<sup>69</sup> Provavelmente Gonçalves se refere à irmã Maria Inácia, a única das irmãs de Bárbara Eliodora que tinha Maria por primeiro nome. Entretanto, permanece a dúvida pois, como já mencionei no segundo capítulo, por Luís de Melo Alvarenga (1954), em “Documentos Genealógicos de Bárbara Eleodora e Tiradentes”, o nome completo da mesma é desconhecido por falta de dados.

marcado pela sensualidade, porque a prostituição era uma constante nas camadas pobres em Minas Gerais nos setecentos. Devido à falta de recursos e com o objetivo de aumentarem sua renda, comerciantes e homens pobres ofereciam filhas como prostitutas e senhores de escravos, as escravas.

Um exemplo dessa aproximação de Bárbara Eliodora com o perfil de mulheres pobres aparece em *A dança da Serpente*. Nesse livro, Sebastião Martins (1990) escreve que Bárbara Eliodora dançava lundu em meio aos escravos na senzala,

De testemunho, só a voz do povo, que não é benta e assegura que a moça descia para a senzala, na festa dos negros, e dançava (...). A chama da fogueira lambia a escuridão, os pretos batendo tambor, e a moça Bárbara, coberta de suor, girava no batido, os peitos duros, mãos nas cadeiras, no meio da senzala, camisola colada no corpo, mais escrava que rainha. Bárbara, negra escondida em pele fina de branca (p.55).

Na citação, Bárbara Eliodora apresenta um comportamento similar ao das escravas, cuja lembrança aparece sob o aspecto da sensualidade. Ela não sai apenas da casa grande para a senzala, “desce”, nas palavras de Martins, do nível da aristocracia ao da escravidão. É uma narração que importa ser lida, pois na mesma se acentua o aspecto da sensualidade, corroborada até mesmo pela ênfase na questão racial <sup>70</sup>. No *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira* (2012) informa-se que a dança africana lundu era descrita como sendo de cunho “indecente e lascivo nos documentos oficiais que proibiam sua apresentação nas ruas e teatros” <sup>71</sup>. Assim, a dança, que se assemelha ao ato sexual, caracteriza Bárbara Eliodora sensualmente e sexualmente.

No livro de Sebastião Martins (1990), a sexualidade de Bárbara Eliodora é descrita de forma a se destacar à do marido, poeta boêmio, pois em um dos trechos há um “jogo” textual no qual ela parece dominá-lo sexualmente: “A negra encontrou o seu senhor e dançou para ele, como jamais homem algum viu mulher dançar. O homem livre, caído diante da serpente, tornou-se escravo” (MARTINS, 1990, p.132). Embora o texto seja uma criação, as falas aproximam essa dama aristocrática, que deveria, em uma sociedade patriarcal, ser submissa, até sexualmente, das escravas, rememoradas de modo libertino devido ao estereótipo a elas associado.

O termo serpente, além de lembrar uma conotação fálica, indica uma ambiguidade semântica na qual a dança de Bárbara Eliodora pode significar tanto um movimento, quanto

---

<sup>70</sup> No sistema escravagista, as negras foram impelidas pela subsistência ou imposições dos senhores de escravos à prostituição, como sustentam Luciano Figueiredo (1997) e de Charles Expilly (1977). Desse modo, a imagem da escrava negra aparece fortemente associada ao âmbito sexual.

<sup>71</sup> Não paginado.

uma conotação maligna. Afinal, o animal é relacionado, em um contexto bíblico, ao pecado de Eva, por fazê-la comer o fruto proibido e acarretar sua expulsão do Éden. Logo, a inversão de papéis, seja da aristocrata para a escrava sensual, seja da senhora de seu senhor, confere a Bárbara Eliodora um posto idealizado. Por isso, a memória de Bárbara Eliodora escrita no (e inscrita pelo) sistema patriarcal evidencia como os homens, também dominados, aplicam categorias construídas, dentro das relações de dominação que Bourdieu (2007) expõe, na constituição desse feminino.

Em *The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*, publicado em 2000, Sandra Gilbert e Susan Gubar, através da metáfora de uma “louca” que o marido trancou em um sótão, trabalham a questão de que o sistema patriarcal regula a escrita da mulher. No capítulo “O espelho da rainha: criatividade feminina, imagens da mulher pelo masculino, e a metáfora da paternidade literária”<sup>72</sup>, a mulher aparece delimitada por um duplo estereótipo, entre o anjo dócil e o monstro indócil ao sistema patriarcal. Embora essas figuras se relacionem a escritoras, a vida de Bárbara Eliodora pode lida sob esses aspectos.

Nesse ponto, percebe-se a voz de dominação padronizando a figura de Bárbara Eliodora dentro de papéis atribuídos ao feminino no meio misógino, sejam “bons” ou “ruins”. É nítido como o lado que poderia ser indócil do feminino de Bárbara Eliodora, segundo o sistema patriarcal, como as imagens de poeta ou de mulher sensual, é sempre amenizado, e, inclusive, justificado, pela figura posterior da louca. Mas sua representação mais ampla é a do anjo de comportamento dócil, notória em diversas citações encomiásticas, por exemplo: a de Brandão (1969), que explica como “a Ilustre patricia dedicou-se de corpo e alma ao govêrno da casa e à educação dos filhos, empregando especial desvelo na pequena Maria Efigênia” (p.8), a de Souza e Silva (1969), que menciona como “voltou-se a mãe aos seus filhos, e nem a falta de recursos proveniente da situação fê-la desacoroçar” (p.10), a de Martins (1990) que fecha sua vida assim “era mulher e escrava dos filhos, e só lhe restava agora tecer, até o fim dos dias, a trama da vida deles” (p.201), entre outras.

Bárbara Eliodora foi ilustrada na memória sobre a Conjuração Mineira como portadora de um amor exercido quase de forma hagiográfica, como aquela que foi para o marido o “anjo da sua guarda” (SOUZA SILVA, 1969, p.11) e do seu lar. Outra imagem sua, sob essa perspectiva, é a de mãe. Uma mãe que até Alvarenga Peixoto evoca para si, como está no livro de Sebastião Martins (1990). No último capítulo de seus escritos, “O prisioneiro

---

<sup>72</sup> Traduzido por mim do original: *The queen's looking glass: female creativity, male images of woman, and the metaphor of literary paternity*.

de Ambaca”, Martins escreve que o personagem Alvarenga Peixoto, no exílio, reflete como Bárbara Eliodora sempre o ensinou a ser melhor, como uma mãe ao filho:

Bárbara não está aqui, mas este homem que espera a eternidade é filho dela, criatura que a mulher gerou no ventre de sua vontade, varão e menino que Bárbara formou desde a primeira noite, no seu leito de virgem, quando entreabriu a porta para o poderoso Ouvidor da Comarca do Rio das Mortes e só viu entrar um tremulo aprendiz das artes do amor, que antes julgava tudo conhecer (...) Como na casa de fundição se faz com o metal impuro, o calor de Bárbara foi além da superfície da matéria, para enriquecê-la com uma nova luz. A matéria do homem, que é filho da mulher (MARTINS, 1990, p.212).

Os trechos acima, laudatórios, romanceiam, além de uma iniciação sexual, como Bárbara Eliodora deixa de ser virgem para se tornar mãe, o que enfatiza a força do contexto misógino em que sua lembrança está inserida, o qual somente reconhece o lugar da mulher enquanto esposa e mãe. Muitas vezes, uma pessoa escreve e desenvolve diversos aspectos relacionados a sua maternidade, como as referências à imagem da filha Maria Efigênia, que sempre aparece em lembranças sobre sua mãe, talvez até mais que os outros filhos de Bárbara Eliodora. Além disso, há poemas que destacam seu lado maternal, como “Ressurreição de Bárbara”, no qual Bueno de Rivera (1969) ilustra a relação de mãe e filha como mais forte que a morte, e *Cartas Chilenas*, que a ela se refere como formosa em sua maternidade. O ser poeta também se constitui sob a figura de sua maternidade, como nos versos atribuídos a sua autoria: “Amada filha, é já chegado dia” e “Conselhos a meus filhos”.

No livro de Sebastião Martins (1990), a maternidade de Bárbara se estende aos pais, pois ao auxiliá-los na velhice, a personagem Bárbara Eliodora diz: “Sou agora mãe dos meus próprios pais” (p.199). Ele ainda associa Bárbara Eliodora à mãe protetora dos escravos, pois quando narra o sequestro de seus bens, narra que eles “se juntaram, assustados, às costas de Bárbara, procurando proteção, e ela estendeu os braços, formando uma barreira” (p.196). Os dois exemplos demonstram a construção maternal de Bárbara Eliodora, pois o cuidar dos pais, como na doença ou na velhice, é natural aos filhos e proteger escravos, talvez seja uma atitude para se assegurar um bem e não altruísta, considerando-se o contexto da época <sup>73</sup>.

Há homenagens que aludem à figura maternal de Bárbara Eliodora, como a Maternidade Bárbara Eliodora, no Acre, mencionada no segundo capítulo <sup>74</sup>, em cuja fachada existe uma escultura em bronze de uma gestante obesa.

---

<sup>73</sup> Ressalta-se que a Inconfidência foi um movimento no qual a libertação de escravos não estava entre os objetivos.

<sup>74</sup> Em “2.3 Entre a história e estórias, a ‘Bárbara’ bordada na memória”.



Figura 12 <sup>75</sup>: Estátua Vida-“A linda gordinha da Maternidade”

A estátua alude ao ato de dar à luz, por isso seu nome é “Vida”, e interessa destacá-la, pois se localiza em frente a uma maternidade que tem o nome de Bárbara Eliodora. Embora não seja possível afirmar que a escultura da artista Eliana Kertesz retrate a mãe “inconfidente”, a referência é óbvia <sup>76</sup>. Não é contraditório refletir que “Vida” lembra “Vênus de Willendorf”, uma estátua que representa a beleza idealizada no contexto pré-histórico, época em que se associava o belo à fertilidade. Isso justifica, em parte, a corpulência de “Vida”, em especial nos seios, na barriga e no quadril.

---

<sup>75</sup> PAULO MATIAS BLOG. A linda gordinha da Maternidade. Foto de Tião Vítor. Disponível em: <<http://paulomatias.wordpress.com/2010/04/14/a-linda-gordinha-da-maternidade/>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

<sup>76</sup> Realmente a maternidade se refere Barbara Eliodora da Inconfidência, pois há dentro dela painéis com as representações conhecidas de Barbara Eliodora, como a pintura de Carlos Ayres, tendo ao fundo a casa na qual viveu em São João del Rei.



Figura 13<sup>77</sup>: Venus de Willendorf.

Contudo, a figura maternal que a estátua retrata, está longe da lembrança que a maternidade homenageia, e, na atualidade, em que se prega outro ideal de beleza, choca o olhar de muitos indivíduos, como explícito na reportagem “A linda gordinha da Maternidade” (2010), postada em *blog*<sup>78</sup>:

Faz uma semana que escuto reclamações sobre a estátua instalada na frente da Maternidade Bárbara Heliadora. Disseram que ela era obesa demais, que lembrava a ogro Fiona, enamorada de Shrek do cinema, que era feia, parideira por estar com um suposto filho no ombro e outro na barriga e que era um despautério do governo do Estado instalar tamanha monstruosidade em frente ao sagrado local onde as mulheres acreanas vão para parir seus rebentos.

Outros questionamentos dizem que uma mulher como aquela, com peso acima do “ideal”, não seria um bom exemplo para as acreanas, que ela é candidata às doenças perigosas para uma boa gestação, como a hipertensão, eclampsia, entre outras (MATIAS, 2010, não paginado).

A reportagem defende a arte e menciona que “é viva e leva consigo outra alegre vida ao ombro e mais uma em seu ventre. Ela representa uma das tantas belas mães do nosso Acre e – por que não dizer – da Amazônia” (MATIAS, 2010, não paginado). Nesse texto, em defesa da “Vida”, são discutidas críticas acerca da estátua, as quais são atribuídas

---

<sup>77</sup> Reprodução fotográfica da estátua de Venus de Willendorf, que está no Museu de Historia Natural de Viena, na Áustria. In: VENUS DE WILLENDORF. In: *El art prehistorico*. Disponível em: <<http://thales.cica.es/rd/Recursos/rd98/HisArtLit/01/artepreh.htm>> Acesso em 10 dez. 2013.

<sup>78</sup> A referência desse texto, postado no blog de Paulo Matias, é de Tião Vitor em <<http://www.tiaovitor.com/>>. Na impossibilidade de se acessar o site pelo link apresentado, optou-se por usar como fonte o *blog* de Matias, sem o *apud*. E embora desconhecidas, essas fontes corroboram a construção de Bárbara Eliadora no imaginário coletivo.

principalmente a mulheres. Porém, elas se demonstram vítimas e algozes de um sistema opressor que as domina e faz com que reproduzam as formas de dominação a que estão sujeitas. Elas justificam suas posturas alegando o fator saúde, que obviamente é importante, mas parece destoar do enredo no linguajar das mesmas, que visualizam, na obra artística, a “ogro Fiona”. Recordada tão longe do estado no qual estourou a Conjuração, essa estátua é uma forte alusão à Bárbara Eliodora como mãe, e cuja beleza foi reforçada não mais pelo físico, mas por seu lado maternal, ao representar força e proteção.

Nas figuras de esposa e mãe, o heroísmo de Bárbara Eliodora aparece construído por um contexto misógino, de dominação, que a adéqua a um discurso bastante “servil às potências da ordem” (FOUCAULT, 2007, p.62). Michel Foucault explica que a sexualidade foi colocada em discurso, o qual se inseriu na organização da vida e, principalmente, dos campos do poder. Assim, pode-se ler a moralidade construída na vida de Bárbara Eliodora como um discurso do sexo, em que Bárbara Eliodora, abraçada pelo sistema patriarcal, torna-se numa visão paradigmática, utilizando as palavras de Gilbert e Gubar (2000): uma “obra de mármore do patriarcado” (p.41) <sup>79</sup>.

A lembrança de Bárbara Eliodora foi construída como a da mocinha que se torna heroína, cujo feito consiste no seu papel de mulher desenvolvido, ou rememorado, em conformidade com o sistema patriarcal. Um reflexo desse heroísmo que se entrelaça ao feminino é a publicação de um Projeto de Lei, no *Diário Oficial do Estado de Minas Gerais*, em 19 de abril de 2007 (p.16)<sup>80</sup>, que instituiu a Medalha de Honra ao Mérito Bárbara Eliodora <sup>81</sup>. Segundo os envolvidos nesse projeto, a distribuição da medalha é uma homenagem anual que seria entregue no Dia da Mulher a dez mulheres que se destacaram em algum serviço ao Estado, e para isso, a mais adequada figura, seria a de Bárbara Eliodora, aquela que teria sido um marco na Conjuração Mineira.

Na memória sobre Bárbara Eliodora há uma aparente tentativa de se levantar uma imagem de heroína que não fosse lembrada por uma identidade fixa, mas híbrida e múltipla, que representasse várias em uma única: a do feminino. Em “Interpretando o gênero”, Linda Nicholson (2000) reflete a questão do gênero e aponta, em diversos estudos feministas, que o mesmo se divide entre “socialmente construído, em oposição ao que é biologicamente dado” (p.9). No entanto, ela esclarece que o gênero, embora um construto social, não pode ser compreendido de modo indiferente à perspectiva biológica, porque a elaboração dos sexos é

---

<sup>79</sup> Traduzido por mim do original: *patriarchy's marble opus*.

<sup>80</sup> *Legislativo*, aprovação do Projeto de Lei 527/07.

<sup>81</sup> Não é a mesma medalha do ano de 1969, decretada no Sesquicentenário de seu falecimento.

reforçada por fatores como esse. No caso do feminino, o lado físico se insere em sua constituição, o que se torna evidente na maternidade, por exemplo. É por uma capacidade biológica que a mulher se torna mãe, o que lhe permite ser lida socialmente como tal. À vista disso, o feminino não pode ser definido por “uma característica específica, mas através da elaboração de uma complexa rede de características” (p.34-35).

A imagem de Heroína da Inconfidência abrange vários tipos de feminino: a virgem desejada e a mulher sensual, a senhora aristocrática e a escrava, a branca e a negra. Outros aspectos de sua imagem, por exemplo, a sã e a louca, a culta e inculta, corroboram a constituição de diferentes faces de Bárbara Eliodora, as quais parecem misturar aspectos de anjo e monstro, compondo uma imagem idealizada. A associação de tantas características distintas na mesma figura aponta para o “Esquema Sinóptico das Oposições Pertinentes”, com o qual Bourdieu (2007), afirma que a sociedade está dividida em oposições homólogas (alto/baixo, seco/úmido, duro/mole, etc.). Este jogo duplo de binarismos marca as atividades humanas, sexuais e outras, sob duas variantes, superior e inferior, nas quais homem e mulher assim são vistos, respectivamente. O reforço de caracteres opostos do feminino de Bárbara Eliodora não parece relegar a sua figura à marginalidade, mas legitimá-la, entre traços de dominante e dominado, no sistema patriarcal.

Na cena do heroísmo, na qual por um gesto altruísta Bárbara Eliodora se abstém de um marido e de um pai para os filhos em prol de uma convicção política, ela parece, sob o olhar patriarcal, trocar de papel com o marido e assumir uma postura racional, relegando à lembrança de Alvarenga Peixoto a marca da emotividade. Todavia, essa recordação reforça uma imagem elaborada sobre Barbara Eliodora, principalmente ao olhar misógino, o qual atribui a razão ao homem e a emoção à mulher. Nesse contexto, Sebastião Martins (1990), por exemplo, escreve Bárbara Eliodora como possuidora de grande força psicológica, principalmente ao se impor aos familiares e a outros indivíduos. Uma de suas colocações é o “relato” de que após a prisão de Alvarenga Peixoto, o Tenente Dias Coelho, seu inimigo, invadiu a residência do “Doutor surdo”, pai de Bárbara Eliodora, com intenção de estuprá-la.

Na história, Martins narra que ao entrar no quarto dela, eis que “Bárbara, vestida com longa camisa negra, tinha na mão uma faca cravejada de diamantes, bela e delicada, mas capaz de muitas perversidades, e lhe deu ordens para sair de sua presença” (p.185), ao que ele se afastou envergonhado. Nessa descrição, Bárbara Eliodora está usando uma camisa, não um vestido ou camisola, o que seria mais condizente com uma mulher da época, e porta uma faca, a qual se enfatiza como trabalhada e bela. Esse texto, assim como outras fontes, demonstra



cuidado ao se bordar a imagem de uma heroína que é “masculinizada”, mas não perde atributos “femininos”. Não foi encontrado outro material que mencionasse a ocorrência desse episódio. Porém, isso exemplifica que Bárbara Eliodora é lembrada como possuidora de uma força moral que faz sua vontade ser respeitada, o que endossa sua imagem de heroína que intimidou o marido.

Ambos os valores, masculinos e femininos, a ela atribuídos pelo sistema patriarcal, descrevem um heroísmo, que, paradoxalmente, a aproxima de homens. “Os sentidos, a atribuição de significados e valores dos corpos (e de partes dos corpos) mudam através do tempo e das comunidades” (NICHOLSON, 2000, p.17), e sob essa perspectiva é importante pensar a desconstrução de Bárbara Eliodora pelo lado positivista da releitura republicana da Inconfidência. O Positivismo, que enfatizava a família e a mulher, buscou construir uma figura de um feminino idealizado no cenário nacional. Sendo a Conjuração lida como nacionalista, obviamente alguma mulher deveria ser destacada e no caso, foi Bárbara Eliodora, esposa de um dos participantes e musa de poemas.

Nessa leitura se acentua outra fonte bastante encomiástica, um livro escrito por um general do exército, Carlos Augusto de Campos, em 1917: *As heroínas do Brasil: perfis biographicos da história militar do Brasil*. Ao construir uma história militar para o país, ele destaca diversas mulheres na memória do Brasil, como Anita Garibaldi e Ana Neri, e as define como heroínas. Ao mencionar Bárbara Eliodora, Campos distingue, entre elogios, a relevância do seu heroísmo, pois ela teria sido “a primeira figura de mulher que surge, em nossa história, numa insurreição puramente republicana” (p.319), a Conjuração Mineira. Relevante essa opinião, porque é caracteristicamente uma fala misógina, pois afirma que o ato heroico não precisa ser relacionado à força ou à coragem, o que seria próprio, segundo ele, do homem:

Uma heroína não se faz nem se inventa. O conjunto de sentimentos que produz o denodo, a bravura e o valor patriótico numa mulher que não tem a educação cívica precisa, nasce nella espontaneamente e é isso a causa eficiente do sucesso e da admiração de todos (p.11).

A fala do militar é uma dentre tantas que buscam elaborar o heroísmo de Bárbara Eliodora em meio à complexidade do processo de dominação masculina. Na ausência de confirmações sobre um ato que pudesse ser pensado como heroico, ele é levado a endossar o lado servil desse feminino, enquanto outros buscam caracterizá-la com aspectos considerados exclusivamente masculinos, como a coragem. Assim, a memória sobre a Heroína da Inconfidência Mineira aparece como (in)dócil ao meio patriarcal. “Mulher varonil foi Bárbara,

em todo o sentido” (LEITE, 1964, p.27), inclusive sendo mulher. José Murilo de Carvalho (1990) explica que o processo de construção heroica é a transformação da pessoa real em um estereótipo para o coletivo” (p.14), mas no caso de Bárbara Eliodora, há obviamente uma construção sobreposta à outra: um herói construído sobre uma mulher. E a linguagem sobre esse feminino, paradoxalmente posta em discurso em um contexto misógino, aparece manipulada de forma positivista em função de um nacionalismo brasileiro, como uma representação feminina ao lado de Tiradentes.

### **3.3 Bárbara Eliodora: nós em um enredo nacional**

#### **3.3.1 Uma memória tecida nacionalmente**

“Bárbara estêve totalmente esquecida até da própria família, (...) Entretanto, de certo tempo para cá se vai lembrando mais de sua pessoa”, é o que menciona Aureliano Leite no SLMG (1969, p.6). Esquecimento e lembrança são duas noções que se evocam mutuamente, uma pressupõe a outra: é necessário se esquecer para se lembrar e só é possível lembrar de algo que se esqueceu. Refletir sobre essas questões implica questionar a seleção entre o que é “esquecido” e “lembrado” e a conjuntura na qual se realiza esse processo memorialístico.

O impacto da tentativa de traição dos inconfidentes à metrópole portuguesa fez com que não somente Bárbara Eliodora e seus familiares fossem esquecidos, mas os parentes de outros conjurados. É evidente que naquele momento histórico, e por muito tempo, o ato de conspirar contra a coroa portuguesa foi lido pejorativamente como uma inconfidência e por isso apagado. Entretanto, em uma releitura feita pelos republicanos, em um período que se objetivava construir um sentimento nacionalista no Brasil, a Conjuração foi lembrada pelo mesmo motivo, por ter sido uma inconfidência contra a monarquia. “Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas (LE GOFF, 1990, p.426).”. E quando a Inconfidência Mineira deixa de ser uma infidelidade a Portugal e se torna um ato de fidelidade à nação Brasil, rememoraram figuras do levante em prol do nacionalismo, como Tiradentes e Bárbara Eliodora.

No Brasil, por ter um território geográfico de grande extensão, laços que permitem identificação nacional são mais difíceis de encontrar, haja vista que o processo histórico não favoreceu o desenvolvimento intenso de um sentimento nacional. Isso ocorreu porque diferentemente de locais como França, em que a Revolução Francesa ocasionou a deposição

monárquica, e Estados Unidos, onde houve a Revolução Americana que resultou na independência das treze colônias da Inglaterra, o Brasil não tem uma memória de luta pela nação. O processo de independência brasileira foi realizado por um membro da coroa portuguesa, e sem participação popular, o que desfavorece a percepção de um nacionalismo acentuado nos indivíduos. Porém, sendo a memória construída e a nação inventada, “recordações” podem ser construídas entre os laços nacionalistas no Brasil.

A intelectualidade desenvolveu uma expressão nacional, principalmente no meio literário, como a literatura romântica e a modernista. O romantismo focalizou, em sua primeira geração, tanto na prosa quanto na poesia, um sentimento nativista que ressalta a terra, os índios etc. Há, por exemplo, o poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias (1843), e *Iracema*, de José de Alencar (1865). Ambas as obras, destacando o elemento indígena e a miscigenação, bem como a natureza, apresentam de forma ufânica o Brasil como um país idílico. Esses escritos são fruto, obviamente, de um contexto republicano, pós- independência, que constrói e/ou aprimora um imaginário nacional brasileiro. No início do século XX, movimentos artísticos de vanguarda, principalmente na literatura modernista, apontaram a necessidade de se caracterizar uma nação como brasileira, o que poderia ser realizado pela busca de uma raiz nacionalista. O Manifesto Antropofágico, de Oswald de Andrade (1928), discute a dependência cultural. Na obra, é desenvolvida a necessidade de se ingerir o ideário e misturá-lo a valores locais.

Um forte sentimento nacional é perceptível na década de sessenta, mais precisamente no contexto político da ditadura, instaurado em 1964. Nessa época, o Brasil vivenciou um sentimento nacionalista, em diversos meios, como artes e política, entre eles: na inauguração da cidade de Brasília, em 21 de abril de 1960, e no reconhecimento da Música Popular Brasileira, que surgiu como expressão contra o sistema militar vigente. Entre suas várias expressões, o sentimento nacionalista parece se manifestar mais no Brasil sob o anticolonialismo, o que se verifica na releitura da Inconfidência Mineira pelos republicanos ou sua retomada, sob a mesma perspectiva, na Ditadura Militar. Em um tempo no qual se buscava viver o nacionalismo, Bárbara Eliodora foi lembrada não só como alguém que viveu no período da Conjuração de Minas, mas como heroína. E isso é notável até em falas que cultuam Bárbara Eliodora, por exemplo, em uma de 1969, na época do Sesquicentenário, segundo a qual “O momento histórico que atravessamos é propício à evocação dos nossos grandes símbolos” (BRANDÃO, 1969, p.8).

Sabendo-se que a crença no herói acaba sendo um produto do meio-sócio-histórico-cultural e até mesmo ideológico e pode ser (des)construída, a escolha de heróis no processo de afirmação da nacionalidade brasileira, como na releitura da Inconfidência, caracteriza como uma tentativa de se implementar um elo nacional. Lendo-se a figura heroica enquanto parte do construto das tradições nacionalistas, reflete-se que o herói se torna, ao se emprestar as palavras de Michel Pollak (1989, p.3), “uma memória também, que, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais”.

Há que lembrar, de acordo com Hobsbawm (1991), que a existência de um “patriotismo popular” acontece, principalmente, através da ênfase a ícones, religiosos, culturais etc., com os quais é possível se distinguir enquanto pertencente a determinada nacionalidade. Entre esses símbolos pode se destacar o herói e nesse sentido, enfatizar uma leitura de Bárbara Eliodora como heroína da Inconfidência Mineira.

“Os indivíduos que compõem uma sociedade sentem quase sempre a necessidade de ter antepassados; é esta uma das funções dos grandes homens (...) a história é uma mudança orientada” (LE GOFF, 1990, p.213). Dessa forma, o esquecimento e a lembrança de Bárbara Eliodora não resultam somente de questões temporais, mas do contexto histórico em que esteve inserida: uma inconfidência contra a monarquia portuguesa. Pois, no desejo de se constituir uma nação brasileira, muitos fatos são (a)bordados nesse tecido nacional, como a Conjuração e os indivíduos que (in)diretamente a ela se relacionaram, como Tiradentes, e sob sua esteira Bárbara Eliodora.

Embora o heroísmo de Bárbara Eliodora seja ligado à postura de Alvarenga Peixoto nos depoimentos da Devassa, em muitos aspectos se percebem traços que remontam à figura do alferes. Até seu nome, Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira, aparece questionado, através da inclusão de um “Xavier”, como sendo possivelmente “Bárbara Francisca Xavier da Silveira” ou “Ana Bárbara Francisca Xavier da Silveira” (ALVARENGA, 1954, p.493). Embora a questão seja interessante, haja vista que é um “Xavier” cuja procedência não se explica, deve-se enfatizar que a construção do heroísmo de Bárbara Eliodora se relaciona à do alferes, principalmente pela morte. Um exemplo disso é a transcrição de Aureliano Leite (1969, p.6), do poema “O Aclamado”, do uruguaio Rodrigues Fabregat, que parece um hino à figura de Bárbara Eliodora enquanto heroína da Inconfidência:

e esta outra (...); que traz em suas mãos uma bandeira nova e alça sobre multidões estremecidas; que traz em sua mensagem um desejo de liberdade, um credo republicano que, com ele sobe até a cúpula de seu calvário e da história: que junto às

minas de ouro das rapinas imperiais, fala com voz de brasileira (...) esta, de Vila Rica, em Minas Gerais companheira da inconfidência revolucionária (...) esta mulher do novo mundo - oh, mãe epopéia do Novo Mundo!- cravada em seu madeiro de sacrificio com quatro cravos ardentes de Cruzeiro do Sul... Bárbara Heliodora.<sup>82</sup>

Nesse trecho, retirado de uma das publicações do SLMG, percebe-se uma alusão óbvia ao quadro de Delacroix (1830): “Liberdade guiando o povo”, no qual uma mulher que carrega entre multidões um desejo, republicano, de liberdade. Os versos parecem uma descrição da obra, só que a Marianne é apresentada sob o nome “Bárbara Heliodora”, a “mulher do novo mundo”, que apresenta “um credo republicano” com “voz de brasileira”. Nota-se um vocabulário que evoca termos religiosos, como “calvário” e “cravada em um madeiro”, os quais aproximam a construção de nacionalista de Bárbara Eliodora da releitura cristã que os republicanos fizeram do “martírio” de Tiradentes. Todavia existem outros materiais que fazem referências “religiosas”, nesse contexto republicano, à Bárbara Eliodora, como um trecho no SLMG, que menciona como ela foi “arrastada impiedosamente na *via crucis* da desgraça irreparável” (BRANDÃO, 1969, p.6). Pode-se mencionar a visita a seu túmulo na Matriz de São Gonçalo do Sapucaí pelo padre Almir Rezende Aquino, o qual alegou que o ato era como uma peregrinação<sup>83</sup>.

Embora não tenha sido assassinada no desfecho da conspiração mineira, como Tiradentes o foi, há a caracterização da vida de Bárbara Eliodora enquanto um martírio. Diferentemente do que aconteceu com o alferes, o sacrifício vital de Bárbara Eliodora é constituído em torno de ser uma vítima em decorrência do fim que teve a Conjuração, e por isso perde sua vida: dinheiro, círculo social favorável, cônjuge, filhos etc. No sesquicentenário de seu falecimento, Bárbara Eliodora foi ressaltada não apenas por comparações diretas à lembrança do alferes, mas pela leitura de sua morte como digna de ser celebrada de forma nacionalista. Ao se ler sobre a programação para o 24 de maio de 1969, percebe-se como ela se assemelhara a uma comemoração cívica, às homenagens direcionadas ao alferes Tiradentes, eleito herói e patrono da nação brasileira.

---

<sup>82</sup> Tradução feita por mim do original: ... y esta otra (...); que tae en sus manos una bandiera nueva (*Libertas quae sera tamen*) y la alza sobre las multitudes estremecidas, que trae en sua mesaje un anhelo libertador, un credo republicano y com elles sube hasta la cumbre más alta de su Calvario y de la História; que junto a las minas de oro de las rapiñas imperiales habia com la voz de la brasileira (...); ésta de Villa Rica, en Monas Gerais, compañera de los Inconfidentes Revolucionários en la siembra heroica de 1789 y en muerte mártir; ésta es mujer del Nuevo Mundo, - oh Madres de la epopeya del Nuevo Mundo, clavada en su madero con quatro clavos ardientes de la Cruz del Sur ... Bárbara Heliodora.

<sup>83</sup> Informação constante na publicação de Paulo Amador (1969): “Não há cinzas, guardem a chama de Heliodora”, um dos recortes jornalísticos constantes no do 3º, *Livro de Tombo*, do ano 1969, da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, em São João del-Rei, p.31.

Muitas são as referências que caracterizam Bárbara Eliodora como uma mulher de destaque para essa nação, relacionando-a a um contexto cívico. Aureliano Leite, no *Estado de São Paulo* em 1963 e, novamente, no SLMG, em 1969, ressalta “seu heroísmo cívico que nunca falhou ao lado da causa da sonhada independência, aos pés da qual sacrificou tudo (...) pela emancipação política da pátria” (LEITE, 1969, p.6). Ressalta-se, no texto de Aureliano Leite, o termo independência, que ele usa ao invés de Inconfidência, afinal a leitura corrente de Tiradentes, na memória da Conjuração, é de que ele foi elevado a herói da Independência. A menção a uma Bárbara Eliodora nesse contexto aparece em diferentes épocas, seja na fala do General Campos em 1917 como a “Heróina da Independência” (p.330) ou na transcrição do discurso de posse de João de Scantimburgo (2012) na Academia Paulista de Letras em 1977, como: “A formosa moça, que viria a participar da conspiração para a independência do Brasil, partilhando com o marido e seus companheiros os riscos da grande aventura”<sup>84</sup>.

Considerando que “a memória coletiva é um quadro de analogias” (HALBWACHS, 1990, p.88), pode-se considerar que a memória heroica sobre Bárbara Eliodora foi constituída sob a do herói inconfidente, como uma representação feminina do mesmo. Afinal, a “história de cada nação é apresentada à sua juventude em termos de explorações dos grandes indivíduos - míticos ou reais” (HOOK, 1962, p.15), o que se reflete em Tiradentes, e, por conseguinte, em Bárbara Eliodora. Nesse contexto, os aparatos que buscaram naturalizar a invenção da nação e foram lembrados nas pessoas através de comemorações, como o “21 de abril”, por exemplo, se repetiram em “24 de maio”, no Sesquicentenário de Falecimento de Bárbara Eliodora. Seria a memória sobre Bárbara Eliodora uma tradição inventada na construção nacionalista brasileira?

### **3.3.2 Pontos abertos à discussão**

A releitura da Inconfidência Mineira em um momento em que se buscava enfatizar o sentimento nacional, inclusive, elegendo um herói e patrono, justifica a manipulação de referências à Bárbara Eliodora em função de um discurso nacionalista. José Murilo de Carvalho (1990) expõe que há todo um trabalho de adaptar o feminino enquanto alegoria para a nação brasileira. Esse historiador explica, como mencionado anteriormente, a dificuldade republicana em se construir uma alegoria feminina para o Brasil. Diferentemente de outros locais, onde a monarquia era representada na figura de um homem e poderia ser contraposta

---

<sup>84</sup> Não paginado.

por uma República na imagem feminina, a coroa portuguesa estava centralizada em uma mulher. Assim, houve

a tentativa de anular a figura de Isabel, mostrando-a como simples joguete nas mãos do conde D'eu. Ao mesmo tempo, uma campanha sistemática foi montada para desmoralizar o conde. Em São Paulo, um jornal humorístico republicano foi fundado com essa finalidade. (...) O fato do conde ser francês só facilitava a tarefa de identificá-lo com o Antigo Regime. Silva Jardim não hesitou mesmo em propor para ele o destino que a Revolução reservara para Luis XVI. Abria-se, assim, o caminho para a apropriação republicana da imagem feminina (CARVALHO, 1990, p.79).

Bárbara Eliodora foi construída como forte e corajosa, aquela que em meio aos conjurados insurge contra Maria I de Portugal, “Dona Maria, a Louca”. A “inconfidente” levanta-se contra o meio misógino ao contradizer o pensamento do marido e “impedi-lo”, inicialmente, de delatar os companheiros de conjuração. Essa mulher é evocada em um imaginário nacional, como quem se revolta não contra a Princesa Isabel, considerada um fantoche do conde francês, mas contra o marido dela, cuja lembrança representa tanto o colonizador europeu, quanto o sistema patriarcal.

A estreita fronteira entre feminino e nação no Brasil é bastante tênue e aparece explorada em diversos modos, como artísticos. Um exemplo a ser mencionado é o quadro *A Pátria*, do artista positivista Pedro Bruno (1909). Essa obra, que se encontra no Museu da República, apresenta um grupo de mulheres de diferentes idades que participam da costura da bandeira brasileira, ao mesmo tempo em que cuidam de crianças, amamentando-as, oferecendo-lhes colo ou observando-as. Na pintura, o feminino se destaca na figura da mãe, que através do cuidado que direciona às crianças, parece ensinar-lhes o zelo pela Pátria. Uma delas está com um bebê no colo e no chão há outro. Ambos estão cobertos, envolvidos, por parte da bandeira brasileira que as personagens costuram. Também há uma menininha, futura construtora de um sentimento nacional. Ela segura com carinho a bandeira.

Além disso, as personagens se inserem em um contexto simbólico maior, pois há na tela a fabricação de um símbolo nacional em um ambiente que contém uma imagem religiosa e quadros que reproduzem Marechal Deodoro e de Tiradentes. De forma que, *A Pátria* evidencia o trabalho de um positivista na construção da República brasileira, haja vista os elementos usados na composição da obra: a figura feminina entre referências ao meio religioso junto ao político. Observam-se alguns argumentos sobre a pintura em “A *Pátria* escreve as mulheres”, quinto capítulo de *A República em Folhetim: A Pátria Mineira formando almas*, de Maria Ângela de Araújo Resende (2005).

Em sua tese, Resende discute, através do periódico *Pátria Mineira*, aspectos da formação nacional brasileira pelo viés republicano. A partir do quadro de Pedro Bruno, ela desenvolve, embasada pela leitura de José Murilo de Carvalho (1990), que “a natureza dessa iconografia, entre outras, ratifica os discursos que nortearam e consolidaram a formação do imaginário da nascente sociedade republicana, calcados em estrutura básica de um sistema moralizante” (p.166). Ao discutir a tela *Pátria*, Maria Ângela Resende destaca o embasamento positivista da obra, presente em aspectos como a ênfase ao meio familiar, à mulher e a valores patrióticos. É nesse sentido que se percebe o papel que se atribui ao feminino na construção da nação através de símbolos patrióticos, como a bandeira. Embora a compreensão de pátria e nação sejam diferentes, visto que a primeira se refere mais propriamente a um espaço geográfico, no caso país, e a segunda é uma construção imaginada, ambas noções se confundem, principalmente ao se pensar em um país, por exemplo, o Brasil.

Na obra do positivista Bruno, a grande ênfase ao feminino se encontra no papel de mãe. “Para Comte, a pátria perfeita deveria ter como característica os dons femininos do sentimento e do amor. A boa pátria deveria ser a mátria. Pátria ou mátria?” (RESENDE, 2005, p.166). Por esse viés de discussão, cabe mencionar “A mulher e o sonho da nação: Políticas de gênero em o *Mentor das Brasileiras*”, de Adelaine LaGuardia (2007). Nesse texto, LaGuardia afirma que as representações da mulher, no referido jornal, demonstram um feminino arquitetado em prol de um sentimento nacional

LaGuardia enfatiza o perfil de mulheres apresentado pelo *Mentor das Brasileiras*, como sendo “mãe dos novos homens e guardiãs da vida privada” (p.44.), estando sujeitas ao meio doméstico e à família. Ela explica que o mencionado periódico manipulava a colocação de um feminino sob a perspectiva patriarcal, através de exemplos, como “o bello sexo, o brando sexo, o sexo amável, o sexo das graças, o mellindroso sexo, o sexo engraçado ou o sexo delicado” (p.53). Esse estereótipo aparece no jornal sob um tom didático, o que é nítido na abordagem do edital da primeira edição, que menciona o desejo de se “aprimorar a educação e a formação das mentes femininas” (p.50). Reflete-se que o papel divulgado e ensinado sobre o feminino foi apreendido por ambos os sexos, através de um processo de “dominação masculina” (BOURDIEU, 2007), e aplicado em diversos contextos sociais, como a formação de um sentimento nacional. Nesse sentido,

reconhecidas como o “fundamento da sociedade humana”, as mulheres, ao serem instruídas, contribuem para o “bem geral da nação”, pois são elas as responsáveis pela formação da futura elite brasileira. Assim, a participação do feminino nos destinos da “pátria” independente que trilha o caminho das demais nações



civilizadas se liga primordialmente as suas funções enquanto esposa e mãe (LAGUARDIA, 2007, p.51).

O Positivismo destacou a mulher no meio doméstico e familiar, relegando a ela uma atitude passiva socialmente. Embora tivesse “uma educação política apenas ornamental” (p.59), esse feminino foi elaborado como mátria (RESENDE, 2005, p.166), mãe de uma nação patriótica. Um exemplo, LaGuardia menciona, é que em trechos do *Mentor das Brasileiras* a mulher aparece como detentora de um poder de influência sobre homens, cidadãos, incentivando-os a lutarem pela nação.

As reflexões de LaGuardia acerca do periódico não são exclusivas ao mesmo, mas um reflexo do papel que se relegou ao feminino no processo de formação nacional. Todavia, nesse contexto que parece atribuir à mulher um papel ativo socialmente há um encobrimento da mesma, pois o feminino não se destaca por si próprio, mas resulta de uma produção do sistema patriarcal. Assim, podem-se considerar as alusões à Bárbara Eliodora enquanto um feminino construído sob uma perspectiva nacionalista no Brasil, porque essa “inconfidente”, a estrela que saberia guiar o destino do marido, como ele escreveu em “Bárbara Bella”, foi lembrada como patrícia em uma mátria brasileira.

Evidenciam-se em uma memória sobre Bárbara Eliodora referências, obviamente de cunho positivista, que a descrevem de modo religioso e cívico, como: “Evoco-a religiosamente, neste ambiente respeitável, onde (...) corações brasileiros batem alvoroçados! Curvemo-nos com veneração e ternura diante da memória da grande heroína” (BRANDÃO, 1969, p.8). Ou, como a sinopse do livro de Sebastião Martins (1990), sobre a história de Bárbara Eliodora, que menciona na contracapa: “Quando o leitor chegar à última página desse livro, certamente compreenderá melhor os seus próprios sentimentos, a sua própria humanidade e até mesmo o seu país”.

Um cartum da *Semana Illustrada* (1865) demonstra isso. O desenho reproduzido por José Murilo de Carvalho (2005),

representa um voluntário despedindo-se da mãe que lhe entrega um escudo com as armas nacionais e o adverte, a exemplo das mães espartanas, que deve voltar da guerra carregando o escudo ou carregado em cima dele. Baseado aparentemente em episódio real (a mãe é dona Bárbara, “a espartana de Minas Gerais”), o cartum revela um civismo que transcende a lealdade doméstica. O texto que circunda o quadro não deixa dúvida, é o verso do hino da Independência: “Ou ficar à pátria livre ou morrer pelo Brasil” (p.247).

Embora esse seja um exemplo do historiador ao tratar de imagens femininas para a nação, não é possível discernir qual seria o episódio real e o porquê da interpretação de José

Murilo de Carvalho, que provavelmente se refere à Bárbara Eliodora. Uma mulher chamada Bárbara, sendo “a espartana de Minas Gerais”, é uma alusão clara à figura de Bárbara Eliodora, que, no entanto, não é desenvolvida em seu livro, apenas consta nas ilustrações do contexto. Não há na lembrança sobre Bárbara Eliodora algum fato em que no qual conste que tenha exortado, especificamente, a algum filho para que o mesmo tomasse uma atitude a favor da nação brasileira. Pelo contrário, em um dos poemas a ela atribuídos, “Conselhos a meus filhos”, um dos versos é voltado para o respeito que se deve ter para com a monarquia.



Figura 14<sup>85</sup>: Escudo de armas nacionais ao "filho"

<sup>85</sup> CARVALHO, José Murilo de. Brasil: nações imaginadas. *Pontos e bordados*- Escritos de história e política, 2005, p.292. Os dizeres no desenho são "Ou ficar a Pátria livre, Ou morrer pelo Brasil" e a legenda é "D. BÁRBARA, spartana de Minas-Geraes. 'Meu filho- toma este escudo; volta com elle ou volta sobre elle!'"

Assim, Bárbara Eliodora é lembrada como pertencente ao grupo daqueles que “na sua terra natal ensinaram civismo aos homens, mostraram como deveriam comportar-se na conjuntura por que vem passando a nação brasileira” (LEITE, 1964, p.27). Esse trecho, bastante laudatório, caracteriza uma das funções atribuídas a esse feminino, a de instruir e ensinar, como uma mãe, o valor da nação aos filhos que viviam esse momento nacionalista, assim como ela “fez”, primeiramente, a seu marido. A força de sua maternidade, principalmente nesse contexto nacionalista, apenas é sobrepujada por sua atuação patriótica, para a qual seu papel de mãe e esposa corrobora através de um construto republicano. Há outra citação, na qual Aureliano Leite aponta que, por seu ato, teria sacrificado a posição social, o casamento e a maternidade:

sacrificou tudo, o seu ardente amor pelo marido, o luxo e a abundância de sua casa sustentada pela escravaria negra (...), a paixão pela escadinha de filhos em que a mais velha era a menina moça Efigênia, o alto conceito social de sua família, tudo, tudo pela emancipação política da pátria (LEITE, 1969, p.6).

A rememoração encomiástica dela entre significantes de civismo, liberdade e Pátria aparece em textos que até lhe atribuem falas, por exemplo: “Esta é a minha terra, (...), este é o meu país, e nenhum português me fará renunciar à América e à liberdade” (MARTINS, 1990, p.190). Esse exemplo é bastante condizente, assim como o das mulheres de Pedro Bruno, que bordavam a Pátria, ou daquelas do *Mentor das Brasileiras*, de um feminino interpelado pelo sistema patriarcal na formação de almas nacionais. E por essa perspectiva, depreende-se uma manipulação memorialística na lembrança sobre Bárbara Eliodora.

“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 1990, p.476), ela mostra o construto de uma coletividade, em especial a nacional. No cultivo de um sentimento nacionalista se fomentam, em determinado grupo, lembranças que abordam um passado comum aos indivíduos, uma memória que possa se associar à gênese da comunidade e que faça seus membros se sentirem parte da mesma. É necessário edificar uma origem, para que os indivíduos possam manter o momento presente, o qual segundo Le Goff, é construído em relação ao passado. Nesse sentido, aspectos memorialísticos, na formação da sociedade, revelam o uso da memória enquanto “um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 1990, p.476).

Ao criticar a validade documental e o que representa, em termos históricos, Jacques Le Goff (1990) afirma que a história não pode ser lida de forma inocente, pois se desenvolve através de um construto, há “processos de manipulação que se manifestam em todos os níveis

da constituição do saber histórico” (p.11). Ele argumenta que a História pode ser compreendida de forma política, pois o desenvolvimento das sociedades acontece através de um desejo de mudanças, e que lembranças de fatos considerados relevantes são reflexos de uma escolha. “A memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e futuro” (p.477).

Ao retomar que a memória se desenvolve entre fatos vivenciados individualmente e de forma coletiva, conforme Michael Pollak (1992), destaca-se que a mesma interfere na construção de uma identidade social, e, conseqüentemente, nacional. Em outro texto, Pollak (1989) afirma que as rememorações acontecem entre enquadramentos e silenciamentos, como no caso das lembranças recalcadas sobre o holocausto. A memória se sobressai como uma construção social resultante de determinado contexto, pois reflete um jogo de interesses entre o que se lembra ou se esquece. E sob essa perspectiva, distingue-se o desenvolvimento de uma recordação comunitária da nacionalidade, como a lembrança de nomes e datas que um grupo de indivíduos considera relevante e, por isso, comemora.

Hugo Achugar (2006), em *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*, debate a questão nacional e desenvolve que os discursos, em geral, abordam o elo de indivíduos com o meio em que estão inseridos, e caracterizam, de certo modo, o construto nacionalista. Ele explana a relação entre memória e a constituição dos Estados-nação e questiona a insistência “na investigação de imaginários, escritas, festas, vozes, heróis e datas dos Estados-nação que começaram a surgir no hemisfério americano a partir do fim do século XX” (p.221). Achugar observa que os estudos memorialísticos, em diversas nações, “parecem indicar uma atração particular pela revisão do passado, ou pelo modo com que o passado e a tradição têm sido inventados e transmitidos” (p.238), e, por conseguinte, a memória se torna um enunciado que revela o meio em que foi escrito.

Através da memória, “o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p.423), assim, ao se desenvolver um nacionalismo no Brasil, destaca-se a Inconfidência como um bordado na memória brasileira, um acontecimento lembrado em detrimento de outros, esquecidos. Por serem discursos memorialísticos, os processos de construção heroica relacionam-se a necessidade de se “trazer à luz histórias maiores ou menores, desarmar relatos oficiais, narrar vidas e fatos que têm sido, na melhor das hipóteses, esquecidos, silenciados ou, simplesmente deformados” (ACHUGAR, 2006, p.222). De forma que, a vida de Bárbara Eliodora pode ser uma estória

narrada como história, ou o oposto. Na impossibilidade de se afirmar algo sobre essa “inconfidente”, restam apenas leituras que a memória permite fazer.

Entre meados do século XIX e XX, quando houve uma retomada da Inconfidência Mineira como memória da República no Brasil, recordaram Bárbara Eliodora, em especial, por participar da conjuração. Muitos são os pontos que a desenham na memória coletiva desse país, mas, principalmente, há ênfase ao se caracterizar sua imagem não apenas no espaço mineiro, mas no brasileiro. Esse aspecto pode ser observado, por exemplo, no seu local de nascimento ou ascendência, pois não foi encontrado registro de batismo e a memória apresenta vestígios em diferentes locais, deixando margens de que a mesma poderia não ser mineira, mas paulistana e até mesmo goiana.

Faz-se necessário destacar o jogo memorialístico de esquecimento e lembrança no qual seus pais aparecem inseridos. Enquanto o pai de Bárbara Eliodora, José Silveira e Souza, que era português, não teve sua origem afirmada em nenhum dos materiais encontrados, sobre ela, o que se pressupõe pela ausência de quaisquer referências significativas, a ascendência de sua mãe, brasileira, é bem informada. Muitos, como Domingos Carvalho da Silva (1970, p.175), afirmam que pelo lado materno Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira seria sexta-neta de Amador Bueno de Ribeira, “O Aclamado”, pois era bisneta do bandeirante paulistano Amador Bueno da Veiga.

Amador Bueno foi um capitão-mor no Brasil Colônia, ovacionado rei paulista, em 1641, em decorrência da Restauração da Independência portuguesa da Espanha, em 1640. Essa aclamação de um rei resultou da tentativa dos espanhóis, no Brasil, de se rebelarem contra o governo português, mas foi frustrada pelo próprio “Aclamado”, o qual saudou Dom João IV de Bragança, o então rei de Portugal. Outro Amador Bueno, seu bisneto, foi um dos que lideraram os paulistas na Guerra dos Emboabas (1707-1709), uma disputa pelo direito dos paulistas em explorar áreas auríferas por eles descobertas, as quais estavam sendo requisitadas por portugueses e outros habitantes do Brasil, chamados emboabas.

Ressalta-se que entre os irmãos de Bárbara Eliodora apenas Inácio José, assina em documento o sobrenome materno Bueno, mas a historiografia também atribui o uso desse registro a ela. Desse modo, o realce à família de sua mãe não pode ser lido somente pelo aspecto de se focalizar, pelo feminino, uma ascendência materna, mas pela inserção dessa recordação na memória de uma inconfidência brasileira. Ainda, através da genealogia da mãe de Bárbara Eliodora, observam-se traços de uma cor local na figura da filha, ao se enfatizar o elemento indígena em seu sangue, como confirma Domingos Carvalho da Silva (1970, p.176).

Explica-se que a família Bueno era descendente de indígenas da tribo dos Tupiniquins e, mais especificadamente do índio Piquerobi, inimigo dos portugueses que estavam no país. Seu maior atrito com os colonizadores foi o conflito que houve na Vila de Piratininga, atual cidade de São Paulo <sup>86</sup>, quando um de seus filhos atacou o local, em nove de julho de 1562, iniciando a Confederação dos Tamoios, movimento de resistência que reuniu várias tribos indígenas. Assim, à Bárbara Eliodora, filha de português e brasileira, a memória atribui não somente um heroísmo inconfidente, mas uma ascendência bandeirante e indígena. Ela incorpora todas as identidades que formam esse país: portuguesa, negra, indígena etc. Seja pelas ascendências materna e paterna, seja por um comportamento comparado ao das escravas, há uma ênfase em caracterizá-la como brasileira.

Nesse contexto, pode-se mencionar a capa do opúsculo dedicado à Bárbara Eliodora, feito no sesquicentenário de seu falecimento pela Igreja Catedral de São João del-Rei.

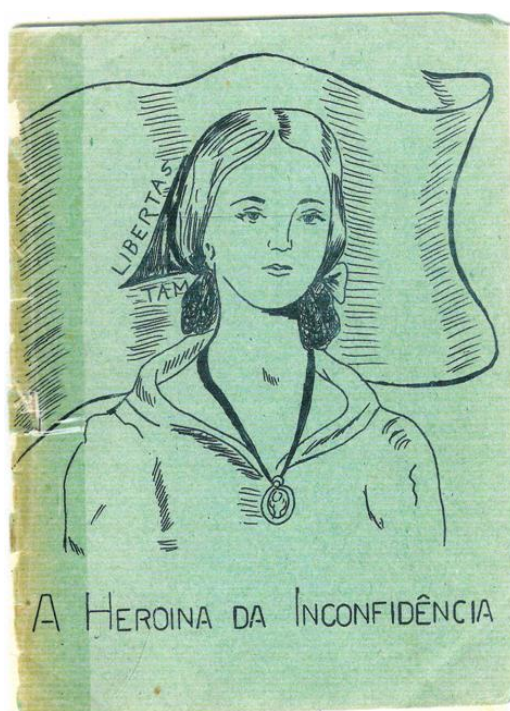


Figura 15: Opúsculo (capa)

Esse livreto apresenta em sua capa, de cor verde, aliás uma tonalidade que se remete à cor predominante na bandeira nacional, uma mensagem nacionalista: o desenho do busto de uma mulher, Bárbara Eliodora, à frente da bandeira mineira, deixando em destaque a palavra *libertas* (liberdade). No opúsculo, de autoria do então pároco Sebastião Paiva, distribuído às crianças são-joanenses em maio de 1969, por ocasião da comemoração dos 150 anos de morte

<sup>86</sup> PREZIA, Benedito. *A Guerra de Piratininga: Contra a Cruz e a Espada*, 1991.



de Bárbara Eliodora, percebe-se a ênfase na construção da figura heroica da “inconfidente”, por exemplo, nos trechos iniciais do livreto:

QUERIDAS CRIANÇAS,  
Fiz este livrinho para vocês.

Estas páginas mostrarão a vocês quem foi a “HEROÍNA DA INCONFIDÊNCIA” BÁRBARA ELEODORA GUILHERMINA DA SILVEIRA, de quem estamos comemorando, neste ano, os 150 anos de morte.

Espero que vocês, lendo-as e colorindo estas gravuras, gravem em seus corações os exemplos de u’a mãe cristã e de uma brasileira, que soube amar sua Pátria, e, mantenham no Brasil de amanhã a chama de civismo e de liberdade, acesa em SÃO JOÃO DEL-REI (berço de heróis), Minas Gerais, pelos heróis da INCONFIDÊNCIA (PAIVA, 1969, p.1).

Não somente essa citação, dedicada a crianças, demonstra um ensinamento a respeito da heroína Bárbara Eliodora, há outras alusões que apontam isso, por exemplo, textos em periódicos, homenagens etc. Assim, é evidente a importância do papel que a memória desempenha “através do sistema educativo, ou da ritualização da festa e da monumentalização dos heróis, ou da imposição dos feriados nacionais” (ACHUGAR, 2006, p.236). Ao se refletir que Bárbara Eliodora aparece ensinada como heroína, pode-se mencionar, conforme Sidney Hook (1962, p.16), a relevância do desenvolvimento de culto a heróis. Hook escreve como diversas sociedades têm em seu processo histórico de formação, a memória de homens e mulheres que se destacaram na formação da mesma. Dessa forma, a função pedagógica do nacional está extremamente ligada aos discursos memorialísticos sobre a comunidade, como a lembrança de seus heróis, a qual pode ser pensada entre os

relatos que tendem a produzir uma espécie de épica legitimadora do processo histórico, que respalda os atos e as decisões do setor hegemônico. Por esse motivo necessitam de um relato que dê conta das origens, atos fundacionais, palavras e fatos constitutivos do estado enquanto Estado-nação. (...) Nas “grandes historias”, processa-se a “santificação das origens” (ACHUGAR, 2006, p.245).

Os discursos voltados para a releitura da Inconfidência Mineira como nacionalista e de Tiradentes como herói da nação, e, nessa esteira, de Bárbara Eliodora como heroína da Inconfidência Mineira podem ser lidos sob uma perspectiva althusseriana. Louis Althusser (1998), em *Aparelhos Ideológicos de Estado*, afirma que a realidade se desenvolve através de diferentes práticas que interferem na vivência dos indivíduos. Ele escreve que ideologia deve ser compreendida pela interpelação e sujeição dos sujeitos a ela, assim aponta os Aparelhos Ideológicos de Estado<sup>87</sup>.

---

<sup>87</sup> Doravante AIE.



Os AIE podem ser encontrados em diferentes meios, como religiosos e familiares, e refletem distintos interesses da ideologia dominante. Todavia, cabe destacar a escola como o meio mais forte de construção, divulgação e manutenção da ideologia dominante. Ao substituir a Igreja, o forte AIE de antigamente que dominava diversos meios, inclusive a educação, a escola se tornou presente em diversas fases da vida do ser humano desde o jardim de infância até as series mais avançadas. Responsável pela formação dos indivíduos, o sistema de ensino transmite valores de um processo ideológico de dominação aos mesmos, ensinando-os a se reconhecerem como dominante ou dominado e a reproduzirem essas relações.

Ao se construir uma memória nacional, destacam-se os AIE no desenvolvimento de um culto aos heróis da nação, e em especial àqueles inconfidentes, como Bárbara Eliodora. Entre tantas vozes que inscrevem esse feminino na memória da Inconfidência Mineira e, conseqüentemente, na do Brasil, como as da Igreja, da imprensa e da política, os indivíduos que fazem parte dessa comunidade são levados a se compreenderem enquanto sujeitos de uma esfera brasileira e se sujeitam à memória a eles imposta pelo poder dominante. E no caso de uma memória sobre a Conjuração, a conjuntura pode ser o poder republicano ou, posteriormente, o da ditadura, pois ambos lembraram a ação inconfidente como favorável ao nacionalismo.

A memória de Bárbara Eliodora, ensinada pelos AIE, foi reproduzida por sujeitos ao rememorarem o seu nome, seja em patronatos, seja em ruas. Por isso, diversas experiências (re)lidas nessas memórias mineiras, haja vista o contexto nacionalista, refletem a presença de Bárbara Eliodora enquanto heroína em uma memória arquivada como local, mas que se insere e compõe a nacional. Isso porque, o arquivo, em sua incompletude e condição fragmentária, abre o restrito campo das lembranças locais a um amplo espaço, através de enunciados que (re)significam essa memória além fronteiras.

Homi Bhabha (1998), ao refletir sobre o conceito de nação relacionado à localidade da cultura e ao propor a construção para nacionalidade (*nationness*) como uma forma, principalmente, de afiliação textual explana sobre o nacionalismo. Segundo Bhabha, percebe-se na narrativa a diversidade de escritas que buscam retratar a ideia de nação e de nacionalidade e de como as mesmas se tornam, de forma significativa, metáforas reveladoras do elemento que é nacional ou do que o mesmo deveria ser, para se enquadrar como tal. Embora escreva, pelo olhar da margem, ele assinala que o enunciado de pertença a uma determinada nação é escrito em um duplo discurso: pedagógico e performático.

Ao abordar o pedagógico, Bhabha expõe que a história de determinada comunidade é escrita pelo contexto dominante, que seria o do colonizador europeu. Há, obviamente, um embasamento ideológico que busca construir uma memória linear e homogênea para determinado grupo e a delimita de forma fixa na coletividade. Nesse sentido, podem ser pensados, muitas vezes os AIE, principalmente, em relação à lembrança de Bárbara Eliodora. Isso porque é própria do discurso pedagógico a manipulação de memórias, como: comemoração de acontecimentos, heróis, datas, símbolos nacionais etc.

Entretanto, na escrita pedagógica do nacional, pretendida como um discurso homogêneo, evidenciam-se traços que se constituem como rasuras na mesma e apontam uma heterogeneidade do discurso nacionalista. Assim, pode ser pensada a estratégia performática de escrita da nação. Esse discurso estrategicamente constituído pelas minorias, para Bhabha, busca contradizer o pedagógico apresentando outra versão para a história nacional, sob um olhar provindo da margem.

Embora as histórias e estórias sobre Bárbara Eliodora sejam observadas em um discurso performático, deve se destacar que ao mesmo tempo são questionadas. Há dúvidas acerca de seu nome, da cidade e data de seu nascimento e o local onde se encontram seus restos mortais. Através dos AIE, nota-se uma diversificação de sua imagem, que é branca e negra, aristocrática e do povo, culta e inculta, sã e louca, heroína ou não. Isso a torna uma figura ambígua que se insere de forma unissonante no imaginário coletivo e se adéqua a qualquer discurso nacionalista. Torna-se perceptível, até mesmo de uma forma performática, como o discurso sobre uma imagem heroica de Bárbara Eliodora transita entre o pedagógico e o performático, através de um jogo semântico no qual esses dois tipos de discursos parecem desconstruí-la e construí-la, no caso do discurso pedagógico, descentralizando sua imagem.

As diversas alusões, e em especial as homenagens (i) materiais, datadas de épocas diferentes e presentes em locais distintos, procuram relacionar a imagem de Bárbara Eliodora a um âmbito maior que o local ou regional, de maneira que sua lembrança migra de uma memória mineira para o posto da memória nacional. Conclui-se, que a cristalização da figura de Bárbara Eliodora no imaginário coletivo, investida principalmente do papel de heroína da Inconfidência, aparece como produto do meio sócio-histórico-cultural e ideológico, que procura interligá-la à construção do sentimento da nacionalidade brasileira. Não se podem apontar conclusões definitivas, como afirmar que Bárbara Eliodora pairou entre um feminino alegórico ou um heroísmo simbólico e mitificado, mas alguns questionamentos foram

levantados para colocar sua figura em discussão, enquanto um bordado inconfidente na memória nacional brasileira. Afinal, pela memória coletiva,

Se é um tanto apagada a feição de D. Bárbara Heliadora a sua figura, segundo a tradição, empolga e assombra considerada à luz do seu papel no drama da Inconfidência (BRANDÃO, 1969, p.8).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em uma representação de feminino relacionada a um sentimento de nação brasileira leva a perguntas: Qual nome? Qual memória? Quem seria a mulher brasileira? A busca de figuras que pudessem se tornar respostas a essas perguntas pode ser entendida como similar à busca de um herói nacional, e, no caso, de uma heroína, pois reflete a necessidade de se encontrar uma imagem que a comunidade possa apresentar a si mesma, e a outras, como motivo de orgulho próprio. Na construção de um sentimento de nação, como “comunidade imaginada”, aparece desenvolvida a figura do herói, abordado nesse estudo como símbolo nacional. Não há como se definir o contexto ideal para se encontrar referências a um feminino heroico, mas devem ser consideradas manifestações sobre figuras de mulheres que possivelmente foram lembradas e construídas, como tal. Dentre as quais, Bárbara Eliodora, bordada na memória coletiva do Brasil como heroína da Inconfidência Mineira.

Sendo uma figura discutida, homenageada, lembrada e, de certa forma, uma tradição “inventada” na memória da Inconfidência Mineira, seja na fala de autores como Cecília Meireles (2005), seja em outras vozes pouco conhecidas como de Alcione Wanda de Bonhomme (1983), Bárbara Eliodora aparece como um feminino construído, na perspectiva da constituição de um sentimento nacionalista no Brasil.

Bárbara Bela

Aonde Bárbara  
nesta noite bela?  
Aonde bela  
nesta noite bárbara?

Estrela de libertação.

Na escura cela  
sem Bárbara  
sem bela  
Alvarenga acalanta

Sonhos de libertação.

E pobre Bárbara  
sempre bela  
por entre ruas e vielas  
chama Alvarenga  
e enlouquece

Grilhões de libertação

Verdade Bárbara  
ou mentira bela

eis um episódio da  
CONJURAÇÃO.  
(BONHOMME, 1983, p.3)

Faz-se necessário colocar que não somente a figura de Bárbara Eliodora foi escrita enquanto mulher e heroica, outras aparecem na memória do Brasil, como a catarinense Ana Maria de Jesus Ribeiro, a Anita Garibaldi. Ela foi reconhecida, de modo oficial, como heroína brasileira em 2012, através da aprovação da escrita de seu nome no *Livro de Aço dos Heróis Nacionais*<sup>88</sup>. Casada com Giuseppe Garibaldi, considerado o herói da Guerra dos Farrapos, uma tentativa de implementação de uma república no sul do país, sua figura permanece associada aos valores republicanos.

Entre os nomes de mulheres aprovados por projeto de lei, tem-se a catarinense Anita Garibaldi, a segunda mulher após a baiana Ana Néri<sup>89</sup>. Anna Justina Ferreira Nery, a primeira cujo nome foi aprovado para constar entre os heróis da nação, destacou-se na área da enfermagem como a primeira enfermeira brasileira, tendo trabalhado durante a Guerra do Paraguai (1864-1870). Porém, por maior que apareça o destaque a Bárbara Eliodora na memória coletiva do país, e não apenas na mineira, essa mulher aclamada heroína, segundo registros que encontrei sobre sua memória, não se encontra entre os nomes inscritos no *Livro dos Heróis*, o qual apenas consta de nomes de homens. Ela também não está na lista dos nomes aprovados para inscrição, mas ainda não inscritos, como Anita Garibaldi e Ana Neri, e muito menos entre os candidatos a um projeto de lei para tal.

Ambas, bem como Bárbara Eliodora, são exemplos de como o feminino aparece construído no imaginário nacional, como consta em uma das fontes memorialísticas utilizada neste trabalho, o livro escrito pelo general Carlos Augusto de Campos, em 1917, *As heroínas do Brasil: perfis biographicos da história militar do Brasil*. Todavia, mais que ser a pioneira da enfermagem no país ou a guerreira da Farroupilha, Bárbara Eliodora é a Heroína da Inconfidência Mineira, sempre presente ao lado de outro herói, Tiradentes. Ao analisar o *corpus* que organizei para a esta dissertação, para minha leitura enquanto intérprete desse “acervo” nacional, observei a representação de Bárbara Eliodora em diversas imagens, as quais se convertem e convergem em uma única representação, a heroica.

Assim, esta dissertação atentou para temas que povoam o imaginário da memória coletiva brasileira e que são manipulados de modo a interpelar a mente dos indivíduos de determinada comunidade construída como nacional, por exemplo, as imagens do feminino e

---

<sup>88</sup> Anita Garibaldi teve determinada sua inscrição nesse Livro pela Lei 12.615, de 30 de abril de 2012.

<sup>89</sup> Ana Nery teve determinada sua inscrição nesse Livro pela Lei 12.105, de 2 de dezembro de 2009.

as do herói. Ao ler a imagem de Bárbara Eliodora, sob esse duplo viés, heroico e feminino, busquei dados que pudessem endossar esse pensamento, por exemplo, o seu nome em ruas, localizadas através de guias de ruas *on line*, como: “Apontador.com: Locais, Endereços, Telefones ao seu redor”, e o endereço eletrônico dos Correios.

Encontrei grande parte das referências e homenagens a ela em periódicos, como o SLMG e o *Jornal do Poste*, e, embora todos esses textos sejam citados na bibliografia da dissertação, escolhi usar aqueles que fossem de “autores” sobre os quais encontrei informações, pois muitos eram desconhecidos e os textos eram similares. Visto que o *corpus* desta dissertação se compõe por diferentes leituras, parciais, sobre Bárbara Eliodora, torna-se questionável não apenas o uso do mesmo. Todavia, creio que se trata de pensar o contexto cultural, em si, imerso em desconstruções e em dois aspectos tão (in)certos como história e memória, os quais tentei trabalhar de forma crítica.

Ao se pensar na pertinência da leitura das fontes, conclui-se que há uma sucessão de representações da figura de Bárbara Eliodora que parecem caracterizar e endossar a construção de um heroísmo no feminino. Contudo, é viável ressaltar que não é nossa intenção confirmar ou negar o conteúdo dessas construções sobre Bárbara Eliodora, assim como a idealização de uma imagem romanceada da mesma, mas intentamos um estudo de sua representação no imaginário da nação, a partir do contexto em que está inserida: a Inconfidência Mineira. De modo que, esta dissertação se propôs a um estudo da imagem de Bárbara Eliodora bordada enquanto Heroína da Inconfidência e possivelmente nacional, seja nas construções do feminino e do heroísmo, seja uma que unifique ambas.

Embora haja registros de uma memória heroica acerca de Bárbara Eliodora em tempos diversos ao longo do século XX, especialmente em 1969, ano do sesquicentenário de seu falecimento, não achamos necessário fazer um recorte temporal na pesquisa. Aliás, a nossa proposta foi o contrário: apresentar diversas manifestações acerca desse heroísmo em diferentes épocas e locais. Poderíamos ter focalizado apenas o ano dos 150 anos de sua morte, mas fontes interessantes seriam deixadas de lado. Também houve, em certo momento, um intuito de se destacar o período da Ditadura Militar, mas a releitura sobre a Inconfidência, e conseqüentemente, de Bárbara Eliodora, abrangeu outras épocas. Por isso, optei por colocar pontos de um bordado disperso no tempo.

Outra leitura sobre Bárbara Eliodora poderia ser especificamente relacionada com feminismo, pois a época de sua releitura coincide com a efervescência desse movimento e com a busca por figuras de mulheres que a sociedade silenciou, na história e na literatura.

Deve-se mencionar que a construção sobre ela foi realizada, majoritariamente, por homens, parte de um sistema de “dominação masculina” que os levou a descreverem Bárbara Eliodora como inserida no meio patriarcal. Todavia, optamos por ler esse feminino sob a perspectiva de gênero, mas utilizando outros focos teóricos, como o da nação e o da memória.

Muito foi escrito sobre a Conjuração Mineira e seus participantes, seja em materiais históricos, seja em literários ou didáticos. Até mesmo em trabalhos sobre memória, por exemplo, em estudos acerca da constituição da figura de Tiradentes. Contudo, há muito para se explorar nesse contexto, inclusive sobre Bárbara Eliodora. Há a necessidade de se buscar mais fontes acerca de sua imagem e história. Como foi proposto, inicialmente, o *corpus* dessa pesquisa, embora se utilize de fontes como livros e o SLMG, provém majoritariamente da cidade de São João del-Rei.

Destaco, por conseguinte, uma possível e pertinente pesquisa de campo, pois existem cidades pelas quais Bárbara Eliodora passou, por exemplo, São Gonçalo do Sapucaí e Campanha, ou que a ela se refere, com o nome de Heliodora, que não desenvolvi de forma ampla. Logo, outras referências acerca de Bárbara Eliodora poderiam ser encontradas, a fim de abranger e suplementar este estudo, e, inclusive, novas leituras poderiam ser feitas. Uma certeza é esta: a variedade de *corpus* que abrange sua figura é expressiva.

Visto que a maioria das alusões a Bárbara Eliodora são escritas acerca de sua vida, pode-se mencionar a necessidade de um estudo voltado para a teoria biográfica, pois existe uma linha na crítica literária biográfica desconstrutora a respeito das relações vida e obra. No entanto, esse enfoque demandaria um aprofundamento específico e talvez, até, um recorte nas fontes, as quais não foram encontradas, de forma suficiente, até o momento.

Além disso, as referências a Bárbara Eliodora enquanto poeta, por ter escrito apenas dois poemas, apontam uma lacuna em sua imagem. Afinal, sua obra não “existe”, por quê? Não escrevia? Seus versos foram silenciados em uma tradição de escrita misógina? Ou teriam sido “apagados” pelo desfecho da Inconfidência, como foram, segundo Manuel Rodrigues Lapa (1960), grande parte dos de Alvarenga Peixoto? Como seu heroísmo foi embasado na figura do marido conjurado, estariam seus textos poéticos na esteira de seu esposo, poeta árcade? Ainda que o ser poetisa fosse apenas um construto, penso que essa imagem carece de um aprofundamento para elucidar algumas indagações, como as expostas, pois Bárbara Eliodora é um feminino que transita do histórico para o literário, sendo lembrada não apenas como musa, mas como poeta.

Não podemos deixar de incluir outro ponto que abrange não somente Bárbara Eliodora, mas outras mulheres do período: o feminino e a Inconfidência Mineira. Além da esposa de Alvarenga Peixoto, poucos nomes aparecem, como: Hipólita Teixeira, Marília de Dirceu e uma filha de Tiradentes, Joaquina. Quem foram ou que memória diz sobre essas mulheres tão diferentes entre si e de Bárbara Eliodora (será?), mas lembradas, mesmo que de modo nebuloso, entre esposas, musas e filhas anônimas dos conjurados? Além disso, ao se tomar *História das Mulheres no Brasil*, de Mary Del Priore (1997), e, em especial, um dos ensaios dessa obra, “Mulheres nas Minas Gerais”, de Luciano Figueiredo, é possível refletir sobre a postura ativa das mineiras setecentistas e questionar sobre uma participação maior de mulheres na Conjuração e não apenas sob a “sombra” de homens. Há sempre a necessidade de se buscar, em qualquer conjuntura, o feminino, muitas vezes silenciado e relegado à marginalidade. Embora se encontre o mesmo em meio a “bordados”, como acontece com Bárbara Eliodora.

Não encontrei alusões atuais específicas a Bárbara Eliodora, mas, ao lê-la como uma provável alegoria feminina para a nação brasileira, esse período contemporâneo de silenciamento deixa transparecer como o contexto de globalização transcende o nacional. “A teoria do esquecimento como cancelamento pressupõe uma memória a longo prazo constituída por um campo-lembrança ao mesmo tempo vasto e limitado” (COLOMBO, 1993, p.96-97). E mais uma vez, na história e/ou estória da nação, bordados são feitos e desfeitos, de acordo com as necessidades da temporalidade. Wander Miranda (2010) destaca que a globalização descentralizou a nação do espaço que a mesma ocupou em grande parte do século XVIII, e, por isso, na contemporaneidade há uma redução do cultivo do sentimento de pertença a um determinado local.

Nos dias de hoje se pensa o transnacional, o que aponta para um apagamento de certos registros da nação como a figura do herói nacional, conforme explica Joseph Campbell (1991). Ele elabora que as facilidades de mudanças são tantas, que não há como se elaborar algo, como a figura de um herói e por isso a mesma está em baixa, no momento. No século XXI, Tiradentes, herói e patrono da nação brasileira, permanece em lembranças, em comemorações cívicas, estátuas... Enfim, sua imagem está encerrada em acervos de um passado, não muito distante. Estando Bárbara Eliodora à sombra dele ou do contexto inconfidente está silenciada e à mercê de outras rasuras, como as do tempo. Possamos, por fim, esperar em nossos dias diferentes leituras, bordadas ou não, que nos mostrem se existem construções desta época e para que tipo de sentimento apontam.



### **Fala dos inconfidentes mortos**

(...)

Mas, no horizonte  
do que é memória  
da eternidade,  
referve o embate  
de antigas horas,  
de antigos fatos,  
de homens antigos.

E aqui ficamos  
todos contritos,  
a ouvir na névoa  
o desconforme,  
submerso curso  
dessa torrente  
do purgatório...

Quais os que tombam,  
em crime exaustos,  
quais os que sobem,  
purificados?

FIM

(MEIRELES, 2005, p.237)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ELETRÔNICAS

ACHUGAR, Hugo. Direitos de memória: sobre independências e Estados-nação na América Latina. In: *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 221-249.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo sexo II: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

\_\_\_\_\_. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

\_\_\_\_\_. A Paris do Segundo Império em Baudelaire. In: KOTHE, Flávio R. (Org.) *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985, p. 44- 122.

BHABHA, Homi K. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: \_\_\_\_\_. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p.198-238.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena. 1991.

\_\_\_\_\_. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

CARVALHO, Aline Fonseca. *A conveniência de um legado adequável: representações de Tiradentes e da Inconfidência Mineira durante a Ditadura Militar*. 2006. 150f. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 1989.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.) e BASSANESI, Carla (Coord. de Textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, UNESP Fundação, 1997, p.161 a 189.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva S.A.,1993.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FURTADO, João Pinto. *O manto de Penélope: história, mito e memória da Inconfidência Mineira de 1788-9*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FRANCA, Júnia Lessa. *Manual para normalização de publicações técnico científicas*. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 1992.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. The queen's looking glass: female creativity, male images of woman, and the metaphor of literary paternity. In: *The Madwoman in the attic: The woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. New York: Yale University Press, 2000, p. 3-44.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1870: Programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_. *A Era das revoluções: Europa 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

\_\_\_\_\_. ; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Belo Horizonte: Paz e Terra, 2008.

HOOK, Sidney. *O Herói na história*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.

LaGUARDIA, Adelaine. A mulher e o sonho da nação: políticas de gênero em *O Mentor das Brasileiras*. In: TOLENTINO, Magda Velloso Fernandes de. (Org.). *Nação e identidade: ensaios em e crítica cultural*. São João del-Rei: UFSJ, 2007, v.1, p. 37-90.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

LUNDU. In: *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br>> Acesso em 9 set. 2012. Não paginado.

MARQUES, Reinaldo. Memória literária arquivada. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v.18, n.1, 2008, p.105- 119.

MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*. São Paulo: Contexto, 1994.

MIRANDA, Wander Melo. *Nações literárias*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*, v. 11, n. 2, 2000, p. 9-4.
- NOVAES COELHO, Nelly. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-200*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- PARAENSE, Sílvia Carneiro Lobato. História, memória e mito no Romancelo da Inconfidência. *Fragmentum*. Santa Maria: UFSM, n.1, set. 2001, p. 10 a 30.
- PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. DOSSIÊ: História das mulheres no ocidente. *Cadernos Pagu*, n.4,1995, p.9-28.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15.
- \_\_\_\_\_. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v.5, n.10, 1992, p. 200-212.
- RENAN, Ernest. Que é uma nação? Tradução de Samuel Titan Jr. *Plural*, Sociologia, São Paulo: USP, n.4, 1 sem 1997, p. 154-175.
- RESENDE, Maria Ângela de Araújo. *A República em folhetim: A Pátria Mineira formando almas*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG, programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, 2005.
- SCHUMAHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital (orgs). *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar LMTA, 2001.
- WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: *Trópicos do discurso: ensaios sobre a Crítica da Cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- VASCONCELLOS, Eliane. Bárbara Heliodora: vida. Disponível em: <[http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/barbara\\_vida.html](http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/barbara_vida.html)> Acesso em 9 set. 2012. Não paginado.
- \_\_\_\_\_. Nem só de Drummond e Guimarães Rosa vive a Literatura Mineira. *Anais do IX Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/oz/FCRB\\_ElianeVasconcellos\\_Nem\\_so\\_de\\_Drummond\\_e\\_GuimaraesRosa\\_vive\\_a\\_literatura\\_mineira.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/oz/FCRB_ElianeVasconcellos_Nem_so_de_Drummond_e_GuimaraesRosa_vive_a_literatura_mineira.pdf)> Acesso em 9 set. 2012. Não paginado.

## REFERÊNCIAS DO CORPUS

- ACADEMIA de Letras de São João del Rei. 9-Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira. Patronos e acadêmicos. Cadeiras / Patronos. Disponível em: <<http://www.academialetrassjdelrei.org.br/patronos/index.html>>. Acesso em: 01 nov. 2012.
- ACADEMIA Feminina Mineira de Letras. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/acadfemininamineiradeletras/>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

ACADEMIA Feminina de Letras e Artes Mossoroense. Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira. Cadeira 21. III- Patrona. Disponível em:  
<<http://www.aflammosoro.com.br/patrona21.html>>. Acesso em: 10 out. 2012.

ACADEMIA Mineira de Letras. Cadeira 24-Patrono: Bárbara Eliodora (1758-1819). Os acadêmicos. Cadeiras. Disponível em:  
<<http://www.academiamineiradeletras.org.br/cadeiras.asp>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

ACADEMIA Paulista de Letras. Patrono da Cadeira n.8: Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira Bueno. Patronos. Disponível em:  
<<http://www.academiapaulistadeletras.org.br/patronos.html>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

ANDRADE, Mário de. *Noturno de Belo Horizonte*. In: *Obras completas de Mário de Andrade: Poesias Completas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1955, p.179-193.

APONTADOR.com: Locais, endereços, telefones ao seu redor. Disponível em:  
<[www.apontador.com.br/](http://www.apontador.com.br/)>. Acesso em: 30 out. 2012.

ARAÚJO, Célia Lamounier de. História de Bárbara Heliodora. Disponível em:  
<<http://www.celialamounier.net/barbara.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2012.

*Autos de devassa da Inconfidência Mineira*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1976, v. 1-10.

BÁRBARA Bela Estúdios\_ Disponível em:  
<<https://pt-br.facebook.com/BarbaraBelaEstudios>>. Acesso em: 30 nov. 2013.

BRASIL. Decreto-Lei n.9.208, de 29 de Abril de 1946. Institui o dia das policias civis e militares, que será comemorado a 21 de abril. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 2 maio 1946. Disponível em:  
<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-9208-29-abril-1946-417072-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 26 nov. 2012.

BRASIL. Lei n.4.897, de 9 de dezembro de 1965. Declara Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, patrono da Nação Brasileira. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 13 dez. 1965. p.12755. Disponível em:  
<<http://www.soleis.adv.br/patronodanacao.htm>>. Acesso em: 30 mai. 2011.

BRASIL. Lei n.5265, de 29 de setembro de 1969. Reconhece Bárbara Heliodora como patrona do professorado mineiro. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 30 set. 1969. Disponível em:  
<<http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:minas.gerais:estadual:lei:1969-09-29;5265>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

BRASIL. Lei n.7.919, de 11 de Dezembro de 1989. Inscreve os nomes de Tiradentes e Deodoro da Fonseca no *Livro dos heróis da Pátria*. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 12 dez. 1989. Disponível em:  
<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1989/lei-7919-11-dezembro-1989-375176-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 15 mai. 2012.

BRASIL. Lei n.11.597, de 29 de novembro de 2007. Dispõe sobre a inscrição de nomes no *Livro dos heróis da Pátria*. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 30 nov. 2007. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Lei/L11597.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11597.htm)>. Acesso em: 29 abr. 2013.

BRASIL. Lei n. 12.105, de 2 de Dezembro de 2009. Inscreve o nome de Anna Justina Ferreira Nery no *Livro dos heróis da Pátria*. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 3 dez. 2009. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2009/lei-12105-2-dezembro-2009-595648-publicacaooriginal-119316-pl.html>>. Acesso em: 29 set. 2012.

BRASIL. Lei n. 12.615, de 30 de abril de 2012. Inscreve o nome de Anita Garibaldi - Ana Maria de Jesus Ribeiro - no *Livro dos heróis da Pátria*. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 2 mai. 2012. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12615-30-abril-2012-612777-publicacaooriginal-135855-pl.html>>. Acesso em: 29 set. 2012.

BRASIL. Projeto de Lei 527/07, de 19 de abril de 2007. Institui a Medalha de honra ao mérito Bárbara Heliadora. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 20 abr. 2007. Disponível em:

<<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/7989373/doemg-legislativo-20-04-2007-pg-16>>. Acesso em: 29 set. 2012.

CÂMARA Municipal de Heliadora. Cidade Heliadora- História. Disponível em:

<<http://www.cmheliadora.mg.gov.br/municipio>>. Acesso em: 17 abril 2012.

CIDADES históricas brasileiras. Município de Heliadora: Fotos históricas. Disponível em:

<[www.heliadora.mg.gov.br/fotoshist.htm](http://www.heliadora.mg.gov.br/fotoshist.htm)>. Acesso 03 set. 2006.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. *A Galeria das personalidades notáveis de São João del-Rei*. São João del-Rei: Fundação de Apoio à Pesquisa, Educação e Cultura, 1994.

CORREIOS. Disponível em: < [www.buscacep.correios.com.br/](http://www.buscacep.correios.com.br/)>. Acesso em: 30 out. 2012.

ENCICLOPÉDIA dos fatos: crenças, costumes e sociedade. São Paulo: Globo S.A. v.2,1995, p. 95-112.

ESTÁTUA da Liberdade foi presente de franceses para os Estados Unidos. G1 conta a história. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL1213287-16107,00ESTATUA+DA+LIBERDADE+FOI+PRESENTE+DE+FRANCESES+PARA+OS+ESTADOS+UNIDOS.html>> Acesso em 19 set. 2012.

EXPOSIÇÃO comemorativa da Semana da Pátria. A construção da memória nacional: os heróis no Panteão da Pátria. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, Série Cadernos do Museu, n.10, 2010.

FERREIRA, Jurandyr Pires (org.). *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1958.

GUIA das Vertentes. Calendário anual- 24 de maio- Comemoração à Bárbara Heliodora. Disponível em: <[http://www.guiadasvertentes.com.br/index.php?secao=calendario\\_anual&cid=1](http://www.guiadasvertentes.com.br/index.php?secao=calendario_anual&cid=1)>. Acesso em: 30 out. 2012.

GUIA del Rei. Calendário de eventos: 24- Comemoração à Bárbara Heliodora. Disponível em: <[http://www.guiadelrei.com.br/index\\_eventos.php](http://www.guiadelrei.com.br/index_eventos.php)>. Acesso em: 30 out. 2012.

GUIA de ruas. Disponível em: <<http://www.guiaderuas.com.br/>>. Acesso em: 30 out. 2012.

GUIA de ruas. *Quatro Rodas*. Disponível em: <[quatrorodas.abril.com.br/guias-mapas/guiarua.shtml](http://quatrorodas.abril.com.br/guias-mapas/guiarua.shtml)>. Acesso em: 30 out. 2012.

GUIA mais.com. Guia de ruas, endereços, mapas e rotas. Disponível em: <[guiamais.com.br/](http://guiamais.com.br/)>. Acesso em: 30 out. 2012.

GUIMARÃES, Geraldo. Alvarenga Peixoto e Bárbara Heliodora. In: \_\_\_\_\_. *São João del-Rei: século XVIII, História sumária*. São João del-Rei: Editora do Autor, 1996, p. 117-124.

GONÇALVES, Adelto. Bárbara Eliodora: nem poetisa nem heroína. *Vértice*, Lisboa, n. 84, maio/jun. 1998, p. 60-63. Disponível em: <<http://blog.comunidades.net/adelto/index.php?op=arquivo&pagina=5&mms=10&anon=2005>>. Acesso em: 12 nov. 2013. Não paginado.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Cartas chilenas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Marília de Dirceu*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

INCONFIDÊNCIA Mineira. Direção: Carmem Santos. Rio de Janeiro: Brasil Vita Filmes, 1948.

INSTITUTO Histórico e Geográfico de Minas Gerais. 16- Bárbara Heliodora. Quadro de Patronos. Disponível em: <http://www.ihgmg.art.br/patronos.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2012.

INSTITUTO Histórico e Geográfico de São João del Rei. 7- Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira. Patronos de Cadeiras. Disponível em: <<http://www.ihgsaojoaodelrei.org.br/?Pagina=patronos>>. Acesso em: 03 ago. 2012.

INSTITUTO Histórico e Geográfico de São Paulo. Registro Histórico. Disponível em: < <http://www.ihgsp.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/apresentacao.php?sid=545>>. Acesso em: 02 nov. 2012.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.

LEITE, Aureliano. *A Vida heróica de Bárbara Eliodora*. São Paulo: Instituto. Histórico e Geográfico de São Paulo, 1964.

MARTINS, Sebastião. *A dança da serpente*. Belo Horizonte: Editora Lê. 1990.

MATIAS, Paulo. A linda gordinha da Maternidade. Foto de Tião Vítor. *Paulo Matias blog*. Disponível em: <<http://paulomatias.wordpress.com/2010/04/14/a-linda-gordinha-da-maternidade/>>. Acesso em: 14 jun. 2010

MATOS, Gregório de. Ao braço do mesmo Menino Jesus quando apareceu. In: AMADO, James (ed.). *Gregório de Matos: obra poética*. Rio de Janeiro: Record, 1992, p.67.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência: obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

MINAS GERAIS (Estado). Decreto n.11623, de 17 de janeiro de 1969. Institui comissão especial para promover e coordenar as comemorações do Sesquicentenário de morte de Bárbara Heliadora, Heroína da Inconfidência Mineira. Disponível em: <[http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br;minas.gerais:estadual:decreto:1969-01\\_17;11623](http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br;minas.gerais:estadual:decreto:1969-01_17;11623)>. Acesso em: 29 nov. 2012.

MINAS GERAIS (Estado). Decreto n.29.774, de 17 de julho de 1989. Dispõe sobre a Medalha “Alferes Tiradentes”, da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. Disponível em: <[http://www.cscs.org.br/V.01/Legislacoes/DECRETO\\_29774.pdf](http://www.cscs.org.br/V.01/Legislacoes/DECRETO_29774.pdf)>. Acesso em: 29 nov. 2012.

MUNICÍPIO de Heliadora. Fotos históricas. Disponível em: <[www.heliadora.mg.gov.br/fotoshist.htm](http://www.heliadora.mg.gov.br/fotoshist.htm)>. Acesso 03 set. 2006.

NOHMI, Nívia. *História de uma flor: Bárbara Eliadora Guilhermina da Silveira*. Armazém de Idéias, 2004.

OS INCONFIDENTES. Direção: Joaquim Pedro de Andrade. Rio de Janeiro: Filmes do Sêro, 1972. Filme.

PORTAL Turismo Brasil. Casarão Alvarenga Peixoto e Bárbara Heliadora. Disponível em: <<http://www.portalturismobrasil.com.br/atracao/1364/Casarao-Alvarenga-Peixoto-e-Barbara-Heliadora>> Acesso em: 30 maio 2013.

PREFEITURA municipal de Conceição das Pedras. Disponível em: <<http://www.conceicaodaspedras.mg.gov.br/#>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

PREFEITURA Municipal de Heliadora. Cidade Heliadora. Disponível em: <<http://www.heliadora.mg.gov.br/>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

PREZIA, Benedito. *A Guerra de Piratininga: Contra a Cruz e a Espada*. São Paulo: FTD, 1991.

ROULLET, Antoine. A *Marselhesa* não nasceu em Marselha. *História Viva*, ed.82, set.1972. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/a\\_marselhesa\\_nao\\_nasceu\\_em\\_marselha\\_2.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/a_marselhesa_nao_nasceu_em_marselha_2.html)>. Acesso em: 19 out. 2012.

RUSSO, Ramon; DÉCIO, Mano e OLIVEIRA, Nilo. Samba enredo 1958: Exaltação à Bárbara Heliadora. G.R.E.S. Império Serrano (RJ). Disponível em:



<<http://www.radio.uol.com.br/#/letras-e-musicas/gres-imperio-serrano-rj/samba-enredo-1958--exaltacao-a-barbara-heliadora/2232021>>. Acesso em: 19 out. 2012.

SANTOS, Márcia. Solenidade realizada em praça pública pelas polícias civil e militar comemora Dia de Tiradentes. Polícia Militar do Paraná. Disponível em: <<http://www.policiamilitar.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=3488>>. Acesso em: 21 abril 2011.

SÃO João del Rei site. Disponível em: <<http://www.saojoaodelreisite.com.br>>. Acesso em: 02 jun. 2012.

SÃO João del Rei Transparente. Nomes que ilustram nossa terra: Luiz de Melo Alvarenga. Disponível em: <<http://www.saojoaodelreitransparente.com.br/works/view/19>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

SCANTIMBURGO, João de. Discurso de posse em 18/05/1977. Academia Paulista de Letras. Disponível em: <<http://www.academiapaulistadeletras.org.br/discursos-acad-atuais/307-joao-de-scantimburgo-cadeira-no-8.html>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

SECRETARIA da Cultura do Distrito Federal. Biografia dos heróis nacionais. Joaquim José da Silva Xavier- O Tiradentes – (1746-1792). Disponível em: <[http://www.sc.df.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=180:panteao&catid=66:panteao&Itemid=81](http://www.sc.df.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=180:panteao&catid=66:panteao&Itemid=81)>. Acesso em: 15 maio 2012.

\_\_\_\_\_. Panteão da Pátria Brasília – DF. Disponível em: <[http://www.sc.df.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=174:panteao&catid=66:panteao&Itemid=81](http://www.sc.df.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=174:panteao&catid=66:panteao&Itemid=81)>. Acesso em: 15 maio 2012.

SILVA, Domingos Carvalho da. *Gonzaga e outros poetas*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1970.

\_\_\_\_\_. *Obras poéticas de Inácio José de Alvarenga Peixoto*. São Paulo: Clube de Poesia, 1956.

SILVA, Terê. Defesa da patrona da cadeira n.9 - Bárbara Heliadora Guilhermina da Silveira. Poemas de Terê Silva - UOL Blog. Disponível em: <[poemasdeteresilva.zip.net/](http://poemasdeteresilva.zip.net/)>. Acesso em: 10 out. 2012.

SITE oficial da Presidência da República Francesa. Élysée Présidence de La République. La Marseillaise de Rouget de Lisle. Disponível em: <<http://www.elysee.fr/president/la-presidence/les-symboles-de-la-republique-francaise/la-marseillaise/la-marseillaise-de-rouget-de-lisle.637.html>>. Acesso em: 04 fev. 2013.

SOUZA, Sebastião Higino & HARZUNE, Guilherme. *Santa Rita do Rio Abaixo (Ritápoles): Memórias, história e causos*. São João Del Rei: Imprimax/Gráfica Del Rei Ltda, 2012.

SOUZA SILVA, Joaquim Norberto de. *História da Conjuração Mineira*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.

TIRADENTES. Direção: Geraldo Vietri. São Paulo: Art Films; E. C. Distribuição, Importação e Produção Cinematográfica Ltda, 1977. Filme.

TIRADENTES. Direção: Oswaldo Caldeira. Rio de Janeiro: Oswaldo Caldeira Produções Cinematográficas; Trade Comunicação, 1999. Filme.

TV Campos de Minas. Restauração de obras do Museu Bárbara Heliodora. Notícias 17 de janeiro de 2013. Disponível em: <<http://www.tvcamposdeminas.com.br/?p=4166>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

VENUS DE WILLENDORF. In: *El art prehistorico*. Disponível em: <<http://thales.cica.es/rd/Recursos/rd98/HisArtLit/01/artepreh.htm> > Acesso em 10 dez. 2013.

### Fontes primárias e periódicos:

ALVARENGA, Luis de Melo. Documentos genealógicos de Bárbara Eleodora e Tiradentes. *Vozes de Petrópolis*, v.12, fasc. 5, set/out, 1954, p.489-506.

ARQUIVO Público Mineiro. MM-284-Antiga residência de Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira em São Gonçalo do Sapucaí (MG). Disponível em: <[http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico\\_docs/viewcat.php?cid=624&num=10&orderby=dateD&pos=710](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/viewcat.php?cid=624&num=10&orderby=dateD&pos=710)>. Acesso em: 05 jan. 2013.

CAMPOS, Carlos Augusto de. *As heroínas do Brasil: perfis biographicos da história militar do Brasil*. São Paulo: s.n, 1917.

CASASSANTA, Guerino. Bárbara Heliodora. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 4, p. 199-206, 1957.

CRUZ E SILVA, Antonio Diniz da. *Poesias de Antonio Diniz da Cruz e Silva: na Arcadia de Lisboa Elpino Nonacriense*. Lisboa: Typografia Lacerdina, v.6, 1807, p.155. Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <<http://purl.pt/12111>>. Acesso em: 06 dez. 2012.

GUIMARÃES, Fábio Nelson. A Respeitável Dama da Inconfidência. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*. São João del-Rei, v.4, n.4, p.51-53,1986.

LEITE, Aureliano. Bárbara Eliodora: heroína da Inconfidência e patrona da minha cadeira. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, ano 12, n.48, p.26-32, 1949.

\_\_\_\_\_. Bárbara Eliodora. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, ano 19, n.64, p.18-23, 1959.

PAIVA, Sebastião Raimundo de. *Livro de Tombo*, o 3º livro do ano 1969, 3º, Livro de Tombo, livro do ano 1969, da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, em São João del-Rei, p.11.

\_\_\_\_\_. *A Heroína da Inconfidência*. São João del-Rei, 1969.

PEIXOTO, Alvarenga. Bárbara Bela. *Jornal de Poesia*. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/alv01.html>>. Acesso em: 03 out. 2011.

RAMALHO, Oyama de Alencar. Bárbara Heliodora ou Eliodora? *Revista da Academia de Letras de São João del-Rei*, ano 3, n.3, 2009, p. 23-46.

REZENDE, Maria Beatriz Pires de. *Cidade da Campanha*. Campanha: Prefeitura Municipal da Campanha. Serviço Municipal de Cultura, 2002. 6p. (Folheto)

SIMÕES, Cláudia. Bárbara Eliodora. *Gazeta de São João Del Rei*. São João del Rei, outubro, 2007, p.6.

SOUZA SILVA, Joaquim Norberto. *Obras poéticas de Inácio José de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1865. Disponível em:  
<<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/03936400#page/32/mode/1up>>. Acesso em: 28 set. 2012.

WERNECK, Américo. *A heroína da Inconfidência*. Cidade de Minas, Imp. Oficial. 1900

### ***Suplemento Literário do Minas Gerais:***

*Suplemento Literário de Minas Gerais*. Websuplit. Disponível em:  
<<http://www.letras.ufmg.br/websuplit/Lib/Html/WebSupLit.htm>>. Acesso em: 04 jul. 2011.

BONHOMME, Alcione Wanda de. Bárbara Bela. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.18, n. 858, mar., 1983, p.3.

BRANDÃO, João Lúcio. Elogio de Bárbara Heliodora. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n. 143, maio, 1969, p.8.

CASASANTA, Guerino. Bárbara Heliodora. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n.143, maio, 1969, p.2.

CANDIDO, Antonio. Alvarenga Peixoto. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n.144, maio, 1969, p.1.

FERREIRA, Delson Gonçalves. Bárbara Eliodora: história & estórias. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.14, n.779/780, set., 1981, p.4-5.

GRAVATÁ, Hélio. Bárbara Heliodora; contribuição bibliográfica. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n.143, maio, 1969, p.11.

\_\_\_\_\_. Bibliografia de e sobre Inácio José de Alvarenga Peixoto. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v. 4, n. 144, maio 1969, p.10-11.

HELIODORA, Bárbara. Conselhos a meus filhos. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n.143, maio, 1969, p.7.

IGLÉSIAS, Francisco. Introdução ao estudo do caráter nacional. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n.156, ago., 1969, p.2.

\_\_\_\_\_. Brasil e Portugal 1750-1808: conspirações. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.9, n.415, ago., 1974, p.12.

\_\_\_\_\_. A Conjuração documentada. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.12, n.540, jan., 1977, p.8.

\_\_\_\_\_. Conspiração Mineira-Começo de uma Consciência Nacional. In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*, n.1.125, s, jul., 1989, p.13.

JARDIM, Márcio. Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Cláudio Manoel: três poetas inconfidentes. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.22, n.1125, jul. 1989, p.22.

KAR'NEHRU, Gerard Eluard du, pseud. (Geraldo Eduardo Ribeiro Carneiro). Bárbara Heliadora. Ilustrador: Júnia Grimaldi. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.18, n.887, out., 1969, p.2.

LAPA, Manuel Rodrigues. A História, os “estoriadores” e o caso de Bárbara Heliadora. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n.154, ago., 1969, p.4-5.

LEITE, Aureliano. A poetisa Bárbara Heliadora. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n.143, maio, 1969, p.6.

LISBOA, Henriqueta. Drama de Bárbara Heliadora. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n.143, maio, 1969, p.12.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. Bárbara Bela. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v. 4, n. 155, ago. 1969, p.7.

MARTINS, Sebastião. No vôo do tempo, a espera do que nunca mais vir. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.23, n.1148, jun., 1990, p.12.

MEIRELES, Cecília. Romance do entêrro de Bárbara Heliadora. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n.143, maio, 1969, p.9.

\_\_\_\_\_. Romance de um tal Alvarenga. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n.143, maio, 1969, p.9.

MOURÃO, Rui e ARAÚJO, Laís Corrêa de. (org.). I Bárbara Heliadora. *Suplemento Literário do Minas Gerais* (número especial). Belo Horizonte, v.4, n.143, maio, 1969, p.1.

OLIVEIRA, Martins de. A Heroína da inconfidência. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n. 143, maio, 1969, p.4-5.

PEIXOTO, Alvarenga. Bárbara Heliadora. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n. 143, maio 1969, p.1.

\_\_\_\_\_. Conselhos a meus filhos. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v. 10, n. 471, set. 1975, p.11.

PINTO, Rolando Morel. Vida e obra de Alvarenga Peixoto. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v. 10, n. 443, mar. 1975, p.12.

RIVERA, Bueno de. Ressurreição de Bárbara. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n.144, maio, 1969, p. 9.

SANTOS, Lúcio José dos. O destino da família de Alvarenga. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n.144, maio, 1969, p.12.

\_\_\_\_\_. Prisão e depoimento de Alvarenga Peixoto. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n.144, p.4, maio, 1969, p.4.

SILVA, Péricles Eugênio. Alvarenga Peixoto. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v. 4, n. 144, maio 1969, p.2.

SOUZA SILVA, Joaquim Norberto de. O drama de Bárbara e Alvarenga. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n.143, maio, 1969, p.10-11.

VALLADÃO, Alfredo. Maria Efigênia: a princesa do Brasil. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, v.4, n.143, maio, 1969, p.3.

### ***Jornal do Poste***

NETTO, João Lobosque. Casa de Bárbara Eliodora é notícia! *Jornal do Poste*. São João del-Rei, n.121, 3 ed., 4 de maio, 1969. Não paginado.

\_\_\_\_\_. A Heroína de São João del-Rei. *Jornal do Poste*. São João del-Rei, n.123, 2 ed., 5 de maio, 1969. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Bárbara Eliodora. *Jornal do Poste*. São João del-Rei, n.127, 2 ed., 6 de maio, 1969. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Pró-festividades do 150º aniversário de falecimento de Bárbara Eliodora. Curso Cultural de Extensão Bárbara Eliodora. *Jornal do Poste*. São João del-Rei, n.128, 3 ed., 6 de maio, 1969. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Casa de Bárbara sofre... ‘reparo’! *Jornal do Poste*. São João del-Rei, n.135, 1 ed., 9 de maio, 1969. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Genealogia histórica. *Jornal do Poste*. São João del-Rei, n.156, 1 ed., 15 de maio, 1969. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Sesquicentenário de Bárbara Eliodora. *Jornal do Poste*. São João del-Rei, n.162, 1 ed, 17 de maio, 1969.

\_\_\_\_\_. 10ª Delegacia Regional de Ensino - São João del-Rei. Prêmio concurso literário sobre Barbara Eliodora. *Jornal do Poste*. São João del-Rei, n.163, 3 ed., 17 de maio, 1969. Não paginado.

\_\_\_\_\_. A vésper da Inconfidência. *Jornal do Poste*. São João del-Rei, n.168, 3 ed., 18 de maio, 1969.

\_\_\_\_\_. Bárbara. *Jornal do Poste*. São João del-Rei, n.173, 4 ed., 19 de maio, 1969. Não paginado.

\_\_\_\_\_. A heroína- acróstico. *Jornal do Poste*. São João del-Rei, 20 de maio, 1969. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Programa do Sesquicentenário. Amanhã, desfile para Bárbara Eliodora. *Jornal do Poste*. São João del-Rei, n.185, 2 ed., 23 de maio, 1969. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Bárbara Heliadora. *Jornal do Poste*. São João del-Rei, n.193, 1 ed., 25 de maio 1969. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Poetisa e heroína (crônica). *Jornal do Poste*. São João del-Rei, n.154, 2 ed., 25 de maio 1969. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Ecos dos festejos de Bárbara Eliadora. *Jornal do Poste*. São João del-Rei, 26 de maio 1969. Não paginado.